

ABRINDO AS JANELAS DO TEMPO Pela Terapia da Regressão

por Dr. Edison Flávio Martins



Este livro já foi publicado: MARTINS, Edison, Flávio. "ABRINDO AS JANELAS DO TEMPO – Pela Terapia da Regressão", Campinas - S. P: Editora Livro Pleno, 2001, ISBN: 85-87622-21-8. Atualmente, está esgotado e com o contrato rescindido por mim com a editora original. Estou procurando uma grande editora para reeditá-lo.

Prefácio do conhecido terapeuta holandês Hans Wolfgang TenDam, autor dos livros: *Cura Profunda* e *Panorama sobre a Reencarnação – Vols. 1 e 2*, publicados no Brasil pela Summus.

Antes da publicação pela Editora Livro Pleno, esta obra foi registrada por mim na Fundação Biblioteca Nacional em 12 de maio de 1999 sob o nº 173.552, Livro: 292, Folha: 199.

Revisão da ortografia e sintaxe por Antonio Nazareno Favarin.



RELEASE
(Para os Editores)

Este livro poderia ser dividido em três partes: na primeira, depois de uma introdução, o autor expõe os motivos que o levaram a dedicar-se à Terapia Regressiva contando parte de sua história pessoal centrada principalmente na perda de sua filha, então com 18 anos, em 1995, em um acidente de ônibus de excursão promovido por sua escola. São relatados os traumas vividos pelo autor e sua família e também tudo de bom que esta perda significou em termos de crescimento pessoal e espiritual dos envolvidos.

A segunda parte é um resumo das principais técnicas e autores da Terapia Regressiva que têm a finalidade de colocar para o leitor leigo a maneira como são aplicadas. Os principais autores são citados e, ao final do livro, é apresentada uma bibliografia.

A terceira parte é o relato de oito sessões de Terapia Regressiva com um cliente cuja queixa era: “Nada dá certo para mim”. Certamente, esta queixa é comum a muitas pessoas hoje em dia, quando o mundo está atravessando um período de grandes mudanças e muita gente poderá se identificar com este cliente. A queixa foi resolvida nestas oito sessões. O caso é analisado e discutido.

As sessões foram gravadas e depois condensadas, mas mantendo parte dos diálogos para que o leitor possa ter uma idéia das dificuldades encontradas e como contorná-las. Além disso, procurou-se desmistificar a Terapia Regressiva mostrando tratar-se apenas de um tipo de abordagem psicoterápica eficiente e de resultados mais rápidos em comparação com outras técnicas tradicionais.

O livro é dirigido ao público em geral e também a médicos e psicólogos interessados no tema ou que queiram ter um primeiro contato com a Terapia da Regressão.

RESUMO DO CURRÍCULO

IDENTIFICAÇÃO

Nome – Edison Flávio Martins

R.G. - 3.358.967

CPF – 630.053.528/20

Nascimento – 20 de setembro de 1944, em São Paulo – SP.

Endereços:

Residência: (para correspondência)

Rua Hildebrando Pralon Ferreira Leite, 149.

São José dos Campos – SP.

CEP 12242-100

Tel. – (012) 3941-8047.

Consultório:

Avenida Heitor Villa Lobos, 1.550 – Vila Ema.

São José dos Campos – SP.

Tel. - (012) 3941-2623.

Celular – (012) 9156-7808.

E-mail: edflama@yahoo.com.br

Homepage: <http://www.terapiaregressiva.med.br>

FORMAÇÃO

Colação de Grau no dia 15 de janeiro de 1973, pela Faculdade de Medicina da Irmandade de Misericórdia de Taubaté.

1. Estágio de Residência no Hospital do Servidor Público do Estado de São Paulo “Francisco Morato de Oliveira” por concurso público de 1º de janeiro a 28 de fevereiro de 1973 – Departamento de Cirurgia Vascular.
2. Estágio de Residência através de concurso público no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo na Clínica Urológica do Departamento de Cirurgia – Serviço do Prof. Dr. Geraldo de Campos Freire de 1º de março de 1973 a 28 de fevereiro de 1974.
3. Participação como Congressista e Co-autor de Trabalhos Científicos no Congresso Brasileiro de Urologia Pediátrica em São Paulo – 1974.
4. Participação como Congressista e Co-autor de Trabalhos Científicos no XV Congresso Brasileiro de Urologia em São Paulo – 1974.
5. Participação como Congressista e Co-autor de Trabalhos Científicos no XVI Congresso Brasileiro de Urologia em Porto Alegre – 1976.
6. Participação como Congressista no XVII Congresso Brasileiro de Urologia da Sociedade Brasileira de Urologia na cidade do Rio de Janeiro em 1979 submetendo-se à avaliação com provas escrita e oral diante de uma banca examinadora sendo aprovado e obtendo o Título de Especialista em Urologia.

7. Professor-Assistente de Urologia na Faculdade de Medicina de Santos – 1975-76.
8. Professor-Assistente de Urologia na Faculdade de Medicina de Bragança Paulista da Universidade São Francisco – 1978-82.
9. Participação como Congressista no 1º Congresso Brasileiro de Terapia de Vidas Passadas, Organizado pela Sociedade Brasileira de Terapias de Vidas Passadas – Campinas – 1998.
10. Curso de Terapeuta da Regressão no Centro de Difusão Científica e Tecnológica “Herminia Prado Godoy”, reconhecido pela ABHR – Associação Brasileira de Hipnoterapia Regressiva com duração de dois anos – o 1998-99. Revalidou este certificado através de exame teórico-prático com as Dras Judith M. Sá e Benevides e Mirza Maria C. de San José, professoras da ABHR, tendo sido aprovado e aceito como “Membro Certificado da ABHR” em 1999.
11. Curso com Hans Wolfgang TenDam no Centro de Difusão Científica e Tecnológica Herminia Prado Godoy em setembro de 1998.
12. Curso de Memória Emocional com Morris Netherton em janeiro de 1999.
13. Curso de Practitioner em Programação Neuro Lingüística em 1998.
14. Curso de Hipnose Eriksoniana – Básico, Intermediário e Avançado - pelo Instituto Milton Erickson de São Paulo em 1999-2000.
15. Livros publicados:
 - MARTINS, Edison, Flávio. "*ABRINDO AS JANELAS DO TEMPO - Através da Terapia da Regressão*", Campinas - S. P: Editora Livro Pleno, 2001. ISBN: 85-87622-21-8.
 - MARTINS, Edison, Flávio. "*Viver Muitas Vezes - A Hipnose como Ferramenta da Terapia de Vidas Passadas*", Taubaté - S.P: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2003. ISBN: 85-86602-45-5.

Atualmente atuando nas áreas de Urologia Geral e Infantil e Terapeuta da Regressão em meu consultório em São José dos Campos SP.

PREFÁCIO

Este não é um livro. São três livros. Livros simples sobre assuntos complicados. O primeiro livro é uma história simples de uma vida: uma história do nascimento e da morte, do ganho e da perda, e das mudanças como existem nas nossas vidas: mudar de cidade, mudar de emprego, mudanças financeiras. Uma história de uma vida brasileira. Mas também da mudança do entendimento, da visão. Uma história simples de uma vida complicada.

O segundo livro é um resumo simples de alguns autores nesse campo da terapia em geral, e da terapia regressiva em particular. Resumo simples de assuntos bem complicados. Para mim é uma honra ser incluído.

O terceiro livro é a história da terapia de uma pessoa. Também uma história simples de um processo complicado. Como o Edison diz, são poucos os livros que dão um relatório literal de sessões.

Livros simples sobre assuntos complicados são livros ricos. São esses livros ricos que aumentam o nosso entendimento, tanto profissional como pessoal. No mundo inteiro esse campo da terapia regressiva está se desenvolvendo.

Parabéns e obrigado ao Edison! Este é um livro rico.

Hans TenDam
Holanda, 5 de julho, 1999

*Para Camila...
Cuja existência nos fez
acreditar na vida
e além dela...*

AGRADECIMENTOS



Primeiramente, quero agradecer ao meu cliente por permitir a publicação de seu caso estudado detalhadamente em oito sessões gravadas, mas mantendo sua privacidade. Ele também ajudou dando sugestões e esclarecendo alguns pontos das sessões. O nome do livro foi sugerido por ele.

À minha família, que soube me agüentar nas muitas horas em que estive preso ao computador escrevendo este livro, além de ler os textos e ajudar nas correções.

Aos escritores citados neste livro que, com seus muitos anos de experiência e pesquisa, formaram a base da Terapia Regressiva que tive a sorte de receber, seja pessoalmente ou através de seus livros.

Em especial quero agradecer à Herminia Prado Godoy e aos diversos profissionais didatas da ABHR – Associação Brasileira de Hipnoterapia Regressiva – e do CDCT-HPG – Centro de Difusão de Estudos da Consciência Herminia Prado Godoy. Herminia foi para mim a mestra principal que soube passar muito de seu conhecimento com grande dedicação e carinho.

Agradeço também a Hans Wolfgang TenDam pelo Prefácio e pela sua atenção em ler as várias versões dos originais deste livro

Mas, o maior agradecimento é para minha filha Camila que foi quem me inspirou a prosseguir nestes estudos.

Edison Flávio Martins.

São José dos Campos, junho de 2001

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS

PREFÁCIO

APRESENTAÇÃO DO AUTOR

INTRODUÇÃO

PARTE I - Meu Caminho até a Terapia Regressiva

01. Um pouco da minha história

02. Camila

03. Nasceu

04. Tarsila

05. O Morcego

06. Norma

07. A Busca do Conhecimento

08. Florais Cristais e Radiestesia

09. Transcomunicação

10. A Excursão à Ouro Preto

11. Sonho ou Realidade

12. O Mapa Astral

13. Terapia de Vidas Passadas

PARTE II - Contribuições de diversos autores à Terapia Regressiva

01. Hernani Guimarães Andrade

02. Hemendra Nath Banerjee

03. Ian Stevenson

04. Helen Wambach

05. Stanislav Groff

06. Morris Netherton

07. Roger Woolger

08. Hans Tendam

09. Ken Wilber

10. Herminia Prado Godoy

11. A Terapia Regressiva, os Chakras e os Sete Corpos do Homem - Uma analogia com a Psicologia Oriental.

Parte III - As Técnicas usadas na Terapia Regressiva

01. Hipnose

Hipnose tradicional

Hipnose Ericksoniana

Introdução

As Técnicas da Hipnose Ericksoniana

Elementos da indução

Exemplo de uma indução Ericksoniana

02. Edith Fiore

03. Lívio Túlio Pincherle

04. Morris Netherton
05. Hans Wolfgang Tendam
06. Roger J. Woolger

PARTE IV - A Importância de passar pela morte

01. Edith Fiore
02. Morris Netherton
03. Hans Tendam
04. Roger J. Woolger

PARTE V - O Comandante Dório

01. O Contrato de Terapia: Nada vai dar certo
02. Primeira sessão - O Incêndio
03. Segunda sessão - O Menino no Barranco
04. Terceira sessão - Suicídio por ciúme
05. Quarta sessão - Os Algozes - Abrindo as Janelas do Tempo
06. Quinta sessão - Morte no Navio
07. Sexta sessão - Morte por Tortura
08. Sétima sessão - O Alpinista
09. Oitava sessão - Fechamento da Terapia

PARTE VI - Discussão dos resultados

Bibliografia

OBSERVAÇÃO:

Esta obra foi registrada na Fundação Biblioteca Nacional em 12 de maio de 1999 sob o n.º 173.552, Livro: 292, Folha: 199.

INTRODUÇÃO

Neste livro, pretendo usar o termo "Terapia Regressiva" (TR) em lugar de "Terapia de Vidas Passadas" (TVP). Este é um nome que está sendo introduzido internacionalmente por autores de TVP porque não nos restringe apenas às vidas passadas do cliente, mas sim a todo o seu passado. Os diversos autores têm publicado seus casos em que se percebe que a chamada TVP, na verdade, sempre fez isto e também explora os intervalos intermissivos e outros planos físicos e extrafísicos. Hans Tendam apresenta em seus livros relatos de clientes que se recordam de vidas em outros planetas e até recordações de vidas como espíritos da natureza. O nome "Terapia Regressiva" mostra-se mais adequado por englobar a vida passada e manter aberta a possibilidade de abordar todos os outros aspectos do passado do Ser.

Ao apresentar as várias discussões das sessões, estou colocando a maneira como eu vejo a aplicação e interpretação das diversas técnicas e, tratando-se de assuntos ainda em desenvolvimento, podem não coincidir com a opinião de outros autores.

A TR já pode ser considerada uma especialidade que possui uma metodologia ampla pelos seus métodos e também pela rapidez com que consegue abordar o inconsciente. Ainda não é muito conhecida pelo grande público e a maioria dos que já leram alguma coisa a respeito, foi através da grande mídia ou de autores que passaram uma idéia distorcida sobre a técnica.

Minha intenção, ao escrever este livro, é apresentar um caso clínico em que foram usadas as diversas técnicas da Terapia Regressiva e divulgar os autores mais importantes atualmente, cujas abordagens foram utilizadas nas sessões, apresentando um resumo do trabalho deles. Destina-se ao público em geral e aos estudantes que estejam se especializando nesta área. As sessões foram gravadas e depois resumidas, mantendo apenas as partes importantes dos diálogos, para que o leitor pudesse sentir a dinâmica dos métodos e perceber as dificuldades que se pode encontrar e como contorná-las. Para o público leigo, depois de ler a parte teórica, será possível entender melhor os comentários e o vocabulário utilizado.

Além do mais, pretendo discutir as seguintes proposições:

1º "Qualquer que seja a queixa inicial do cliente, a Terapia Regressiva irá ao problema existencial mais importante do cliente".

2º Fazer uma correlação entre os achados da Terapia Regressiva e o conceito oriental dos sete corpos do homem.

3º Os conceitos de "Argumento e Mini Argumento" da Análise Transacional no que diz respeito aos limites auto-impostos que as pessoas colocam em suas vidas atuais, relacionando-os com a Terapia Regressiva (Godoy, 1998).

A Terapia Regressiva desenvolveu-se como uma ferramenta da psicologia nos últimos 30 anos. Existe uma diferença entre Exploração de Vidas Passadas e Terapia Regressiva. Quando um sensitivo nos fala de nossas vidas passadas, isto é exploração. Diferente de Terapia Regressiva que tem finalidade de cura e é feita com um terapeuta.

O homem, desde sua origem, teve acesso a recordações de vidas passadas, inclusive o homem primitivo cuja primeira religião foi o culto aos

antepassados. Naquela fase, as recordações de vidas passadas não tinham caráter terapêutico. Eram apenas um aspecto da religião e consideradas como prova de grande desenvolvimento espiritual. As grandes religiões sempre apregoaram suas crenças na reencarnação.

Existe um livro impressionante, de um psiquiatra inglês, Arthur Guirdam, "Os Cátaros e a Reencarnação" (Pensamento – 1992), que é sempre citado como uma evidência forte da possibilidade de reencarnação. Ele conta sobre uma cliente, a Sra. Smith, que tinha recordações espontâneas de sua vida como cátara, uma seita religiosa cristã que foi dizimada pela Cruzada dos Albigenses no início do século 13. Ela descreveu nomes, lugares, detalhes históricos daquele povo que até então ainda não eram conhecidos pelos historiadores e que depois acabaram sendo confirmados. Os nomes das pessoas citados por ela puderam ser encontrados nos arquivos da inquisição. Recordou-se, inclusive, de poemas na língua francesa antiga que, naquela região, era conhecida como "Langue d'Oc".

A TR já possui autores e estudiosos muito capazes e que estão contribuindo decisivamente para que seja encarada como uma especialidade bem definida e respeitada por todos os profissionais da área da saúde e também pela população. Como terapia, a TR é relativamente recente. Considera-se o americano Morris Netherton como o pai da moderna TR. Foi ele o primeiro a sistematizar um método em 1967.

Mais ou menos na mesma época, uma americana, Edith Fiore, também sistematizou um método para TR e existia a discussão de qual dos dois seria o fundador da TR (Terapia de Vidas Passadas, como era chamada na época). Atualmente considera-se que ambos sistematizaram seus métodos na mesma época, sendo considerados os fundadores da moderna Terapia de Vidas Passadas – atualmente chamada de TR. A principal diferença entre as duas é quanto ao uso da hipnose. Fiore sistematizou um método hipnótico direto, procurando o "Insight", e Netherton usa indução com o mínimo de hipnose e, quando o faz, usa o método indireto, procurando tratar os clientes psicoterapeuticamente, não se restringindo apenas ao "Insight".

Foi a partir da publicação do livro de Morris Netherton "Past Lives Therapy" (1978), publicado no Brasil com o título: "Vida Passada – Uma abordagem psicoterápica" (Summus – 1997) onde ele apresenta sua técnica e, na mesma época, do lançamento do livro, "Você já viveu antes" – (Record – 1978) de Edith Fiore, psicóloga também americana contando seus casos clínicos que a Terapia Regressiva deslançou, logo tornando-se mundialmente conhecida.

Hoje considera-se para efeito didático, além dos nomes acima citados, Roger Woolger, americano e Hans Wolfgang Tendam, holandês, autores de técnicas e estilos originais para Terapia Regressiva. Hans Tendam é autor de muitas técnicas próprias. Essas técnicas são muito eficientes e rápidas.

Até certo ponto, a TR ainda é encarada como experimental ou alternativa pela maioria da população e também por profissionais da saúde. Existe nas pessoas a tendência de se apegar a tratamentos que possuam uma aura de misticismo ou mágica e, sem dúvida, a TR tem este atrativo.

A TR é muito criticada pelos meios científicos tradicionais que ainda estão apegados ao paradigma Newtoniano-Cartesiano, baseado nos ensinamentos de Isaac Newton e Renè Descartes. Pela descrição de mundo feita por eles, tudo na

natureza podia ser explicado como se a matéria fosse composta de partículas que obedeciam às leis da chamada mecânica newtoniana. Nesse modelo, não havia lugar para outras dimensões físicas ou espirituais. As leis da natureza seriam imutáveis e teriam sua origem na Divindade. Para esta concepção que já tem três séculos, tudo que não for passível de ser verificado com o uso de nossos sentidos ou de aparelhos, e que não possa ser verificado em laboratório, não é “científico”. Hoje se sabe que o modelo de Newton-Descartes é útil para explicar os macrofenômenos, mas não consegue explicar o que ocorre no interior dos átomos com suas micropartículas.

O surgimento dos conceitos desenvolvidos pela Física Moderna deu origem a um novo paradigma para explicar os fenômenos naturais. A partir do desenvolvimento da teoria da relatividade por Einstein e do trabalho de físicos como Niels Bohr, Max Planck, Werner Heisenberg e outros, a visão do mundo teve que se modificar porque o Método Científico Clássico não podia mais explicar todos os fenômenos.

Na comparação entre os dois métodos, existem fenômenos que podem ser explicados por um e não pelo outro. Deste modo, ainda não podemos descartar o método científico clássico, mas para uso na TR, o novo paradigma relativista é mais apropriado porque nos dá a possibilidade de entender melhor os fenômenos que ocorrem nas sessões, levando-se em consideração alguns postulados da física moderna, principalmente as noções de tempo e espaço desenvolvidas por Albert Einstein.

A ciência moderna, na atualidade, está chegando a várias conclusões semelhantes àquelas descritas pelos místicos há muito tempo, isto é, que todos os fenômenos são ligados. A queda de uma folha de uma árvore terá repercussões em todo o universo. Dito de outro modo, não existe separação entre o observador e o fato observado. A TR utiliza-se da hipótese reencarnacionista em seu trabalho, como a que melhor explica os achados nas sessões terapêuticas quando são acessadas vidas passadas.

Como premissas para um novo paradigma para a TR, concordo com as afirmativas abaixo, que são compartilhadas por cientistas e filósofos de diversas áreas de atuação no conhecimento:

1º O Homem faz parte de um universo em constante mutação.

2º O Homem é ao mesmo tempo causa e efeito dentro deste universo em constante evolução.

3º O Homem pode existir em várias dimensões de tempo e espaço, concomitantemente.

A TR está ajudando a provar a veracidade das leis da física moderna, em relação ao tempo e espaço e à multiplicidade dos diversos planos da realidade. Estas afirmações podem ser sentidas como verdadeiras por quem quer que venha a conhecer a TR como cliente ou terapeuta quando observamos a variedade de experiências em vários níveis de consciência e também a inexistência de barreiras para acessar as memórias muito antigas com a mesma facilidade com que nos lembramos de um fato acontecido ontem.

Assim como já existem várias correntes na psicologia como a Gestalt, Análise Transacional, Transpessoal, Psicodrama, Bioenergética etc., todas elas opções do terapeuta, assim também a TR está sendo adicionada como um ramo

com suas indicações e limitações. A TR não é apenas uma variação de outras técnicas. Ela engloba todas as outras com a diferença que leva em consideração também as Vidas Passadas como origem dos problemas.

A TR tem caráter Psicoterapêutico, não Religioso. Embora sejamos muitas vezes procurados por pessoas que confundem a TR com Espiritismo, devemos desfazer prontamente tal confusão. Ela não tem caráter religioso. Para que a terapia tenha sucesso, não é necessário que o terapeuta e/ou o cliente tenham fé na doutrina da reencarnação ou na sobrevivência do espírito após a morte, embora seja difícil não se chegar a essa conclusão depois de estarmos praticando muitas regressões. Neste caso, para terapeuta e cliente, a questão deixa de ser fé para tornar-se um conhecimento, uma certeza de quem aprendeu com a própria experiência e não com a dos outros.

Quando fazemos uma sessão de terapia regressiva, é preciso deixar bem claro que o cliente não regride a uma vida passada. A técnica faz com que o cliente entre em contato com seu problema atual, que nada mais é que a memória da vida passada atuando agora. Sempre que o cliente nos fala de medo, raiva ou tristeza, ele está se referindo aos seus problemas não resolvidos em suas vidas passadas.

Os pesquisadores descobriram que as nossas emoções têm uma representação em locais específicos em nosso corpo e quando pedimos ao cliente que localize uma emoção em seu corpo, ele nos dirá onde ela está gravada. Unindo-se a emoção com o local no corpo onde o cliente a localizou, está feita a âncora para acessar a memória do passado. Estudos recentes na área da psiconeurologia demonstraram que o nosso corpo tem memórias emocionais. Quando estamos vindo para uma nova vida, a alma traz a lembrança da morte anterior, correlacionada com os assuntos inacabados de outras vidas. Na concepção, o novo DNA irá conter as informações trazidas pela alma e as implantará no corpo físico. Os pensamentos da mãe agirão no novo ser como reestímulos para aquelas memórias, moldando o padrão de toda a vida. Sempre que estamos vivenciando uma emoção, o cérebro produz substâncias polipeptídeos que vão circular pelo corpo e irão se ligar em receptores específicos na área corporal ligada àquela memória. Se eu tive uma morte por um ferimento no coração, ao sentir medo, os polipeptídeos relacionados à memória daquela morte irão se ligar aos receptores específicos no coração e me fazer sentir alguma coisa no peito como dor, aperto etc. Continuando a estimular os sintomas físicos e a emoção do medo, logo surgirá uma imagem de uma lembrança de uma morte passada que será acessada com todos os detalhes.

Minha visão sobre a Terapia Regressiva é de que ela pode servir de instrumento para o crescimento espiritual das pessoas. Ela pode ser encarada como uma abordagem transpessoal porque acaba levando o cliente a tomar contato com todas as dimensões da realidade, ajudando-o a transcender a dualidade e atingir a unidade do todo. Ele pode passar a perceber como é ilusória a concepção de que o universo tem dois lados: positivo/negativo, bom/mau, alto/baixo etc.

A este respeito quero citar as palavras de Ken Wilber (1979):

"Quando percebemos que os opostos são um, a discórdia dissolver-se-á em concórdia, as batalhas tornar-se-ão danças, e antigos inimigos tornar-se-ão enamorados. Então estaremos em posição de fazer amizade com todo o nosso universo, e não apenas com a metade dele".

O homem pode por meio das sessões de regressão perceber, sua imortalidade e tomar contato com qualquer fato existente no universo no passado ou no futuro. Ele então transcende as dualidades e pode perceber que, finalmente, conquistou a verdadeira liberdade.

Alguns conceitos emitidos por mim neste livro estão ainda em fase de elaboração e são apresentados como propostas teóricas para serem discutidos e desenvolvidos pelos que estudam e praticam a Terapia da Regressão. As bases teóricas desse tipo de terapia ainda estão sendo estabelecidas e são objetos de estudo dos diversos autores atuais.

PARTE I

MEU CAMINHO ATÉ A TERAPIA REGRESSIVA

UM POUCO DA MINHA HISTÓRIA

No dia 15 de junho de 1995, exatamente às 06:40 nas proximidades de Barbacena - MG dois ônibus transportavam cerca de 80 estudantes que iriam passar uma semana em Ouro Preto, em excursão. Haviam saído de São José dos Campos às 21:30 do dia anterior, para conhecerem aquela cidade. Durante toda noite, as brincadeiras foram muitas, as conversas sérias também. Tiveram bastante tempo para gastar suas energias e a maioria estava dormindo.

Ninguém sabia que o destino havia marcado um encontro naquela hora e lugar. O professor Diogo, responsável pelos alunos do segundo ônibus, já havia observado que o motorista, freqüentemente invadia a faixa que dividia a pista e o havia alertado do perigo que isso representava; porém, mais uma vez, o erro foi repetido. Bem no meio de uma curva, um caminhão, vindo em sentido contrário, também invadia a pista da contramão. Os dois, ao se avistarem, tentaram desviar-se, cada qual procurando voltar à sua pista. O ônibus conseguiu tirar a frente, mas não conseguiu fazer o mesmo com a parte traseira, sendo o ônibus atingido na região correspondente às três últimas fileiras de bancos.

Como resultado, os passageiros que estavam sentados naqueles lugares foram atingidos. Duas moças, Camila e Fernanda, tiveram morte instantânea, pois estavam com as cabeças encostadas e tombadas para a esquerda. No último banco, um rapaz sofreu fratura de fêmur, porque apoiava as pernas na janela.

O caminhão, que transportava combustível, pegou fogo logo após, vitimando os dois ocupantes da cabina, que não conseguiram escapar das chamas.

Para nós que estávamos dormindo em nossas casas naquele momento, iria começar uma nova fase em nossas vidas. Uma fase de muito sofrimento, mas também de crescimento espiritual. Uma das meninas era nossa filha, Camila, que havia decidido partir para outra dimensão.

Dedico este livro à Camila, com quem muito aprendemos enquanto esteve conosco no plano físico e que continuou nos ensinando mesmo depois de sua partida.

CAMILA

"Vamos transformar o mundo em um ponto"

"Porque os suicidas são chamados corajosos? A vida com certeza é muito mais difícil que a morte".

Morto não trabalha, morto não passa fome, morto não se mata para sobreviver, morto não tem que ter medo da morte, somente da vida.

A vida não é em vão. Para que trabalhar, sofrer, chorar se um dia tudo vai acabar da mesma forma? Mais cedo ou mais tarde tudo acaba. Covardes são os suicidas, com medo de levar a vida acabam com ela mais cedo".

(Do diário de Camila)

Camila veio ao mundo no dia 30 de janeiro de 1977, na cidade de São Paulo, no Hospital Albert Einstein. Foi nossa primeira filha e fora cercada de muita expectativa e recebida com muita alegria. Havia 5 anos que não nascia nenhuma criança nas nossas famílias. Na época em que Vera, minha mulher, engravidou, ela ainda estava cursando a residência de Pediatria no Instituto da Criança do Departamento de Pediatria do Hospital das Clínicas, da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP).

No primeiro mês da gravidez, em uma viagem que fizemos a Matão, no feriado de Corpus Christi, para ver os famosos enfeites de rua daquela cidade, Vera teve muitas contrações uterinas e até um sangramento. Camila passou então por um grande risco de vida, porque tratava-se de uma ameaça de aborto. Na verdade, nem sabíamos ainda com certeza que Vera estava grávida. Por coincidência, o acidente fatal 18 anos mais tarde, aconteceu em um feriado de Corpus Christi.

Durante praticamente todo o período da gravidez, Vera teve muitas contrações, tendo de ficar em repouso no leito por diversas vezes, por licença médica. O excesso de trabalho, normal na vida de um residente, era demais para ela. Passou a ter episódios freqüentes de contrações.

Um fato interessante ocorreu com o apetite dela. Vera que nunca foi muito de comer carne, passou a devorar enormes bistecas com osso e peitos de vitela assados. Isto persistiu durante toda a gravidez, desaparecendo este apetite específico após o parto.

Mas, enfim, aos trancos e barrancos, a gravidez foi levada a termo às custas de muitas injeções de hormônios e anticolinérgicos (medicamentos que combatem as cólicas provocadas por contrações de musculatura lisa de órgãos internos), aplicadas por mim.

Alguns dias antes da data prevista, finalmente chegou o momento. Camila estava voltando para mais uma vida nesta terra. Tínhamos nos preparado bastante para recebê-la, e o amor com que a cercamos era enorme.

NASCEU!!

Vera entrou em trabalho de parto poucos dias após suspender o uso de medicamentos, segundo a orientação da Doutora Angela, sua obstetra. Havia chegado a hora tão esperada. Solicitei afastamento da equipe médica em que trabalhava para poder acompanhar o parto. Foi realizada uma cesariana sem complicações. Eu fotografei tudo.

Depois de cinco dias, estávamos em casa com nossa filhinha. Sentimo-nos muito inseguros de cuidar daquele pequeno ser. Que responsabilidade!

Como médicos, tivemos muita dificuldade em conciliar nossos horários para cuidar dela. Estávamos em início de carreira, Vera freqüentando a residência no hospital e eu, trabalhando em uma equipe de urologistas e tendo que me dedicar muito. Apesar das dificuldades e do cansaço, conseguimos, com a ajuda da avó e de uma babá, cuidar dela. Vera, principalmente, procurava se desdobrar para estar com ela o máximo de tempo que suas atividades permitiam. Resolveu desistir de fazer o 3º ano de residência (não-obrigatório).

Logo, percebemos que a cidade de São Paulo, tão poluída e com tantos problemas, não seria a ideal para nossas aspirações de uma vida tranqüila e decidimos mudar para o interior. Depois de pesquisar várias possibilidades no interior de São Paulo, acabamos por nos decidir por Atibaia e, depois de seis meses, já estávamos morando lá. Abrimos uma clínica de Pediatria (Clínica Infantil Sapeca), com uma sócia que resolveu nos acompanhar nessa mudança. Eu, porém, não consegui me estabelecer como Urologista na cidade porque os médicos locais colocaram muitas dificuldades para permitir minha entrada no corpo clínico dos hospitais. Existe um corporativismo muito forte entre os meus colegas para "reserva de mercado", principalmente em pequenas cidades do interior. Acabei abrindo meu consultório na cidade vizinha de Bragança Paulista e, ao mesmo tempo, comecei a dar aulas na Faculdade Bandeirante de Medicina. Após algum tempo, Vera e sua sócia também começaram a dar aulas naquela Faculdade.

Desde o início, Camila foi uma criança com uma personalidade difícil. Não aceitava o colo de ninguém a não ser da mãe. Era um "grude" com ela e Vera tentava se desdobrar para suprir toda aquela enorme necessidade de atenção.

O relacionamento entre mãe e filha, desde o início, se caracterizou por uma entrega total por parte de Vera e uma cobrança constante de atenção pela Camila. A mãe não conseguia resistir aos apelos da filha, o que acabava causando uma constante ansiedade. Era como se sempre estivesse faltando dar mais alguma coisa para suprir aquela imensa carência. Toda vez que necessitava ausentar-se, Vera procurava voltar o mais rápido possível, preocupada de que ela estivesse precisando de alguma coisa.

Para poder dar melhor atendimento aos clientes na "Clínica Pediátrica Sapeca", mantínhamos plantões noturnos em revezamento com a nossa sócia. Em uma destas noites, estávamos nos preparando para dormir na clínica e Camila, então com oito meses, estava deitada em nossa cama chupando o dedo e nos observando. Começamos a brincar com ela, falando palavras carinhosas. De repente, Camila adquiriu um olhar matreiro e, fixando nossos olhos, começou a repetir todas as palavras que dizíamos. Eu e Vera levamos um susto e nos entreolhamos. Sabíamos que uma criança daquela idade não tem ainda desenvolvimento para usar o aparelho vocal e articular palavras.

Mas ela falava. A cada palavra dita por nós, ela repetia, olhando fixamente nos nossos olhos, sorrindo e parecendo dizer: - Qual a próxima? Pode falar que eu repito!

Aquela brincadeira inusitada nos prendeu até de madrugada, quando todos fomos dormir vencidos pela cansaço. Na manhã seguinte, Camila desaprendeu de falar e não mostrou mais aquela expressão marota no olhar. Parecia que seu verdadeiro eu, que se havia mostrado no dia anterior, se recolhera ao inconsciente. Ela só voltou a falar na idade normal, de todas as crianças. Nessa época, vivíamos uma fase comum à maioria dos médicos recém formados. Enxergávamos a vida sob um aspecto científico-materialista. Hoje, não somos mais assim. Sabemos que a verdadeira vida é eterna e se manifesta várias vezes no plano físico. Se já tivéssemos esta noção àquela época, sem dúvida teríamos aproveitado melhor aquela experiência. Com um ano e seis meses de idade foi que Camila aceitou o colo de uma pessoa de fora do estrito círculo familiar. Foi

seu tio Hamilton, que precisou passar alguns dias em nossa casa em Atibaia. Aliás, este relacionamento, quando começou, se transformou numa amizade que parecia transcender de outras vidas. Meu cunhado, que residia em São Paulo, passou a freqüentar nossa casa quase todos os finais de semana, com sua mulher, Celina e seus filhos, ampliando o círculo de pessoas aceitas por Camila. Ela passou a se dar muito bem com os primos, Roaldo e Flávia que a tratavam como uma irmãzinha querida. Os dois, bem mais velhos, adoravam brincar com ela como se todos tivessem a mesma idade. Bem mais tarde é que entenderíamos melhor aquela empatia existente entre o tio (que ela sempre chamou de “Tiô”) e a sobrinha.

Cerca de um ano e meio após havermos nos mudado para Atibaia, tornou-se evidente que não havia como continuar com a Clínica Pediátrica Dia-Noite. Tínhamos que ganhar dinheiro em outros lugares para mantê-la aberta. Assim, decidimos encerrar a sociedade, dividir tudo e nos mudar para Bragança Paulista, que era onde buscávamos nosso sustento. Vera trabalhava na Faculdade no Departamento de Pediatria, como Professora Assistente, em período integral. Eu, em período parcial, era encarregado do curso prático e teórico de Urologia, como assistente da Disciplina. Depois de pouco tempo, conseguimos comprar uma casa para montar um consultório para nós e tudo ia muito bem. Materialmente e profissionalmente conseguíamos progredir.

Camila, com cerca de três anos, começou a freqüentar uma escolinha na cidade, onde teve os primeiros contatos com pessoas estranhas. No início, como toda criança muito apegada à família, foi difícil sua adaptação. Chorava muito ao ser levada e deixada aos cuidados dos professores. Esta fase, porém, não durou muito porque Camila logo começou a mostrar sua personalidade forte e comunicativa.

O traço mais marcante em Camila, como vimos depois, era seu grande interesse em conhecer pessoas e lugares. No início, tímida e retraída, quando se sentia aceita, tomava conta da situação e passava a exercer uma liderança natural. Camila tornou-se muito conhecida por todos os que freqüentavam a escola, completamente dona da situação. Nós, pais, a mimávamos de todas as maneiras, satisfazendo suas vontades.

Foi mais ou menos nessa época que tomei contato pela primeira vez com o primeiro livro de Carlos Castaneda – “*A Erva do Diabo*”. O livro interessou-me muito, fazendo-me mergulhar, embora relutante, naquele estranho mundo dos feiticeiros xamãs, abrindo em meu íntimo uma nova maneira de enxergar a realidade. Muito mais tarde é que vim a entender que o modo como Don Juan explicava a realidade, conhecida pelos nossos cinco sentidos, correspondia ao que os indianos chamavam de Maya.

Passei a ser um leitor ávido de Castaneda, aguardando sempre o lançamento de seu mais novo livro. Vera, nesta época, não se interessou pelo assunto, achando inclusive que eu estava perdendo meu tempo com tais bobagens. Continuava ainda apegada aos velhos conceitos materialistas.

Para mim, aquilo foi o início de uma procura que continua até hoje. Vera veio juntar-se a mim nessa procura, cerca de seis anos mais tarde, após um fato ocorrido com nossa outra filha, Tarsila, logo após termos nos mudado para São José dos Campos.

A vida transcorria suave, sem sobressaltos e sem problemas. Tudo parecia dar certo para nós.

TARSILA

No final de 1980, com o início das crises do petróleo, as coisas para todos os brasileiros começaram a ficar mais difíceis. Já não conseguíamos ganhar dinheiro tão facilmente como antes. Geralmente, em todas as crises financeiras, a população passa a economizar, cortando tudo que acha supérfluo. Nisso geralmente se incluem gastos com saúde, fazendo que todos passem a utilizar mais seus convênios e os sistemas públicos.

Ao percebermos que Camila já ia fazer quatro anos, tínhamos que decidir logo por uma nova gravidez se não quiséssemos que ela fosse filha única. Ao mesmo tempo em que resolvemos que ter mais um filho, começou a nascer em nossas cabeças a idéia de nos mudar para um centro maior, onde houvessem maiores oportunidades de ganho, tanto material quanto profissional. Logo após Vera ter conseguido engravidar, a Faculdade Bandeirante de Medicina resolveu implantar um programa de redução de custos, porque não estava conseguindo manter o padrão que havia sido implantado, por falta de verbas. Por isso, foram demitidos, aproximadamente, 100 professores, entre os quais, Vera e eu, porém, como ela estava grávida, teve sua demissão revertida, permanecendo então empregada da Faculdade até o final da gravidez, como mandava a lei. Passamos a depender somente do salário dela Vera e de meus ganhos no consultório particular que, com o início da crise, começava a diminuir cada vez mais.

Aquele foi um ano difícil para nós. Vera, como já ocorrera em sua primeira gravidez, começou a ter problemas, com dores abdominais e pequenos sangramentos. Teve que fazer repouso no leito praticamente durante toda a gestação e eu tive que me transformar em empregado doméstico, faxineiro, cozinheiro, “arrumadeiro” e ainda continuar minha profissão de médico, buscando o sustento de nós todos. Naquela cidade, era praticamente impossível encontrar empregadas domésticas. Aquele ano foi, na verdade, a grande oportunidade de melhor conhecer minha pequena família e de descobrir em mim talentos que não imaginava possuir. Apesar de muito cansativo, tudo que aprendi, serviu para me mostrar outros lados da convivência familiar, que poucos homens têm a oportunidade de conhecer.

Camila acompanhou a gravidez com muita curiosidade. Queria saber de tudo. É claro que nós lhe demos todas as explicações pedidas. Com menos de cinco anos, aprendeu todos os detalhes sobre como se fazem os bebês, se seria menino ou menina e todas as outras dúvidas que surgiam em sua cabecinha. Procuramos, também, prepará-la para que recebesse com o mesmo amor, tanto um menino quanto uma menina. A preferência dela, evidentemente, era por uma irmã e parecia ter convicção de que, dentro da barriga da mãe, estava se formando uma menininha. Por certo, as crianças sabem muito mais do que imaginamos...

Apesar de todo cuidado que tivemos, Tarsila acabou nascendo prematura, no dia 27 de dezembro de 1981, em São Paulo. Tínhamos vindo passar o Natal com a família da Vera e resolvemos ficar até o dia 27, por ser o aniversário da

prima, Flávia. Seria coincidência? Apreendi a não acreditar nisso. O pai coruja, do mesmo modo que fizera no parto da Camila, fotografou tudo (cesariana) desde a primeira incisão.

Tarsila nasceu com 2.370 g e era tão pequena que quase cabia em minha mão.

Logo após a alta do hospital, voltamos a Bragança para retomar nossas atividades. As coisas, porém, pareciam se encaminhar para um desfecho diferente do que planejávamos. Com a piora da crise, começamos a pensar com mais frequência em nos mudar. Para onde? A resposta não tardou.

Na época em que Tarsila já estava com sete meses, estávamos, certa noite, assistindo televisão, quando recebemos um telefonema de São José dos Campos. Era nossa antiga sócia na clínica Pediátrica de Atibaia. Por brincadeira, Sônia perguntou se não queríamos também nos mudar para São José. Havia um hospital infantil que estava precisando de pediatras. A princípio, Vera apenas riu e disse que era loucura, abandonar tudo em Bragança e começar novamente. Eu, que estava por perto, perguntei de que se tratava. Quando ela falou que havia um emprego para ela em São José e que a Sônia estava nos convidando para mudar para lá, disse sem pensar:

- Pode dizer para ela que eu aceito!

Após desligar o telefone, já estávamos fazendo nossos planos de vida nova. De repente, tornou-se óbvio, que não queríamos mais permanecer naquela cidade. Precisávamos de um centro maior, onde pudéssemos criar nossas filhas e as condições que estavam se delineando não estavam muito propícias para nós em Bragança Paulista. Com o término da gravidez e o vencimento da licença-maternidade, estávamos dependendo apenas dos ganhos obtidos em nossos consultórios, o que não era suficiente para enfrentar nossas despesas agora maiores. Além disso, não havia muita perspectiva de melhora intelectual ou profissional para nós e nem mesmo sabíamos como iríamos resolver o problema educacional de nossas filhas. Geralmente, os jovens da região tinham que continuar seus estudos, a partir do 2º grau, em Campinas ou São Paulo.

Assim, um mês mais tarde, já estávamos procurando casa em São José dos Campos. Esta cidade foi, coincidentemente, para onde minha família se mudou em 1950, quando eu tinha apenas seis anos de idade. Nasci na cidade de São Paulo, capital do Estado de mesmo nome, em 20 de setembro de 1944. Aos 18 anos, saí da casa de meus pais e fui morar em São Paulo para estudar. Após me formar em medicina em 1972, conheci minha mulher em um plantão no Hospital das Clínicas e, depois de dois anos (1975), nos casamos.

Quando eu estava com 38 anos, nos mudamos para São José. Havia transcorrido um intervalo de 20 anos desde que havia saído da casa de meus pais, sem saber que nunca mais voltaria a viver com eles.

O MORCEGO

Pouco antes de nos mudarmos de Bragança Paulista para São José dos Campos, meu cunhado Hamilton encontrou uma propriedade à venda em Parati, em zona rural, e nos convidou para conhecê-la. Tratava-se da antiga Fazenda Praia do Engenho, no subdistrito de Parati Mirim. Originalmente, esta fazenda era

constituída de praticamente todo o Saco de Mamanguá com, aproximadamente, 500 alqueires. Chamava-se Praia do Engenho porque havia sido um antigo engenho de açúcar e aguardente, tocado por escravos. Quando fomos conhecer a região, a fazenda estava reduzida a, apenas, 45 alqueires, embora no documento constassem 200. Do antigo engenho, restavam apenas algumas ruínas.

Nessa época, Vera estava grávida da Tarsila e acabamos comprando nossa parte do condomínio sem nunca termos ido conhecê-lo. Hamilton conseguiu nos entusiasmar e, assim, só fomos conhecer o local, eu, Vera, Camila e o Hamilton cerca de um ano após.

Foi amor à primeira vista. O local era maravilhoso. Não havia acesso por terra. Apenas pequenos barcos de pescadores, as chamadas baleiras, serviam de ligação entre a pequena localidade de Parati Mirim e o sítio Praia do Engenho. Camila passou algumas férias no sítio em companhia dos primos e do “Tiô” e nós resolvemos passar algum tempo lá quando a Tarsila já tinha dois anos. Quando levamos as crianças pela primeira vez, não havia nenhuma construção habitável no sítio. Compramos uma barraca e fomos acampar em uma das duas praias que existem na propriedade. Passamos alguns dias acampados e logo percebemos que não poderíamos ficar fora daquele lugar. As meninas adoraram. A energia que sentimos ali foi muito forte e revigorante.

Logo começamos a construir uma casa no local. Foi nossa primeira obra. As dificuldades eram enormes. Todo o material teve que ser levado de barco até a praia do sítio e, depois, carregado nas costas por caiçaras que contratávamos nas vizinhanças, morro acima, até o local escolhido para a obra. Tivemos que pôr todo nosso esforço naquela construção, mas conseguimos deixá-la em condições de uso em um ano.

Quando começamos a usar a casa, levamos as meninas e passamos a desfrutar constantemente daquele pedaço de paraíso que, milagrosamente, viera parar em nossas mãos. A casa ainda não estava pronta. Faltava ainda colocar vidros nas portas e janelas e havia materiais de construção espalhados por todo lado.

Devido à falta dos vidros, quase todas as noites recebíamos a visita dos gatos que vinham roubar nossa comida e também de morcegos, abundantes na região. Eles começaram a freqüentar nossas noites com vários vôos rasantes sobre nossas cabeças. As meninas pareciam ter medo, porém sem muita convicção, pois riam muito quando os morcegos apareciam. Tarsila, ainda muito pequena, não entendia muito bem aquela histeria. Acho que ela nunca chegou a ver mesmo o morcego porque à noite, com a parca iluminação fornecida pelos lampiões a gás, mal se percebia o vulto negro, silencioso e que misteriosamente aparecia e desaparecia em nossa sala. Como a casa ainda não estava totalmente acabada, dormíamos os quatro no mesmo quarto, e na mesma cama de casal.

Numa noite, Tarsila começou a falar no escuro que havia um morcego no quarto. Como o bicho é muito silencioso ao voar, achamos que era possível que fosse verdade, apesar de termos tido o cuidado de fechar a janela e a porta do quarto. Acendemos um lampião e fomos procurar o morcego. Nada encontrando, apagamos o lampião e fomos dormir; porém, Tarsila continuou dizendo que havia morcego no quarto. Fizemos nova verificação e nada encontramos.

Na noite seguinte, novamente após desligarmos o lampião do quarto, Tarsila começou a dizer que tinha morcego em cima dela e demonstrou muito medo. Como sempre, verificamos e nada encontramos. Se realmente havia morcegos, eles estavam do lado de fora do quarto.

Quando voltamos para São José, Tarsila começou a apresentar medo de dormir em seu berço. No início, apenas reclamava que não queria dormir sozinha. Todas as noites tínhamos que ficar com ela em seu quarto até que pegasse no sono. Essa situação foi piorando e chegou a um ponto em que não havia quem fizesse a Tarsila ficar em seu berço. Começou a dizer que havia um morcego em seu quarto. É claro que não víamos morcego algum, mas ela afirmava que ele ficava escondido embaixo do berço e, assim que apagávamos a luz, ele pulava sobre ela.

Tivemos de começar a levá-la para dormir conosco porque o terror noturno ficava cada vez pior. Ao mesmo tempo, ela começou a perder peso. Mas eu e Vera achamos que tudo iria passar com o tempo.

A coisa, porém, foi se arrastando e Tarsila foi ficando cada vez mais debilitada. Nossas noites começaram a ficar cada vez mais longas e, em dado momento, percebemos que alguma coisa precisava ser feita.

Já havíamos comentado estes fatos com nossos parentes e todos começaram a se preocupar. Os tios sugeriram que poderíamos chamar alguma pessoa que pudesse verificar se o problema era de origem psicológica ou “espiritual”. Mas, quem chamar? Perguntamos aos meus cunhados se eles conheciam alguém confiável, pois, apesar de sermos médicos, não estávamos conseguindo resolver o problema. Logo aceitamos a sugestão de pedir ajuda a uma amiga deles, a Norma, e convidá-la para vir a nossa casa o mais cedo possível.

Essa decisão foi em desespero de causa porque, na verdade, estávamos bastante afastados de religião e misticismo. Nossas incursões por essa área até aquele momento se restringiam apenas às leituras dos livros de Castaneda.

NORMA

Nair, minha cunhada, conhecia Norma desde sua juventude. Esporadicamente, já havia falado sobre ela conosco, mas nunca tivéramos oportunidade de conhecê-la.

Ainda muito nova, Norma começou a ter visões e transe que a deixavam muito apavorada. Não conseguia entender o motivo daqueles fenômenos. Às vezes, bastava fechar os olhos por alguns instantes para se ver alçada a mundos estranhos, com seres etéreos que ela interpretava como sendo anjos, pessoas falecidas, maus espíritos, demônios e tudo que sua formação religiosa lhe havia ensinado.

Para ela, não havia distinção entre o mundo material e o espiritual. O problema era que ela não conseguia controlar suas capacidades. Procurou ajuda em muitos lugares, sendo levada a diversos grupos religiosos que não conseguiram resolver seus problemas. Na verdade, muitos tentaram se aproveitar dela, pois percebiam que ela era uma pessoa muito especial. Por último, agarrou-

se à religião católica e transformou-se em uma cristã fervorosa. Aquele lhe pareceu ser o melhor caminho.

Dentro do catolicismo, conheceu grupos carismáticos que utilizam exorcismo e certos aspectos geralmente não muito divulgados aos demais fieis. Rezava vários terços por dia, freqüentava missas, comungava, fazia novenas, tudo o que a religião preconiza. Agindo assim, sentia-se mais segura e passou a controlar melhor seus poderes. Formou-se em Psicologia que exerceu como profissão. Seus conhecimentos, porém, não se restringiam aos que obteve na faculdade. Percebia-se nela uma sabedoria natural que inspirava uma total confiança a todos que se aproximavam em busca de ajuda.

Combinamos por telefone uma visita à nossa casa para nos ajudar a resolver o problema da Tarsila. Ela prontificou-se, dizendo que viria quando quiséssemos. Sua compaixão fazia com que sempre estivesse disposta a ajudar qualquer pessoa que lhe pedisse ajuda.

Alguns dias depois, meus cunhados a trouxeram até nossa casa. Logo ao recebê-la em nosso portão, ela passou mal, dizendo que “sentira” que o local não estava bem.

Norma tinha uma característica. Falava o tempo todo sobre assuntos aparentemente sem importância. Cheguei à conclusão de que isto era um tipo de técnica natural e instintiva, desenvolvida por ela, para entrar em contato com seu inconsciente enquanto “via” o que acontecia no ambiente.

Assim que lhe perguntamos se havia “visto” alguma coisa, começou a descrever suas impressões: Havia algo maligno impregnando a casa e isto provavelmente fora provocado por alguém que se utilizara de trabalhos de magia, feitos com o intuito de nos prejudicar. Tarsila, como a mais desprotegida da casa, acabou captando quase toda aquela carga negativa. Perguntamos se era possível para ela descrever o autor do “trabalho”. Ela nos descreveu alguém que logo identificamos. Essa pessoa havia ficado muito preocupada com nossa volta à cidade, após tanto tempo, sentindo-se ameaçada em sua segurança material. Pura neurose, pois não pretendíamos prejudicar ninguém ou reivindicar qualquer direito.

Pedimos à Norma que examinasse nossa casa para verificar se havia alguma coisa colocada lá e que pudesse ser retirada. Antes, ela sugeriu que rezássemos um terço. Em seguida, visitamos cômodo por cômodo, nada encontrando até chegarmos ao quarto de Tarsila. Norma começou a mexer no berço e pegou o travesseirinho, dizendo sentir que ali havia alguma coisa. Pediu permissão para abri-lo com uma tesoura. Ao fazê-lo, expôs o algodão do travesseiro que a princípio nos pareceu perfeitamente branco. Norma, no entanto, dizia:

- Olhem aqui, apontando para o algodão: um ponto negro! Olhávamos e um ponto negro se materializava no local apontado.

- Olhem, outro, e mais outro e outro... E em cada lugar que ela apontava, iam surgindo novos pontos negros. Logo, o algodão do travesseiro estava repleto de pontos escuros.

Eu e Vera, até então, nunca havíamos presenciado algo semelhante. Ficamos muito impressionados. Aquela materialização de pontos negros no travesseiro, acontecendo diante de nossos olhos, foi uma demonstração dos

poderes de Norma que nunca imagináramos. Mas foi tudo real. Não era possível que todos nós estivéssemos tendo a mesma alucinação.

Naquele momento, tivemos consciência de que Tarsila realmente estivera correndo risco de vida e que se não tivéssemos pedido ajuda a tempo, ela ficaria cada vez mais fraca e doente. Norma sugeriu queimar o travesseiro porque achava que não havia outra solução. Concordamos, é claro, e fomos para o quintal. Queimamos o travesseiro e voltamos para a sala onde rezamos novamente o terço; desta vez com um fervor redobrado, como eu não fazia desde os meus tempos de interno no colégio São Joaquim, de Lorena, onde fiz o curso primário.

Ao final do terço, começou uma tempestade muito forte, com ventos e relâmpagos. Vimos as árvores da rua se envergando e quebrando seus galhos e a água com o vento entrando por baixo das portas. A tempestade não durou muito tempo.

Convidamos Norma e meus cunhados para um lanche. Norma aceitou, mas alertou que não poderia comer nenhum tipo de carne, porque sempre que fazia este tipo de “exorcismo”, passava muito mal com alimentos desse tipo. Depois do lanche, ficamos conversando sobre o ocorrido durante bastante tempo. Norma nos orientou para fazermos alguns rituais católicos, com diversas leituras de Salmos e orações que deveríamos realizar nos próximos dias.

Em seguida, propomos a Norma e meus cunhados para dar uma volta pela cidade. Para nossa surpresa, verificamos que os estragos da tempestade haviam ficado restritos a um raio de, aproximadamente, um quilometro em torno de nossa casa. Havia árvores caídas por todo lado, mas somente naquele perímetro. Brinquei com a Norma, dizendo que, fosse lá o que fosse que ela tinha expulsado de nossa casa, ele havia deixado um rastro de destruição em seu caminho.

Norma prontificou-se também a voltar outras vezes para dar continuidade ao que começara. De fato, ela voltou à nossa casa pelo menos uma vez por semana durante, aproximadamente, um mês.

Naquela primeira noite, após a visita da Norma, Tarsila dormiu sozinha em seu berço. Ela parou de falar no tal “morcego” e, somente anos mais tarde, nos contou exatamente o que acontecia em seu quarto logo após apagarmos a luz. Debaixo do berço, pulava uma espécie de animal peludo e preto, com olhar fixo e mau. Ela gritava de pavor enquanto o bicho subia em seu peito, perto de seu pescoço, tentando tapar sua boca e seu nariz ao mesmo tempo com a mão enorme e peluda. Quando vínhamos correndo ao seu quarto, o bicho novamente se escondia sob o berço. Atualmente, Tarsila nos diz que nunca mais viu o “morcego” depois daquele dia.

Quanto à Norma, faleceu no final de 1996, cercada do carinho de seus parentes e muitos amigos. Nunca pudemos agradecer-lhe como gostaríamos. Sabemos, porém, que ela não se importa com isso, porque fazia tudo apenas pelo seu grande Amor à humanidade e desejo de servir. Temos certeza que a reencontraremos.

A BUSCA DO CONHECIMENTO

Foi a partir do episódio do morcego que eu e Vera iniciamos nossa busca espiritual. Começamos a ler tudo o que nos caía nas mãos a respeito de esoterismo, religiões, yoga, ocultismo, magia etc. Passamos a freqüentar livrarias e comprávamos tudo o que nos despertasse a curiosidade.

Os livros que líamos não eram, aparentemente, indicados por ninguém. Alguma coisa, porém, parecia apontá-los, pois sempre que acabávamos uma leitura, logo encontrávamos outra que dava seqüência ao assunto. Cada leitura nos despertava mais a curiosidade, levando a outros e outros livros.

Os primeiros que encontramos, foram os livros de Leadbeater, Annie Besant e H. P. Blavatsky, que tratavam de Teosofia. A Sociedade Teosófica, fundada em Nova York no ano de 1875 por Helena P. Blavatsky e o Cel. Henry S. Olcott pretendia divulgar os conhecimentos de diversas sociedades secretas, estudadas por seus fundadores. Blavatsky, principalmente, junto com o Cel. Olcott achava que era chegado o momento de se divulgar estes conhecimentos, com a finalidade de combater o materialismo que reinava no final do século XIX.

O espiritismo, como filosofia e não como religião, foi lançado mais ou menos na mesma época, com a mesma finalidade. Pretendia-se combater o materialismo através de demonstrações de incorporação de entidades, utilizando médiuns. Era necessário demonstrar objetivamente a existência do mundo espiritual, porque os homens estavam achando que a tecnologia seria capaz, finalmente, de trazer-lhes os meios para subjugar a natureza. Parecia que a ciência iria achar respostas para tudo. H. P. B., como ficou conhecida Blavatsky, era russa de nascimento e, ainda muito jovem, partiu pelo mundo em busca de conhecimento. Teve acesso a muitos mestres na Índia e Tibete, sendo iniciada por eles nos mistérios.

Em 29 de setembro de 1877, a primeira obra de H.P.B., "*Ísis sem Véu*", foi lançada em Nova York. Os primeiros 1.000 exemplares da 1ª edição foram vendidos em 10 dias. Esta obra é considerada um marco na divulgação daqueles conhecimentos secretos que, até então, só podiam ser adquiridos diretamente dos mestres das diversas religiões orientais, pelos que se submetessem às iniciações.

Os livros de C. W. Leadbeater, que descreviam a anatomia oculta do homem, seus corpos sutis, os chakras, a Kundalini etc., nos falavam de uma nova realidade, muito diferente de tudo que havíamos estudado antes. Como médicos, só conhecíamos as explicações físicas para o fenômeno da vida. A consciência, segundo a medicina oficial, não passa de um produto do cérebro, através de complicadas reações físico-químicas. Essa noção, felizmente, já começa a ser posta em dúvida por uma boa parte de meus colegas.

Estes livros também falavam sobre os métodos para se adquirir conhecimento a partir de treinamentos, utilizando, principalmente, Yoga e meditação.

O "acaso", certo dia, me levou à uma pequena livraria de bairro, especializada em assuntos esotéricos. Conversei bastante com o dono, uma pessoa muito culta, e perguntei se ele conhecia, em nossa cidade, alguém que desse aulas de Yoga. Indicou-me uma professora, passando-me seu telefone. Eu, particularmente, estava com muita vontade de conhecer a tão falada Yoga. Os livros de teosofia falavam muito sobre o despertar da "Kundalini" que fazia com

que o praticante adquirisse poderes psíquicos como clarividência, clariaudiência, levitação etc.

Confesso que havia um bocado de "deslumbramento" de minha parte com referência a estes assuntos. Como eu, a maioria das pessoas, inicialmente, são atraídas para esses assuntos em busca desses poderes. Muitos permanecem por toda vida na fase do deslumbramento. Outros chegam a amadurecer o suficiente para perceber que esse caminho é muito sério. Quando levado com leviandade, traz muitos perigos para o praticante. Acho, também, que o aspecto maravilhoso pode ser o início do caminho para muitos que, como eu, começaram essa busca.

Isto me faz lembrar da obra de Castaneda. Ele foi, inicialmente, procurar Don Juan para estudar, como antropólogo, o uso das plantas alucinógenas e a vida dos feiticeiros yaques. Quando o encontrou naquele mercado ao ar livre, pensou que o "acaso" e as indicações que obtivera de outros índios é que o fizeram achá-lo. Muito mais tarde, ficou sabendo, do próprio Don Juan, que fora escolhido e atraído para aquelas iniciações, desde a primeira vez que se encontraram. Don Juan ensinou-lhe o uso das plantas de "poder" como isca para atraí-lo. Aquele era o aspecto maravilhoso que no início atraiu Castaneda.

Por isto é que hoje não critico as muitas obras aparentemente superficiais que se encontram à venda. Elas serão compradas por diferentes pessoas que estão em diversos níveis de desenvolvimento espiritual e têm o seu valor na melhora da humanidade. Se só existissem publicações de alto nível, muito menos pessoas poderiam iniciar sua busca.

Na verdade, creio que todo homem sente o chamado de seu eu verdadeiro. A maioria, porém, procura abafar aquela voz para não ter que enfrentar o abalo de suas convicções. Creio também que nosso desenvolvimento espiritual se processa em muitas vidas e, qualquer interesse que tenhamos nessa busca, por menor que seja, nos faz subir um pouco no caminho.

Mas, voltando para nosso livreiro esotérico, ele me indicou a Professora Bernadette e, no mesmo dia, liguei para ela. Como um autêntico deslumbrado, pelo telefone mesmo, perguntei se ela ensinava os "métodos" para se fazer subir a "Kundalini". Ela riu e marcamos uma entrevista para conhecer-nos e combinar os horários de aula.

Dias depois, exatamente em 3 de agosto de 1988, eu e Vera fomos à sua casa. Sentimos, imediatamente, que havíamos encontrado (ou reencontrado?) uma companheira mais experiente para nos orientar. Bernadette havia se mudado para São José há poucos meses, abandonando um emprego público de mais de 12 anos como socióloga. Na sua juventude, iniciou-se nas práticas de yoga e meditação e, na época que deixou o emprego, resolveu voltar a dar aulas de yoga. Ela também resolvera trilhar para valer o caminho do autodesenvolvimento, deixando de lado a segurança que lhe dava aquele cargo.

Eu e Vera passamos a ter aulas duas vezes por semana. Inicialmente, ensinou-nos a Hata Yoga, mas logo começou a nos passar os fundamentos da Raja Yoga. Esta modalidade é muito mais completa porque não se limita apenas às posturas. Necessita, para ser praticada de uma vigília constante de nossos pensamentos e atitudes em relação a nós mesmos e o todo. Objetiva, principalmente, o desenvolvimento espiritual através de meditação e do aprimoramento de nossos talentos inatos. O indivíduo acaba desenvolvendo os

tais “poderes” e muitos praticam os exercícios apenas em busca deles. Eu também, inicialmente, parti em busca desse tipo de desenvolvimento. Fazia todos os tipos de posturas e meditação, cantando mantras e exercícios de pranayama até quando dirigia meu carro pelo trânsito da cidade ou em viagens. Vera e Bernadette brincavam com meu entusiasmo e diziam que eu estava passando por várias fases, como um “obsessivo”. Na verdade, eu estava levando aquilo como se fosse um divertimento, embora também houvesse em mim a preocupação pelo desenvolvimento espiritual.

Bernadette procurou alertar-me sobre os perigos a que estava me expondo. Indicou-me o livro de Gope Krishna acerca de sua experiência com a energia Kundalini. Este Yogue praticava, durante várias horas por dia, a meditação no chakra da coroa e provocou a subida da Kundalini sem que seu corpo ainda estivesse preparado para suportar a carga imensa de energia a que foi submetido. Sofreu dores lancinantes e apresentou sintomas de uma doença estranha que não podia ser diagnosticada ou tratada por nenhum médico. Estes chegaram a considerá-lo louco. Ao final de tanto sofrimento, conseguiu, através da orientação de outros yogues e de suas próprias conclusões, conviver com aquilo. Adquiriu alguns poderes psíquicos e resolveu contar sua experiência para servir de alerta a outras pessoas. A leitura desse livro me fez temer que algo assim pudesse me acontecer. Resolvi tomar mais cuidado com qualquer exercício que oferecesse o risco de fazer subir a Kundalini.

Apesar de tudo isso, sentíamos que, aos poucos, nossa compreensão acerca da yoga ia aumentando. Continuávamos nossas leituras e, intelectualmente, adquirimos bastante conhecimento. Estudamos, principalmente, as diversas religiões orientais. Isto, porém, não era suficiente. Os mestres que havíamos lido alertavam que *o verdadeiro conhecimento só se adquire com a própria experiência*. Não podia ser adquirida em livros.

Lembrei-me, também, de uma passagem engraçada que me aconteceu. Num certo período, eu estava muito interessado em viagens astrais. Em um dos livros que li sobre o assunto, não me lembro qual, o autor dizia que um método seria ficar uma semana a pão e água. Isto faria com que se sonhasse com comida, provocando a saída do corpo para “assaltar” a geladeira. Resolvi começar o jejum em uma segunda-feira. Agüentei firme com meu propósito até o almoço de quinta-feira. Alimentava-me apenas com um pãozinho acompanhado de água no almoço e no jantar.

Vera ficou preocupada comigo e começou uma campanha contra meu jejum, fazendo todos os dias pratos deliciosos para me tentar. No jantar da quinta-feira, ela fez uma macarronada caprichada. Tive que capitular e comi como nunca. Infelizmente não houve tempo para testar se a tal técnica para viagens astrais funcionava ou não.

Não consegui nenhuma viagem astral nestes quatro dias.

Quando começamos a praticar yoga em casa, despertamos a curiosidade de nossas filhas e dos nossos gatos. As meninas queriam participar fazendo conosco as posturas e mantras. Quanto aos gatos, era incrível como eles percebiam quando íamos praticar meditação. Não se podia deixar qualquer porta ou janela aberta porque corríamos o risco de sermos perturbados no meio de um exercício. Às vezes, ao abrir os olhos, encontrávamos a Julieta (nossa gatinha)

bem no meio de nossas pernas. Parece que os gatos têm uma sensibilidade especial para detectar as emissões de energia de qualquer tipo. Talvez por isso estejam sempre presentes em histórias de mistérios, bruxas, etc. Já foi confirmado pelos radiestesistas que os gatos preferem se deitar nos locais em que há forte emissão de energia telúrica. Eles sabem como utilizar essa energia, o que nem sempre acontece com os homens.

Bernadette foi conosco algumas vezes a Parati. Em uma dessas viagens, na volta, passamos pela cidade para passear e almoçar. Estávamos eu, Vera, Camila, Tarsila e ela andando pelas ruas de Parati, quando um cão enorme começou a cercar as meninas com evidente intenção de mordê-las. Eu e Vera estávamos um pouco longe, mas Bernadette estava próxima. Estava vendo que o cão iria mordê-las quando ela começou a entoar um mantra olhando firmemente para o cão: “OM MANI PADME HUM”. As pessoas que estavam próximas no meio da rua pararam suas atividades e ficaram observando aquele quadro, no mínimo, diferente. Até o cão ficou parado e se acalmou, dando tempo para que as três se afastassem. Esse episódio ficou em nossas lembranças como um exemplo do poder dos mantras.

Em Parati, gostávamos também de entoar mantras em uma pedra achatada que havia atrás de nossa casa, em um local elevado de onde se avistava todo o Saco de Mamanguá. Fizemos isto em vários horários, inclusive à noite sob as estrelas. A energia que se sentia era incrível, levando-nos a estados profundos de meditação.

Nossa casa em Parati, realmente representa para nós um refúgio para onde temos que fugir de vez em quando, para "recarregar nossas baterias".

FLORAIS, CRISTAIS E RADIESTESIA

FLORAIS

Em 1990, chegou às nossas mãos, através de Bernadette, um pequeno livro sobre Florais de Bach. Inicialmente, não nos interessamos muito. Ainda estávamos na fase em que não acreditávamos em homeopatia e outras formas de terapia alternativa. Mas, afinal, um ano depois, acabamos por nos interessar pelo assunto e lemos o livro para saber do que se tratava.

No início, começamos a usar os florais em nós mesmos. Depois de freqüentar um curso, começamos a prescrever a alguns clientes. A essa altura, já estávamos convencidos da eficácia dos florais. Aos poucos, aumentou nossa experiência e partimos para outros sistemas, como os Florais Californianos, Australianos, de Minas etc.

Segundo o que lemos e depois observamos, os florais não agem no corpo físico. Sua ação se dá nos nossos corpos sutis, eliminando as energias negativas e colocando em seu lugar, o seu oposto. Como exemplo, tomemos o floral “holly”, indicado para raiva, ciúme e inveja. O floral retira estas energias e coloca em seu lugar a energia do Amor. Isto se processa no nosso chakra cardíaco. Os nossos problemas emocionais fazem com que nossa comunicação com nossa mente superior fique bloqueada, impedindo que recebamos o fluxo energético necessário para a manutenção de nossa saúde. Nossos traumas, medos, vícios de pensamento e ações, causam bloqueios nos nossos chakras, acabando por se

transformar em doenças físicas. O uso dos florais pode impedir que uma doença se manifeste no plano físico.

Os florais, assim como a acupuntura, a homeopatia, os cristais, a radiestesia, a imposição de mãos, etc., podem ser considerados como terapias energéticas. O que têm em comum é o fato de não serem usadas substâncias químicas, mas apenas energias. Atualmente, os florais ainda não têm o respaldo da ciência ortodoxa, mas, como ocorreu com a homeopatia e a acupuntura, um dia eles terão que ser aceitos pelo Conselho Federal de Medicina e liberado seu uso, embora seja uma terapia reconhecida pela Organização Mundial de Saúde.

Na medicina tradicional, a radioterapia é um exemplo de terapia puramente energética. A ressonância nuclear magnética é outro exemplo do uso de energias para fins diagnósticos. Neste método, o cliente é submetido a fortes campos magnéticos que fazem com que todos os átomos de hidrogênio de seu corpo fiquem alinhados na mesma direção. O cliente então é submetido a ondas de rádio de alta frequência. É um processo bastante complicado, mas que, no final, leva a obtenção de uma imagem muito nítida dos órgãos internos.

Como vemos, aos poucos, a medicina tradicional vai fazendo uso dessas terapias energéticas e, vejo isto, como uma tendência cada vez maior.

Nossas filhas começaram a fazer uso de florais e se interessaram muito. Queriam saber para que serviam cada um e em pouco tempo, conheciam todos os 38 florais de Bach. Passamos a incorporar, no nosso vocabulário cotidiano, os nomes desses florais para designar nossas emoções e sentimentos. Camila, principalmente, tornou-se apta a fazer diagnósticos do estado emocional de seus amigos, indicando quais os que eles poderiam tomar. Ela mesma se beneficiou muito com o uso deles, passando a ser bem mais equilibrada.

Com nossos clientes, percebemos que quase sempre podíamos dar um melhor atendimento quando abordávamos também seus problemas emocionais. Dentro de minha especialidade, passei a preparar melhor os clientes que iam se submeter à cirurgia. Este é sempre um momento estressante. Está comprovado que cada cliente reage aos tratamentos de maneira diversa. Mesmo usando os mesmos métodos a evolução de cada caso é diferente. Por quê? Notamos que, se o cliente tem uma expectativa muito grande quando vai se submeter a uma cirurgia, apresentando muita preocupação e medo, geralmente fica mais sujeito a complicações. Com o uso dos florais, estes clientes conseguem enfrentar melhor seus medos, melhorando também sua evolução. Principalmente as crianças pequenas enfrentam o centro cirúrgico com muito mais tranquilidade.

Aos poucos, meus clientes urológicos começaram a me indicar para outras pessoas que vinham procurar-me apenas para tratamento com florais. Os bons resultados traziam outras pessoas e comecei a ficar conhecido como um dos poucos médicos que usavam esse tipo de terapia. Por essa época, ainda eram muito poucos os médicos que se intitulavam “Terapeutas Florais”.

CRISTAIS

Mais ou menos na mesma época em que começamos a usar os florais, fomos introduzidos ao conhecimento do uso terapêutico dos cristais e pedras preciosas, através dos livros de Katrina Rafael. Depois de estudar outras obras para nos aprofundarmos mais no assunto, passamos a usar a energia das pedras

em conjunto com os florais. Parece que os florais têm sua ação potencializada quando administrados com as pedras.

Os cristais de quartzo branco, com terminação em ponta, têm muitos usos terapêuticos e também são usados como auxiliares na meditação e na abertura da terceira visão. As bolas de cristal, muito conhecidas nas histórias de bruxas e adivinhos, são particularmente úteis para esta finalidade.

Os cristais têm sua ação ligada principalmente a sua cor. Conhecendo-se as cores básicas dos nossos chakras, podemos associar os cristais para um determinado fim. Quando, por exemplo, queremos tratar uma criança de gagueira, sabemos que este problema pode ser derivado de um mau funcionamento do chakra da garganta. Como a cor desse chakra é o azul-claro, devemos procurar usar uma pedra desta cor como, por exemplo, o topázio azul ou a água marinha, em conjunto com um floral que tenha ação nesse mesmo chakra, como o Trumpet Vine (CAL).

É claro que esta é uma maneira bastante simplificada para se explicar o funcionamento dos cristais; porém, como já havia citado antes, creio que as energias que se obtém dos vários modos usados em terapias alternativas são muito parecidas, podendo-se usá-las de várias maneiras.

RADIESTESIA

As primeiras vezes em que ouvi falar de “pêndulos” não cheguei nem a prestar atenção. Achei tudo uma grande bobagem. Isto foi há muito tempo. O pêndulo foi-me apresentado novamente anos depois, através de minha professora de yoga. Ela o utilizou algumas vezes em nossas aulas com a finalidade de verificar a presença de energias negativas em nossas auras.

No início de 1992, houve uma “Feira Esotérica” em um shopping de nossa cidade. Havia barraquinhas com demonstrações de leitura de cartas, cristais, quiromancia, astrologia, numerologia, tarô etc. Uma destas barracas era sobre radiestesia. Foi a que mais nos interessou, e voltamos várias vezes nos dias seguintes para conversar com o Professor Renato. Ele se dispôs a dar um curso, desde que conseguíssemos reunir um número mínimo de 20 pessoas. Como naqueles dias conhecemos várias pessoas interessadas, não foi difícil reuni-las em um grupo e logo marcamos o início do curso para dali a um mês. O curso teve a duração de quatro semanas e era dado aos sábados durante o dia todo. Ao mesmo tempo, lançamo-nos à leitura de tudo que encontramos sobre o assunto. Em resumo: após aquele mês, nos tornamos adeptos e praticantes da radiestesia.

Radiestesia significa sensibilidade às radiações. Nosso corpo, sempre que está exposto a qualquer tipo de energia, é sensibilizado. Nossa mente, num nível inconsciente, percebe a radiação e consegue medi-la e classificá-la. O pêndulo apenas age como um instrumento que transforma os pequenos sinais recebidos pelo cérebro, em movimentos que podem ser interpretados conforme uma convenção. Geralmente se convencionou que: na presença de energias positivas, ele gire no sentido horário e, nas negativas, no anti-horário.

A radiestesia é também usada para encontrar lençóis subterrâneos de água, jazidas de minérios, falhas geológicas, tesouros enterrados etc., através das radiações telúricas. Os profissionais que abrem poços artesianos se utilizam da

vareta radiestésica para localizar o ponto onde devem procurar água. Pode, também, ajudar a procurar pessoas ou objetos desaparecidos.

Atualmente, a radiestesia tem sido divulgada com o nome de Feng Shui ou radiestesia chinesa com a finalidade de se dirigir e aproveitar a energia Chi nas residências e locais de trabalho. Sabe-se há muito tempo que certas radiações provenientes de lençóis subterrâneos de água, falhas geológicas, cavernas subterrâneas, radioatividade do solo e outras podem produzir doenças, inclusive o câncer. Na França, esta ciência é muito respeitada e mesmo outros governos não desprezam estes conhecimentos muitas vezes com seus estudos e conclusões sendo guardados a sete chaves por serem considerados importantes para a Segurança Nacional. Além do mais a radiestesia também tem sido usada com finalidades bélicas. Na última grande guerra, foi utilizada pelos dois lados para localizar alvos como, por exemplo, submarinos submersos. Sabe-se que a polícia também utiliza, às vezes, radiestesistas para auxiliarem nas investigações de seqüestro e também dos esconderijos de criminosos.

Um dos usos mais importantes da radiestesia é no campo médico, através da radiônica, que é a arte de fabricar remédios radiestésicos para diversas doenças. Médicos homeopatas podem fabricar remédios para serem usados em seus clientes, tão eficazes quanto os preparados nas farmácias.

Ainda dentro da medicina, a radiestesia é muito útil como auxiliar nos métodos diagnósticos e terapêuticos. Cheguei a fazer uso dessas técnicas para fazer a formula ideal dos Florais de Bach, encontrando, às vezes, essências em que não havia pensado, mas que, ao analisar melhor o caso, encaixavam-se perfeitamente.

Diversos radiestesistas têm inventado aparelhos com a finalidade principalmente, de eliminar ondas nocivas do ambiente.

Em suma, estudamos muito essa matéria, que consideramos de grande utilidade tanto em nossa vida profissional quanto em nossa vida particular. Utilizamos também essa grande “ferramenta” como meio auxiliar no nosso desenvolvimento espiritual.

Parece-nos que os diversos ensinamentos que recebemos durante o período relatado acima, serviu para que eu e minha mulher nos preparássemos para que nossas filhas, nesta vida atual, se beneficiassem, ajudando-as em seu próprio desenvolvimento.

TRANSCOMUNICAÇÃO

Há muitos anos, li um artigo na revista Planeta que tratava deste assunto. Achei interessante, porém, não me entusiasmei. Não cheguei a experimentar o método, porque não havia, naquela época, ninguém falecido que eu quisesse entrar em contato.

Depois do acidente com Camila, como já contei, fiquei quase um mês sem conseguir trabalhar. Estava dando o primeiro plantão após o acidente quando, certamente por obra da sincronicidade, assistia televisão no quarto do plantonista mais ou menos à meia noite. Nesse instante, mudei para um canal onde estava sendo apresentada uma reportagem sobre “Transcomunicação”.

A pessoa que estava sendo entrevistada era o Professor Flávio Pereira, conhecido ufólogo e pesquisador do insólito. Eu já o conhecia através de diversos artigos escritos por ele na revista Planeta.

Dizia o Professor Flávio que havia em São Paulo diversas pessoas que estavam conseguindo se comunicar com seus parentes falecidos, através de gravadores e telefone, e até computadores.

Aquilo atraiu meu interesse. Tentei prestar atenção para ver se o Professor ensinava a técnica da transcomunicação, porém consegui entender muito pouco sobre o que ele estava falando. Mesmo assim, no dia seguinte, comecei a tentar fazer gravações em busca das "vozes dos espíritos".

Como não conhecia a técnica, tentei adivinhar e deixei o gravador ligado em frente ao alto-falante do rádio, colocado em uma frequência em que só se ouvia os chiados, por um tempo de mais ou menos 15 minutos. Não consegui gravar nenhuma voz, pois a técnica não estava correta.

Resolvi, então, descobrir o telefone do Professor Flávio Pereira, o que consegui através da emissora de televisão que havia transmitido aquela entrevista. Finalmente, consegui falar com ele. Contei-lhe o motivo de meu interesse pelo assunto e ele colocou-se à minha disposição para esclarecer minhas dúvidas. Explicou-me a técnica chamada E.V.P. (Eletronic Voices Phenomen) e a outra técnica básica em que se utilizam as ondas de rádio.

Segundo os estudiosos da transcomunicação, os espíritos modulam as frequências de nossa voz conseguindo, de um modo ainda desconhecido, gravar suas "vozes" no gravador. Existem também dúvidas se os sons são gravados diretamente na fita, através da cabeça magnética ou ainda pelo microfone.

Iniciamos as tentativas de transcomunicação em 28 de julho de 1995, quase um mês e meio depois do acidente.

Camila se manifestou de modo muito claro logo nas primeiras tentativas.

Na primeira gravação, surgiu uma música com Mariza Monte - "Eu Sei", no fundo, que não estava tocando em nenhum aparelho de som, rádio ou televisão. Com exceção do gravador, não havia mais nenhum outro aparelho ligado. Ouviase a letra claramente: - **"Um dia eu vou estar à-toa e você vai estar na mira"**.

Infelizmente, apagamos esta fita por acidente.

Nos dias seguintes, conseguimos algumas mensagens: - "Pai, obrigado"; "hum... hum...Yupi" (gritado); "tchau" e "Tarsilinha". Em todas estas mensagens, reconhecemos a voz da Camila. A palavra "Tarsilinha" saiu em um volume muito alto, dispensando qualquer amplificação ou fone de ouvido. Temos gravações dessas mensagens.

Em nossas primeiras gravações, a única voz que se ouvia era a da Camila. O Professor Flávio explicou-me mais tarde que nos lares em que se conseguiu transcomunicação, o primeiro espírito que se manifesta, geralmente, é o ente querido que se quer contatar.

Conosco ocorreu o mesmo. Aproximadamente, dois meses após, começamos a ouvir outras vozes. Não conseguimos, inicialmente, descobrir a identidade dessas pessoas. Descrevíamos estas vozes como "feminina", "masculina", "grave", "aguda etc.

Aos poucos, começamos a notar que os espíritos que se comunicavam conosco eram sempre os mesmos e podiam ser reconhecidos.

Em outra ocasião, resolvi tocar violão durante a gravação. Toquei músicas que a Camila gostava. Ouvimos depois, de modo muito audível, a palavra “Pai”. Fiquei muito emocionado porque a voz era sem dúvida da Camila. Chorei muito de emoção, não de tristeza e Vera também. Usamos esta técnica outras vezes e chegamos a gravar vozes cantando a letra das músicas que eu solava.

As transcomunicações do mês de setembro de 1995 tiveram poucas palavras inteligíveis. Houve apenas uma interessante, quando tentávamos fazer uma gravação usando apenas o chiado do rádio. Enquanto estávamos gravando, ouvimos uma frase em volume alto, saindo diretamente do alto-falante do rádio. Não conseguimos decifrar a frase na hora; porém, ao ouvirmos depois a gravação, entendemos perfeitamente, sem uso de fone de ouvido: “**Lúcia, tente outra vez**”. (Minha mulher se chama Vera Lúcia).

Nesta ocasião, não entendemos bem o sentido dessa frase. Viemos a decifrá-la mais tarde e esta mensagem se mostrou muito importante para nós.

Em outubro de 1995, muitas vozes começaram a aparecer em nossas gravações, como se houvesse uma multidão de pessoas tentando falar ao mesmo tempo. Ouvia-se muito: “**Edison, me ajuda**”. Isto começou a se repetir e verificamos que sempre que esquecíamos de convidar Camila e as outras pessoas que estavam no plano espiritual dela, gravávamos aquela confusão de vozes pedindo ajuda.

Concluimos que devemos sempre, na abertura da gravação, limitar o acesso dos espíritos, através de convite direto à pessoa que queremos contatar, pois desse modo conseguimos gravações mais limpas e com comunicações mais importantes.

Parece que temos o poder de limitar, apenas a quem convidamos, a possibilidade de deixar mensagem em nosso gravador.

Depois que aprendemos isto, passamos a ter uma rotina de sempre iniciar a transcomunicação, com as palavras:

- “Estamos iniciando nossa tentativa de transcomunicação de hoje, dia “tal”. Convidamos a Camila e todos os nossos amigos do plano espiritual em que ela se encontra para nos dar mensagens e esclarecer nossas dúvidas”.

Desde que adotamos esta rotina, não se repetiram as confusões de vozes.

Em relação à Terapia Regressiva, tive uma experiência com um cliente em que gravei uma regressão. Tratava-se de uma vivência em que ele buscava explicações para seus problemas com o pai na vida atual. Naquela vida, ele vivia um papel subalterno e, estando na porta de entrada da casa onde morava, dizia que o proprietário o havia proibido de entrar. Perguntei diversas vezes quem era aquele homem e ele só respondia que não sabia. Depois da sessão, ao ouvir a gravação com fone de ouvido, notei naquele trecho alguns ruídos estranhos. Ao voltar a fita e aumentar o volume, ouvi quando perguntava quem era aquele homem, uma voz que dizia: “É o pai dele”. Confrontei esta informação com o cliente e ele confirmou que achava que era o pai dele naquela vida, mas não teve coragem de admitir para não assumir a rejeição.

Dr. Michel Maluf contou em um curso de Terapia Regressiva sobre um fato semelhante. A cliente estava revivendo uma experiência em que se via dentro de um local e ouvia uma música ambiente. Ao ouvir a fita, Dr. Michel escutou

claramente a música e pôde reconhecê-la. Disse o nome da música à cliente e ela confirmou ser a mesma que havia ouvido na sessão.

Tive ocasião de em outras gravações também ouvir vozes que esclareciam o contexto das regressões.

Dr. Hernani Guimarães Andrade é um grande e conhecido estudioso da Transcomunicação Instrumental, sendo muito respeitado no meio. Publicou um livro e diversos artigos sobre o assunto. Ele foi um dos pioneiros no Brasil nesta área, juntamente com o Professor Flávio Pereira. Na Parte II deste livro, você pode ler outras informações a respeito do Professor Hernani.

A EXCURSÃO À OURO PRETO

No final de maio de 1995, Camila veio me pedir para participar de uma excursão a Ouro Preto, organizada pelo colégio. Disse-lhe que tudo bem, ela poderia ir. Tratava-se de uma viagem tradicional na escola, organizada todos os anos naquela mesma época. Resolvemos concordar com o passeio.

Naqueles dias que antecederam a viagem todos nós estávamos diferentes. A própria Camila visitou várias pessoas que não via há tempos, escreveu muito em seu diário, fez diversos presentinhos de artesanato para dar às amigas, esteve séria e com um olhar distante. Parecia saber que aqueles seriam seus últimos dias nesta terra. No dia anterior à viagem, passou a tarde visitando amigas como para se despedir. Entregou todos os presentes que fizera.

Na última tarde que passou em São José, foi com uma amiga até o Shopping da cidade buscar uma fotografia que havia tirado dias antes. Nesta foto, ela aparecia com o corpo da Jane e a amiga com o do Tarzan. É a última foto que temos dela. A Tarsila pediu para Camila levá-la com o “Ladazu” (o apelido dado por ela para o nosso carro Lada) à casa de uma amiga que mora em nosso condomínio. Elas pegaram o carro e Camila deixou a irmã na porta e fez a volta para casa. Ao passar em frente da casa da Evelin, pôs a cabeça fora da janela e gritou:

-- Tatá, eu te amo!!!

Aquela foi a última vez que as duas se viram.

Os ônibus da excursão partiriam da porta do colégio às 21:00 horas e três amigos da Camila vieram à nossa casa para aproveitar a carona até o colégio. Antes de sair de casa, Camila abraçou muito a mãe e pediu para que todos os amigos fizessem o mesmo. Vera foi abraçada por todos, enquanto Camila observava sorrindo. Finalmente, entramos os cinco no carro e fomos embora para o colégio.

Camila não era tão efusiva comigo quanto com sua mãe. Após descermos as bagagens, ela me deu um breve abraço e foi-se embora com os amigos, sem olhar para traz. Até hoje, aquela visão permanece em minha memória, como a última dela.

A saída dos ônibus foi aproximadamente as 21:30 horas. Segundo soubemos depois, ninguém dormiu naquela noite. Camila e sua turminha estavam no segundo ônibus e passou a noite conversando e brincando muito com as amigas e amigos. Todos se sentaram em todas as cadeiras, se revezando para

conversar. Havia até um conjunto de músicos, formado por amigos dos donos do colégio que tocaram a noite toda, não deixando ninguém se acalmar.

Uma das amigas da Camila passou a noite toda indo ao banheiro do ônibus para “fazer xixi”. Convidava sempre Camila para ir junto e ela foi muitas vezes. Camila estava sentada na antepenúltima fileira de poltronas, na poltrona do corredor central, quando Fabiana a convidou novamente para ir ao banheiro. Respondeu:

- O, Lôra! Você não sai desse banheiro! Sinto muito, mas dessa vez não vou. Convida outra.

Fabiana então convidou a menina que estava sentada ao lado da Camila, na poltrona da janela. Fernanda, que estava sentada atrás da Camila, junto com a Fabiana, neste momento mudou-se para a poltrona da janela. Quando a amiga saiu, Camila mudou-se para a outra poltrona e recostou a cabeça no vidro, adormecendo logo depois. No banco detrás, Fernanda também se recostou no vidro para dormir. Na última fileira, do mesmo lado, Itu, um dos alunos, também estava com a cabeça recostada na janela. Logo depois, ele mudou de posição, passando a apoiar as duas pernas no vidro onde pouco antes estava com a cabeça encostada. Isto salvou sua vida, mas não impediu que ele sofresse uma fratura exposta do fêmur, tamanha a violência do choque.

Soubemos, depois, que aqueles lugares haviam sido partilhados por muitos amigos durante aquela noite. Parece, porém, que tudo já estava delineado para suceder como aconteceu. Nestas alturas, os ônibus já estavam próximos de seu destino. A cidade mais próxima era Carandéi, e a outra próxima e conhecida era Barbacena.

Exatamente as 06:40 horas ocorreu o acidente.

Aproximadamente as 07:30 horas, a mãe de uma das amigas nos telefonou dizendo que ocorrera um acidente com o ônibus de excursão. Havia feridos, mas nada sabia do estado da Camila. Sua filha havia lhe telefonado para dar a notícia, mas, segundo ela, não havia lhe contado nada importante. Eu e Vera pensamos: *"logo Camila também vai nos telefonar"*. Ficamos aguardando, mas o telefonema não vinha. Vera ficou ligando para todas as outras mães, mas ninguém deu a verdadeira notícia. Achamos que todos já sabiam a verdade, mas ninguém teve coragem de nos dizer.

Resolvi pegar o carro e ir até o colégio para saber mais notícias. Ao chegar lá, o diretor veio me receber e pediu para eu ligar para minha casa. Quando Vera atendeu aos prantos, logo percebi o que eu não queria adivinhar. Vera dizia:

- A Camila, a Camila, a Camila...

-Fala, que é que tem com a Camila? Naquele momento, eu já havia adivinhado a resposta. Vera continuou:

- *...ela morreu!*

- Quem morreu?

- A Camila, a Camila morreu!!!

Não sei por que, mas aquela frase soou em meus ouvidos como um “dejá vu”. Parecia algo que já havia acontecido e eu não me lembrava de onde ou quando. Não queria acreditar. Fiquei me prendendo à hipótese de que poderia ser um engano. Quem sabe não era ela e sim outra amiga que confundiram com ela?

Respondi à Vera que já estava indo para casa e saí correndo. Ao chegar, encontrei minha filha Tarsila e a mãe chorando muito. Nós três caímos num choro desconsolado.

Quando conseguimos nos acalmar, resolvemos ir ao colégio para obter mais informações sobre o acontecido. Lá chegando, encontramos muitos pais e mães à procura de notícias de seus filhos. Fomos informados de que o pai de um dos meninos, médico, iria até Barbacena para ajudar na liberação dos corpos.

Resolvi ligar para o “Tiô” (meu cunhado Hamilton) para lhe dar a notícia. Falei chorando ao telefone que eu tinha uma notícia muito triste para dar: a Camila morreu! Ele desligou imediatamente e eu aguardei um momento para ligar de novo. Desta vez, consegui dar a notícia toda. Depois ele me contou que no momento que desligou, correu desesperado para o quintal de sua casa e chorou aos gritos. Ele foi uma das pessoas que mais sofreram com a notícia.

No mesmo dia, meus cunhados e minha família se deslocaram para São José a fim de dividir a dor conosco. Enquanto aguardávamos a chegada dos corpos de Barbacena, aproveitamos o tempo para ir tratar dos detalhes do velório e da compra de um jazigo, pois nossa família não possuía um. Achávamos que íamos demorar muito para precisar disso e, portanto, não estávamos prevenidos.

A empresa de ônibus, dona dos veículos da excursão, prontificou-se a pagar as despesas e havia fretado dois jatinhos para trazer os feridos em um deles e os corpos em outro. Somente após às 18:00 horas é que, finalmente, os aviões chegaram. Dali, os corpos de Camila e Fernanda foram levadas diretamente à Capela Serimbura para serem velados.

Realmente, como é difícil relembrar aqueles momentos. Choramos tanto que parecia que não teríamos lágrimas suficientes. Não pregamos olho a noite toda.

A capela estava atulhada de gente: parentes e amigos dos alunos que haviam participado da excursão. Vera e eu ficamos dentro da capela até mais ou menos as 05:00 horas. Estávamos muito cansados e com muito frio, mas não tínhamos sono. Fomos os dois descansar um pouco dentro de nosso carro e lá, não sei se devido ao nosso cansaço, tive uma visão (ou seria uma alucinação?) através do vidro traseiro do carro: a Camila olhando para mim, sorrindo e me mandando tchauzinhos. Fiquei muito abalado e contei à Vera que acreditei na hora que era uma visão e não alucinação.

OS FUNERAIS

O enterro aconteceu na manhã do dia 16 de junho de 1995, no cemitério do Horto, em São José dos Campos. Foi muito emocionante porque a família da Fernanda comprou um jazigo ao lado do nosso e o enterro foi realizado em uma só cerimônia. Como o acidente fora muito divulgado, a televisão acompanhou todos os acontecimentos e o fato acabou saindo em telejornais de todo país.

O tempo voou e a missa de sétimo dia chegou rápido, com a igreja lotada por amigos e familiares das duas meninas. Recebemos a solidariedade de muitos pais de colegas que se sensibilizaram com nosso sofrimento e até se imaginaram em nosso lugar. Tive, então, a compreensão de quanto é importante a

solidariedade das pessoas nessas horas. A gente fica muito fragilizada e mesmo o abraço de um estranho representa um grande conforto.

E a tristeza não passava. Ficamos 10 dias sem conseguir trabalhar. Acontecia de eu ter que ir ao hospital e, lá chegando, começar a chorar e os colegas médicos tinham que vir me consolar. Mas, enfim, tínhamos que voltar às nossas atividades. A vida, afinal, continuou, mesmo sem a Camila. Vera e eu, não conseguíamos pensar em outra coisa. Tudo nos fazia lembrar de nossa filhinha. Qualquer coisa que fôssemos comer, por exemplo, nos levava a lembrar dela e perdíamos o apetite. Comer inclusive passou a ser um grande problema por causa disto. Camila era muito comilona e gostava de tudo.

A lembrança dela, ainda hoje é tão forte que às vezes costumamos a acreditar que ela não está mais entre nós.

Após aquele acidente, começaram a nos acontecer diversas “coincidências” estranhas:

O número 6 apareceu de diversas formas nestes acontecimentos. A data do acidente, 15/06/1995 apresenta a soma de $15=1+5=6$; o mês = 6; a Soma de 1995 – os 9 fora = 6; o horário do acidente foi as 06:40; a chegada dos corpos a São José dos Campos = 06:00 p.m.; o nome CAMILA tem 6 letras; o ano de nascimento da Camila - 1977 = os 9 fora = 6; o horário de saída da excursão: 21:30 - somando-se os algarismos = 6. Será que a numerologia teria alguma explicação para estas coincidências?

Outras coincidências:

O motorista do ônibus chamava-se Edson, coincidentemente o meu nome. O motorista do caminhão chamava-se Hernando Henrique, semelhante ao nome da Fernanda.

O acidente ocorreu no feriado prolongado de Corpus Christi, quase 19 anos depois de Camila passar por uma ameaça de aborto em uma viagem que fizemos à Matão.

Diversas outras coincidências aconteceram e nos chamaram a atenção na época. A maioria já nos esquecemos. Lembro-me, também, de que vários filmes que alugamos, no primeiro mês após o acidente, traziam mensagens para nós. Um deles contava a história de uma garotinha cujo pai chegou atrasado para sua apresentação no espetáculo da escola. Brigou com o pai e recusou-se a voltar para casa no mesmo carro. Aconteceu um acidente com o carro que a transportava e a menina faleceu. O pai ficou tentando se comunicar com ela e o filme mostrou várias situações muito emocionantes para nós.

Tivemos muitos outros fatos semelhantes que, porém, não nos vêm mais à lembrança.

SONHO OU REALIDADE?

Estávamos os quatro na cozinha de nossa casa: Vera cozinhando, a Tarsila estudando, eu em pé perto da porta de correr que separa nossa cozinha de nossa sala de televisão. Camila, sentada de costas para a área do fogão, olhando tudo. Estava bem magra, elegante, com o uniforme de dança escocesa que usou naquela festa no colégio Monteiro Lobato, onde ela estudou até os 14 anos. De repente, percebi que aquilo tudo era um sonho, porque me lembrei que Camila não estava mais conosco. Lembro-me como foi difícil me convencer disto, porque

era muito real, com cores, sons como o ruído característico da coifa ligada, o cheiro da comida que Vera estava preparando... Aquela realidade de sonho nada tinha de diferente da outra que conheço quando acordado, exceto a presença de Camila. Meu raciocínio era tão claro como no estado de vigília.

Quando, finalmente, me convenci de que aquilo era um sonho, abracei a Camila apertado, sentindo o calor de seu corpo e a materialidade de sua presença. Falei em seu ouvido:

- Camila, você sabe o que lhe aconteceu? (Referia-me ao acidente). E ela respondeu:

- “Tenho um pensamento”, fazendo um trejeito com os olhos e a cabeça meneando-a de lado como quem estivesse procurando na memória. Ao mesmo tempo me olhava fixamente nos olhos e mostrava seu lindo sorriso. Em seguida, seus olhos ficaram vermelhos como se estivesse triste e com vontade de chorar. Camila continuou:

- Não quero falar nisso.

Aí, Vera falou:

- É verdade. Ela já me disse que não gosta de falar nisso. Pensei: “será porque ela preferia estar aqui conosco?” Surgiram muitas perguntas em minha cabeça, mas resolvi não perguntar mais nada.

Em seguida, Camila pediu para dar uma volta no Niva. Concordei e saímos para pegar o carro. Nesse momento, aconteceu a primeira diferença entre a casa do sonho e a casa real. Nossa garagem é no corpo da casa. Aquela garagem, porém, era distante algumas quadras. Lá chegando, dei a chave do Niva para a Camila e peguei o outro carro. Era um Gol 1000 branco modelo novo. Na verdade, não temos um carro assim. Estranhei que não era o “Ladazu”. Saí da garagem na frente da “Cacá”, olhando no retrovisor ela me seguindo no Niva. O aspecto do lugar lembrava uma cidade de praia com ruas de terra sem calçamento, parecida com a Caraguatatuba que conheci em minha infância nos anos 50. Ao chegar em uma esquina, fiquei preocupado de que Camila batesse em algum carro. Freei no meio do cruzamento para bloquear a passagem para Camila passar sem perigo.

Às vezes, me esquecia que aquilo era um sonho.

Aí, acordei no meio da noite. Revi mentalmente cada detalhe e disse a mim mesmo que não iria me esquecer daquele sonho. Durante o resto da noite fiquei com estes pensamentos se repetindo, dormindo ou acordado, até o alvorecer. Nesse momento, falei à Vera, que também acordara com o despertador, e lhe contei todo o sonho, antes que ele desaparecesse de minha memória.

Até hoje, quando relembro este sonho, me sinto feliz. Este é o sonho mais real que já tive. Ainda me lembro de todos os detalhes.

Naqueles dias que se seguiram ao funeral, todos nós da família começamos a ter muitos sonhos vívidos e visões com Camila. Vera também teve sonhos com ela.

No dia 6 de julho de 1995, ela anotou em seu caderno o seguinte:

“No início de julho, tive um sonho em que eu e o Edison estávamos em nosso quintal, nos locomovendo sobrevoando, apenas com o corpo astral. Vi então a Camila deitada na rede branca. Cheguei perto e abracei-a. Ela disse que estava na rede porque sua cama não estava boa. (Na verdade a avó naquela

noite, estava dormindo na cama dela). *Pedi então que eu desse para a avó um quartzo rosa e um cristal, o que eu fiz no dia seguinte .”* .

Outro sonho de Vera:

“Em julho de 1995, quando ainda dormia ouvi a campainha de um telefone. Atendi e, nesse momento, já estava quase acordada com um telefone imaginário nas mãos. Ouvi, então”:

- Papai, eu te amo! E, novamente:

- Papai, eu te amo!

Achei que seria uma mensagem para o Edison”.

As circunstâncias do acidente da Camila nos fizeram pensar em muitas coisas. Por que? Era a mais freqüente das perguntas em nossas mentes. O acidente ocorreu bem longe de nós e a morte foi súbita, não deixando margem para que pudéssemos nos deslocar a tempo de fazer alguma coisa para ajudá-la. Em todos os feriados prolongados, milhares de ônibus são fretados e, raramente ocorrem acidentes graves. Isto nos fez pensar que aquela seria uma viagem muito segura. Tudo parecia ter sido planejado para que nós não pudéssemos mesmo fazer nada e, mesmo assim, nenhuma culpa ficasse em nossas consciências. Aquela sensação de “dejá vu” que me acometeu quando falava com a Vera e ela me dizia que Camila estava morta, não me saía da cabeça.

Como resposta a estas questões, Vera teve um sonho que considero muito revelador. Transcrevo suas anotações do dia 12 de julho de 1995:

“Estávamos em um ambiente muito rústico escuro e antigo. Éramos cinco pessoas: Edison (meu marido) duas filhas (Camila e Tarsila), Bernadette e eu. As meninas tinham 5 anos e a outra 8 ou 9, sendo a Tarsila a mais nova. Bernadette era bem mais velha, pele escura, cabelos negros e lisos. Era uma feiticeira ou sacerdotisa”.

O aposento tinha paredes de pedra e piso de terra. Havia em um dos cantos uma fogueira onde o Edison assava a perna de uma caça.

Trouxemos então o assado para uma mesa central baixa, onde fazíamos as refeições, sentados no chão ou sobre algo ao nível do chão. As cores eram escuras e cortávamos a carne, gordurosa e sangrenta.

As crianças de repente saíram correndo para fora e eu saí atrás delas, pois pressenti que algo perigoso estava lá fora. Vinha um veículo, uma carroça puxada por animais, na direção das meninas. Corri e gritei, tentando segura-las mas só consegui pegar a Tarsila por que era menor e estava mais atrás. Gritei para Camila, mas ela foi atingida, caiu batendo a cabeça e morreu. Peguei-a no colo e senti então um grande sentimento de culpa, quase insuportável, fisicamente na região do plexo solar e do coração.

Acordei.

Fiquei sentindo-me mal por alguns dias “.

A partir deste sonho, submeti Vera a uma regressão que mostrou a veracidade da lembrança. Após a perda de nossa filha naquela vida, Vera entrou em um estado depressivo e de sentimento de culpa que durou pelo resto da sua vida. Perdeu o interesse por tudo e ficou só se remoendo. É provável que a sensação de estar sempre em falta, que sentia em relação à Camila, tivesse se originado nesta vida.

Este sonho, desde a primeira vez que Vera me contou, bateu fundo em mim. Não me parecia um fato de sonho, mas a descrição de algo que realmente nos acontecera. Depois chegamos à conclusão de que aquilo, na verdade, era uma lembrança de uma vida passada, na qual o carma atual entre nós e Camila se iniciava. Parece-nos que ela desta vez devia partir de nossas vidas de um modo especial como foi; sacrificando-se de uma forma que nós não pudéssemos ficar com nenhum sentimento de culpa.

A experiência que estamos passando nessa vida parece nos mostrar que o momento da morte de cada um não depende dos atos de seus semelhantes. Nós mesmos é que decidimos quando devemos partir.

O MAPA ASTRAL

Resolvi incluir este comentário sobre astrologia, porque é um dado a mais que nos ajudou a aceitar melhor a partida de Camila. Serviu para nos dar mais uma mostra de que o que aconteceu estava programado.

Foi nesta época que resolvemos fazer os mapas astrais de nossa família. Conhecemos, então, uma Astróloga que se chamava Lígia. Era considerada muito competente e preparou os diversos mapas de nossa família com os respectivos cruzamentos. Encomendamos para Camila o mapa de nascimento e o mapa do momento de sua passagem.

Segundo alguns autores, o mapa do momento da morte, que representa uma configuração dos astros no céu naquele momento, será o mapa do próximo renascimento. Isto não significa que ocorrerá no mesmo dia e hora. O importante é a configuração dos astros que se repete de tempos em tempos, mas em datas diferentes. Seria este um método para se descobrir a data da próxima encarnação?

Segundo o que nos explicou a Astróloga, Camila, em seu mapa de nascimento, já mostrava que seria uma pessoa muito livre e que teria muitos interesses em vários campos de atividade e com tendência a se relacionar com muitas pessoas fora de seu âmbito familiar. As linhas deste mapa mostravam uma tendência de formar um paralelogramo, faltando apenas uma linha para fechar o desenho.

No mapa feito no momento do falecimento, verifica-se que o paralelogramo se fechou, formando uma figura semelhante a um portal. O significado disso, segundo a Astróloga, é que Camila naquele momento de sua vida deveria passar por uma grande mudança. Esta era uma tendência que estava presente em seu mapa desde os seus 16 anos, isto é, dois anos antes. Necessariamente, isto não precisava ser interpretado como morte. Poderia, também, ser uma viagem que ela fizesse para um país estrangeiro da qual demorasse muito para voltar ou até mesmo que nunca mais voltasse.

Acontece que a mudança que ela necessitava devia ser de tal modo que não podia ser neste plano físico, mas em outro nível. Ela teve que deixar seu corpo para poder efetuar essa mudança.

Quando Vera ouviu isto de Lígia, ela se lembrou de um fato acontecido quando Camila tinha seis anos de idade. Alguém nos havia ensinado que prendendo uma aliança com um fio de cabelo e balançando-se dentro de um copo

vazio, podia-se perguntar várias coisas que se obteria a resposta de acordo com o número de batidas da aliança no copo. Ela começou fazendo diversas perguntas simples como: “quantos anos eu tenho, quantos filhos eu terei etc”. Depois, passou a perguntar com que idade as pessoas iriam morrer. A toda pessoa que ela perguntava, a aliança dava como resposta muitos anos à frente, como: 80, 85 anos ou mais. Quando ela fez esta pergunta em relação à Camila, a resposta foi 16 anos.

Ela ficou muito assustada e parou com a brincadeira na hora.

Vera me disse que aquilo ficou em sua memória constantemente e aguardava ansiosamente que Camila chegasse aos 16 anos. Quando isso ocorreu, sentiu-se aliviada, achando finalmente que aquela previsão não ia se realizar.

Mas, como vimos acima na interpretação do mapa da Camila, ela estava correndo risco de mudar de plano desde os 16 anos. O acidente ocorreu quando ela estava com 18 anos. Este é mais um fato para nos demonstrar que nada nos acontece por acaso.

Aquela brincadeira com a aliança, nada mais era que a utilização do pêndulo como aprendemos depois em Radiestesia. Hoje sabemos que o pêndulo pode nos dar respostas muito precisas, quando estamos bem sintonizados com ele.

TERAPIA DE VIDAS PASSADAS

No meu curso de formação de médico, passei pela disciplina de Psiquiatria e tive curiosidade sobre o assunto no início. A maneira até certo ponto pernóstica dos psiquiatras, porém, não me atraíam. Achava os diagnósticos e os tratamentos muito complicados e controversos.

Tive a impressão de que os mestres da disciplina pouco tinham a oferecer para a efetiva cura dos clientes. Apesar de não ter me atraído pela Psiquiatria tive que estudar e aprender as teorias básicas que dão suporte à Psiquiatria e à Psicologia para poder ser aprovado na disciplina. Tudo isto foi muito útil mais tarde quando comecei a me interessar por outros tipos de terapia.

Nunca me conformei com a conclusão da medicina de modo geral que considera algumas "doenças" como incuráveis como, por exemplo, as enxaquecas, esclerose múltipla, esquizofrenia, depressão, alcoolismo, a maioria das psicoses, o Mal de Alzheimer e muitas outras doenças e síndromes. Nós médicos, não conhecemos quase nada sobre a fisiologia ou as causas destas doenças.

Comecei a ter contato com outros tipos de abordagens que contrariavam as afirmações da medicina tradicional, dizendo que muitas dessas doenças podem ser curadas. O alcoolismo, por exemplo, para a PNL, é considerado mais um sintoma que uma doença, podendo-se reprogramar o inconsciente para que o cliente obtenha o mesmo ganho secundário que consegue com o alcoolismo, mas com outro "sintoma". Para os analistas transacionais, o alcoolismo é considerado um jogo do qual participam seis personagens.

Comecei a me questionar se na verdade, todas as chamadas doenças não seriam apenas sintomas de outra coisa. Quando conheci a maneira como Milton

Erickson conseguia curas que pareciam milagrosas de muitas dessas doenças, resolvi me aprofundar mais sobre estas outras maneiras de curar. Ao estudar os livros de Morris Netherton, Hans TenDam, Edit Fiore, Roger Woolger e outros, percebi que há muito a se fazer pelos nossos clientes que não conseguiram o conforto para seus males dentro da estrutura convencional da medicina. Parece que os médicos, com sua postura rígida e ainda atrelada ao antigo paradigma de Newton e Descartes, estão sendo ultrapassados por profissionais de outras áreas cujas mentes mais abertas não os impedem de experimentar coisas novas.

Durante todo o processo de aprendizado que relatei até agora, foi cristalizando-se em mim a convicção de que a origem da maioria das doenças era emocional e que poderiam ser curadas ou minimizadas se conseguíssemos alterar o psiquismo dos clientes. Netherton e TenDam relatam em seus livros, e também nas diversas vezes em que estive em aulas e seminários ministrados por eles, muitas curas de doenças até então incuráveis. Na Análise Transacional de Eric Berne, também reforcei esta opinião quando estudei os conceitos de jogos, argumentos de vida, "mensagens bruxas" etc. Foi, porém, com a Terapia Regressiva que percebi que poderia aplicar todo este conhecimento com muito mais eficiência e, então, me realizar em minhas aspirações de ser um curador e não apenas um médico que se limitava a tratar sintomas.

Como já foi dito na introdução, a Terapia Regressiva pode se utilizar de todo o conhecimento desenvolvido pelas diversas técnicas psicoterápicas mas com a vantagem de poder abordar o inconsciente com muito mais facilidade e ainda conservar o consciente atuante para poder entender e assimilar as novas decisões de vida. A maioria das doenças têm suas origens em traumas psicológicos e, também, nas conclusões e decisões que as pessoas tomaram no passado. Portanto, se conseguirmos tratar estes traumas e mudar as conclusões e as decisões das pessoas, poderemos curá-las ou, pelo menos, devolver a elas o controle sobre suas vidas.

TERAPIA REGRESSIVA

Comecei a me interessar por Terapia de Vidas Passadas no final de 1990 quando conheci um pequeno livro: "*Guia Prático de Regressão a Vidas Passadas*" (MacClain, F. W.) que ensinava uma técnica regressiva simples, usando apenas relaxamento. Como curiosidade, comecei a experimentá-la em meus familiares e em amigos mais íntimos. O método funcionava e conseguimos muitas regressões.

Camila quis submeter-se a algumas sessões das quais toda a família e, às vezes, os amigos, participavam. As regressões eram feitas no quarto dela, com pouca iluminação e, enquanto eu conduzia a sessão, eles cochichavam sugestões em meus ouvidos. Encarávamos aquilo tudo como uma brincadeira familiar, mas, mesmo assim, todos começaram a ampliar o entendimento que possuíam acerca da vida e seus mistérios.

Camila recordou muitas vidas que considerou entediadas, prolongadas e chatas (Hangover?). Descobriu que, várias vezes, perdera o pai, a mãe ou ambos.

Em uma dessas vidas, ela era filha do meu cunhado, aquele cujo apelido familiar era "Tiô". Realmente, este tio, era muito apreciado por ela a quem devotava um carinho todo especial.

Hoje nos lembramos com frequência de quanto ela repetiu que não queria morrer depois de nós. Ela sempre dizia que iria primeiro. Será que esta era uma decisão tomada antes desta vida? Se eu tivesse o conhecimento que tenho hoje, ela poderia ter descoberto isto e feito outra decisão? São perguntas que não posso responder, mas que sempre me voltam. Sei apenas que aquelas sessões despreziosas tiveram em Camila um efeito terapêutico, pois ela passou a ser muito mais tranqüila e segura, podendo então começar a desenvolver-se mais rapidamente.

Este tipo amadorístico de indução a vidas passadas continuou no âmbito familiar até a época do acidente de Camila. Não sentia necessidade de aprofundar-me mais no assunto.

Após o acidente, eu e Vera começamos a nos interessar mais por livros que abordavam o tema de reencarnação e terapia de regressão a vidas passadas. Um amigo emprestou-me o livro de Brian Weiss “Muitas Vidas, Muitos Mestres”. Ele foi lido avidamente por nós.

Comecei a ler tudo que encontrava nas livrarias sobre TVP. Conheci os livros de Patrick Drouot, anunciado nas contracapas como uma das maiores autoridades mundiais sobre o assunto. Lemos também os livros da Dra. Elizabeth Kubler-Ross, sobre as experiências de quase morte, em que se nota muita semelhança com os relatos das sessões de Terapia Regressiva. O Psicólogo alemão Thorwald Dethlefsen é outro autor que me pareceu possuidor de profundos conhecimentos sobre o tema e foi muito importante para ampliar minha cultura sobre o assunto. Os autores mais técnicos (Morris Netherton, Edith Fiore, Roger Woolger e Hans Tendam) não estavam disponíveis em livrarias e só vim a conhecê-los mais tarde.

Esses livros agiam em nós como um bálsamo para nosso sofrimento. Pareciam sempre nos comprovar que a verdadeira vida não se resume apenas a esta realidade física que conhecemos.

Cheguei a me tornar autodidata em TR e vários clientes descobriram que eu estava fazendo regressões a vidas passadas com meus amigos. Começaram a insistir comigo para que eu os tratasse e acabei cedendo e aceitando submetê-los a sessões de regressão. Os bons resultados logo trouxeram outros clientes.

Com o aumento da procura dos clientes, senti a necessidade de me aprofundar mais no assunto. Em minha cidade, não havia mais ninguém que pudesse me acompanhar neste campo e então, em 1996, comecei a me informar sobre cursos de TR. Entrei em contato com as três associações existentes em São Paulo e me decidi pela ABTVP - Associação Brasileira de Terapia de Vivências Passadas, depois com o nome mudado para Associação de Estudos e Pesquisas em Terapia de Vivências Passadas - ABEP-TVP. Atualmente esta associação mudou novamente seu nome para Associação Brasileira de Hipnoterapia Regressiva (ABHR).

O curso foi ministrado pela docente daquela entidade *Herminia Prado Godoy*. Completei os módulos teórico e prático e recebi meu certificado de Psicoterapeuta de Regressão do CDCT-HPG. Posteriormente, fui aprovado em exame da ABEP-TVP, como Membro Certificado.

O curso me deu a desenvoltura e os conhecimentos que me faltavam para continuar atendendo aos meus clientes com muito mais segurança.

COMO ESTAMOS HOJE?

No dia 29 de março de 1997, minha segunda filha Tarsila deu a luz uma menina a quem resolveu dar o nome de Camila Galvani Sgarbi Martins de Almeida, o mesmo nome de sua irmã, apenas acrescentando o sobrenome do marido. Seu nascimento aconteceu 20 anos e dois meses depois do nascimento de sua tia e 1 ano e 8 meses depois que ela se foi.

Hoje sentimos que esta criança é muito especial e trouxe um novo sentido às nossas vidas. Um dia quem sabe escreverei os detalhes sobre este nascimento.

Esta, então, é minha trajetória até agora. Tenho certeza de que Camila foi muito importante na escolha deste caminho e que tudo o que aprendi com ela me influenciou e está me ajudando no sentido de esforçar-me para, cada vez mais me tornar um ser humano melhor.

PARTE II

CONTRIBUIÇÕES DE DIVERSOS AUTORES À TERAPIA REGRESSIVA

A Terapia Regressiva tem se apoiado em diversos autores que estão construindo suas bases teóricas. Pretendo mostrar, resumidamente, o foco das contribuições desses autores, a fim de que o leitor aguçe sua curiosidade e, se quiser, pela da bibliografia no final do volume, possa se aprofundar mais. Esta lista não é completa porque muitas outras pessoas prestaram sua colaboração à TR, mas ficaria muito extenso citar todos. Apresento apenas os que considere mais importantes em minha formação de psicoterapeuta de regressão.

01. HERNANI GUIMARÃES ANDRADE - MODELO ORGANIZADOR BIOLÓGICO (MOB)

Hernani Guimarães Andrade tem reconhecimento mundial na área de Reencarnação e escreveu vários livros e monografias, entre os quais, "*Reencarnação no Brasil*" onde descreve vários casos sugestivos estudados por ele, e "*Espírito, Perispírito e Alma*", ensaio sobre o modelo organizador biológico (MOB). Neste Modelo do Espírito, é feita uma distinção entre matéria física e matéria espiritual. O Espírito é constituído de **Matéria Psi**, contendo psiátomos cuja natureza é puramente energética como ocorre com a matéria física. Na matéria física, a energia é estruturada em três dimensões e, na matéria psi, a estruturação é feita em quatro dimensões.

Hernani descreve o ser como tendo um Corpo Mental que possui em sua parte superior a Cúpula que guarda as experiências psicológicas, filosóficas e espirituais de cada encarnação e é a sede da Consciência Superior ou Superconsciência.

Na parte inferior desse modelo encontramos o **Modelo Organizador Biológico (MOB)** que contém todas as experiências biológicas da individualidade, desde o início da sua estruturação. O Corpo Físico fica inserido entre o Corpo Astral e o Corpo Vital. Acima do Corpo Astral, encontra-se a Cúpula e, abaixo do Corpo Vital, encontra-se o MOB.

Resumidamente, este é o MOB, de Hernani G. Andrade. A TR considera este o modelo que melhor explica o mecanismo de inter-relação entre o Espírito e a personalidade consciente.

Hernani apresentou este Modelo Organizador Biológico como sua hipótese de trabalho para poder explicar como é o mecanismo de inter-relação entre o espírito e a consciência encarnada. Ele continua estudando e aperfeiçoando este modelo e, em seu Instituto Brasileiro de Pesquisas Psicobiofísicas - IBPP, elabora métodos científicos laboratoriais que comprovam a existência deste MOB.

02. HEMENDRA NATH BANERJEE

Criador do termo **Memória Extracerebral (MEC)**, realizou estudos sobre reencarnação na Índia e em outros países, tendo analisado cerca de 1.100 casos de reencarnação. Trabalhou muito com crianças. Procurou verificar se os sujeitos adquiriram suas informações de Vidas Passadas através da imprensa, PES (Percepção Extra Sensorial) ou telepatia.

Utilizou-se dos mais modernos métodos científicos em seu trabalho de campo para analisar seus resultados com objetividade. Procurou entrevistar pessoalmente as crianças, seus familiares e vizinhos, separando os casos mais bem documentados para comprovar sua hipótese e afastar a possibilidade de outras explicações. Passou a supor que o Ser Humano possui uma memória diferente, conseguindo lembrar-se de memórias pertencentes a outras vidas em outros corpos. Chamou a este tipo de memória de Memória Extracerebral (**MEC**).

Baseando-se no fato científico de que ninguém pode lembrar-se do que não viveu ou aprendeu anteriormente, e que os fatos contidos na memória de seus sujeitos não foram adquiridos pela forma normal, concluiu que o indivíduo, ao morrer, separa-se de sua parte psíquica, e a parte física, juntamente com o cérebro, era destruída, mas a psíquica permanece podendo então lembrar-se de outras vidas. Banerjee é o primeiro pesquisador da ciência a se referir à existência de uma **memória extrafísica**.

Banerjee utilizou a pesquisa de campo, entrevistando as crianças e suas famílias, procurando explicações alternativas à hipótese da reencarnação.

A grande importância de Banerjee para a TVP foi ter desenvolvido seu conceito de **MEC**.

3. IAN STEVENSON

Médico Psiquiatra americano, livre-docente, chefe do Departamento de Neuropsiquiatria e diretor do laboratório de parapsicologia da Universidade de Virgínia. Muito respeitado internacionalmente, estudou e analisou durante 25 anos, em todo o mundo, 2.500 casos possíveis de reencarnação. Autor do livro "*Vinte Casos Sugestivos de Reencarnação*".

Estudou principalmente crianças. Originalmente céptico, começou suas pesquisas sobre a hipótese da Reencarnação com a intenção de encontrar provas de que era uma premissa falsa. Seus estudos, porém, vieram a mostrar justamente o contrário. Seu afã em provar que não existia a reencarnação, o fez utilizar-se de todos os métodos usados em trabalhos científicos. Conseguiu provar o contrário, isto é, que a reencarnação era a melhor hipótese para explicar as memórias apresentadas por crianças que se referiam a vidas passadas.

Procurou utilizar-se da análise criteriosa de todas as possibilidades que pudessem ser explicações alternativas. Seus métodos tornaram-se o padrão para este tipo de pesquisa. É considerado o mais importante pesquisador de pessoas que apresentam espontaneamente memórias de vidas pretéritas.

Descobriu em muitos indivíduos que se recordavam de sua vida anterior, as chamadas "marcas de nascimento". São cicatrizes, manchas e, às vezes, defeitos físicos que se parecem com os ferimentos geralmente adquiridos no momento da morte anterior. Documentou estes casos com fotografias e verificou a veracidade das circunstâncias das mortes daquelas pessoas, descobrindo que realmente as marcas de nascimento podiam ser relacionadas aos ferimentos que levaram à morte.

Stevenson usou em suas pesquisas entrevistas de crianças e suas famílias de modo semelhante a Banerjee e também casos bem documentados de outros

pesquisadores, inclusive de Hernani Guimarães Andrade, que é um de seus colaboradores.

Sua importância para a TR reside no fato de ter dado suporte científico ao estudo de vidas passadas, embora seu trabalho não tivesse caráter terapêutico. O respeito internacional e suas reconhecidas qualidades de pesquisador ajudaram a TR a firmar-se como uma importante forma de terapia.

04. HELEN WAMBACH

É autora de diversos livros sobre TR. Famosa por um estudo que realizou de modo muito bem controlado, com critérios científicos rígidos. É considerada uma grande contribuinte ao estudo da reencarnação.

Esta pesquisa está descrita em seu livro *"Recordando Vidas Passadas"*. Neste livro, ela conta que reunia dezenas de voluntários, que eram convocados através de anúncios em jornais, e induzia hipnose em grupo, deixando escolhas de determinados períodos na história. Após a hipnose, seus sujeitos deviam preencher um questionário, antes de contatar com qualquer pessoa.

Pesquisou dados da história como população, raças, moeda, costumes, hábitos alimentares etc. A comparação entre os dados históricos oficiais e os obtidos por Wambach, concordam principalmente quanto às populações em diversas épocas, distribuição de sexos, raças, moedas, estilo de roupas, hábitos alimentares, mobiliário, cultos e religiões etc.

Seus resultados são tão impressionantes que este trabalho é muito citado como referência no estudo da possibilidade da reencarnação e considerado como um forte indício para a comprovação desta tese.

O texto abaixo foi baseado no livro de Hans TenDam "Panorama sobre a Reencarnação vol. I".

"No livro Vida antes da Vida, Wambach relata com detalhes os resultados de inúmeras regressões ao período imediatamente anterior ao nascimento. Investigou principalmente o seguinte:

- a. Se a decisão de nascer foi da própria pessoa.*
- b. Se houve ajuda de alguém no processo de decisão e se houve algum aconselhamento.*
- c. Os sentimentos da pessoa diante da expectativa de um novo renascimento.*
- d. Se havia uma razão especial na decisão de nascer na segunda metade do século XX.*
- e. Se houve escolha do sexo e o motivo da escolha.*
- f. O Objetivo traçado para esta nova existência.*
- g. Qual o momento de entrada do espírito no novo corpo, se entrava e saía, e se havia ou não consciência em algum momento.*
- h. Se a pessoa tinha percepção dos pensamentos e sentimentos da mãe.*
- i. Os sentimentos que surgiam durante o processo de nascimento.*

Suas principais conclusões foram:

a. e b. 81% tomaram eles próprios a decisão de renascer, sozinhos ou com aconselhamentos. Desse total, 55% tiveram alguma forma de hesitação; 23%

tiveram um preparo ativo e 3% tomaram a decisão apressadamente contra os conselhos de seres extrafísicos.

c. 68% estavam resistentes ou com alguma tensão quanto á perspectiva de renascer.

d. 51% decidiram renascer na segunda metade do século XX, por acreditar que esta época tinha grande potencial para facilitar o amadurecimento espiritual.

e. 76% tiveram participação na escolha do sexo; 24% não tiveram escolha em relação ao sexo e não deram importância a isso.

f. 27% tinham a meta de crescer espiritualmente e ajudarem outras pessoas a crescer; 26% tinham a intenção de ter novas experiências para ampliar experiências anteriores ou corrigi-las; 18% objetivaram aprender a se relacionar com os outros e aprender a amar; 18% desejavam transformar relacionamentos de vidas anteriores; 12% apresentaram razões diversas para reencarnar; 87% declararam que já conheciam seus pais, parentes e amigos de vidas anteriores e que esses relacionamentos eram de estilos variados.

g. 11% se ligaram ao feto no momento da concepção ou em algum momento nos primeiros 6 meses da gestação; 12% ligaram-se ao feto no final do 6º mês; 39% ligaram-se nos últimos 3 meses; 33% ligaram-se ao feto pouco antes do nascimento; 05% ligaram-se logo após o nascimento etc”.

Deste trabalho, podemos concluir que o recém-nascido é um ser humano maduro, com experiências prévias, percebedor da realidade que o rodeia, possuidor de uma bagagem de conhecimentos e de um projeto de vida delineado antes dessa atual vida física.

A importância de Helen Wambach para a TR é o fato de esta ter sido a primeira pesquisa séria voltada inteiramente para o estudo desse tipo de terapia. Além do mais, alguns de seus sujeitos tiveram diversos problemas psicológicos resolvidos, mesmo sem a manipulação do terapeuta. Imagine-se, então, quando a regressão é feita por um terapeuta experiente com finalidade de cura?

05. STANISLAV GROFF

É médico psiquiatra, psicoterapeuta e pesquisador nascido em Praga, República Tcheca e depois radicado nos Estados Unidos. Ex-Diretor da Psychiatric Research, no Maryland Psychiatric Research Center, autor de mais de 90 artigos e 7 livros na área de psiquiatria e estudos dos estados alterados da consciência. É considerado um dos fundadores, nos anos 60, da Psicologia Transpessoal, conjuntamente com A. Maslow, Pierre Weil e outros.

Sua formação como médico iniciou-se pela linha da psicanálise, segundo Freud.

Desenvolveu estudos revolucionários no campo da consciência humana e da vida intra-uterina. Seus estudos acrescentam ao conhecimento humano os domínios perinatais e transpessoais.

Usou em suas pesquisas a indução de estados alterados de consciência com o uso do LSD e outras drogas psicodélicas. Seus primeiros estudos com LSD começaram na sua terra natal, quando, na universidade em que trabalhava como pesquisador, recebeu um pacote como cortesia dos laboratórios "Sandoz Pharmaceutical Laboratories" de Basileia, Suíça.

Segundo seu relato:

"Quando o abri, notei uma aglomeração de três letras e dois números: LSD-25. Era a amostra de uma nova substância experimental com propriedades psicoativas notáveis, descoberta estranhamente, de modo inesperado, pelo diretor químico da Sandoz, o Dr. Albert Hofmann. Depois de alguns trabalhos psiquiátricos preliminares feitos na Suíça, a companhia estava fazendo amostras dessa droga, acessíveis aos pesquisadores do mundo todo, solicitando informações sobre os seus efeitos e seu potencial. Entre suas possíveis aplicações, estava a exploração da natureza e das causas das psicoses, em particular a esquizofrenia, e o treinamento de psiquiatras e psicólogos". ("A Tempestuosa Busca do Ser", Groff, Stanislav e Christina, Cultrix, 1994).

Depois, quando começaram a haver restrições ao uso daquelas drogas, elaborou, em conjunto com sua esposa Christina, uma técnica que chamou de *"Técnica de Integração Holomônica ou Terapia Holotrópica"*. Em seus livros, descreve pormenorizadamente as experiências relatadas por seus clientes quando nos estados provocados pelas drogas ou pela respiração holotrópica.

Descobriu que as memórias obtidas com seu método afloravam em nítidas *"constelações dinâmicas"* e não de forma separada. Denominou a isso de **Sistemas COEX** ou Sistemas de experiência condensada.

Verificou que *"a maioria dos Sistemas COEX é dinamicamente ligada às facetas específicas do processo de nascimento"*.

O nascimento humano, como núcleo de cada COEX, estaria profundamente ligado às experiências de morrer e estar nascendo. Descreveu então as Matrizes Perinatais Básicas (MPB) em número de quatro, que seriam orientadoras do processo relacionado com o nível perinatal:

MPB I - Descreve as memórias do período da vida intra-uterina. É o período entre a concepção e o início das primeiras contrações do parto. Relaciona-se com a sensação de unidade com o todo e pode ter aspectos positivos, como sentir-se completamente livre em um espaço imenso, o que ele denomina de "útero bom" ou pode ter aspectos negativos, quando a mãe está passando por doenças em que há liberação de toxinas no líquido amniótico, tentativa de aborto etc. e que Groff denomina de "útero mau".

MPB II - Começa quando se inicia o trabalho de parto. Corresponde à forma como o parto desperta sofrimento físico e psicológico no feto. Está associada com experiências de engolfamento cósmico, sensação de estar sendo sugado ou de estar sendo atacado por seres monstruosos. Atrai Sistemas COEX com lembranças de processos de destruição física, da espécie, do planeta e até do cosmos.

MPB III - Corresponde ao processo de nascimento, com o período de expulsão e passagem pelo canal do parto. Nesta fase, existe um período variável em que o feto sente-se pressionado por todos os lados pelas contraturas uterinas e ele encontra-se em uma situação aparentemente sem solução. Não pode ir para frente porque o colo do útero ainda está fechado e não pode voltar atrás. Desperta; também, lembranças de adormecimento no corpo todo e falta de ar, provocados pela intensa pressão exercida pelo útero que comprime inclusive os vasos arteriais que nutrem a placenta, causando queda da tensão do oxigênio e conseqüente hipóxia nos tecidos. O feto luta pela sobrevivência, à medida que vai

sendo comprimido e expelido. Atrai Sistemas COEX de memórias de experiências sexuais intensas e lutas, combates e aventuras.

MPB IV - Refere-se à descompressão que acontece quando o feto é expulso para o meio externo, com as sensações de alívio e relaxamento e quando ocorre também a primeira separação da mãe e a primeira visão da luz. São atraídos Sistemas COEX de sucesso, término de situações perigosas e sobrevivência a acidentes ou doenças.

Os sistemas COEX e as Matrizes Perinatais Básicas descobertas por Groff encontram confirmação nos achados das sessões regressivas e estes conceitos são aceitos por todos os grandes expoentes da Terapia Regressiva.

Quanto ao momento em que o feto tem consciência, concluiu, como Netherton, que ele permanece inconsciente até o momento do parto.

06. MORRIS NETHERTON

Morris Netherton é considerado o primeiro sistematizador da TVP. Em sua técnica original, dava muita importância ao período perinatal e considerava incompleta a sessão que não abordasse a concepção, nascimento e morte.

Em seu livro, ele amplia o conceito de Groff de MPB I, subdividindo-a em 4 fases:

- a. Concepção.
- b. Suspeita da gravidez.
- c. Confirmação da gravidez.
- d. Tempo restante da gravidez.

Considera este o único período prolongado em que a mente inconsciente trabalha sozinha, independente do consciente. Sem o filtro do consciente, o feto grava tudo o que acontece ao seu redor, inclusive os pensamentos e sensações da mãe como se referissem a si próprio. Concordando com Groff, tais acontecimentos podem acionar núcleos de memória (COEX?) de vidas pregressas que atuarão em sua vida.

Para Netherton, o período entre a Gestação, Concepção e Nascimento é responsável por traumas muito importantes para o resto da vida do indivíduo, pois pode reestimar problemas de vidas passadas e afetar a resistência ao stress.

Em estudos sobre adolescentes e suicídio, ficou demonstrada a correlação entre partos difíceis e maior incidência de suicídio, versus partos sem sofrimento para o feto e menor incidência de suicídio.

Groff afirma que o espírito está encarnado desde a concepção e permanece apenas com o inconsciente, sem o consciente até o momento após o parto.

07. ROGER WOOLGER

Roger Woolger, escreveu o livro "*As Várias Vidas da Alma*". Psiquiatra americano, desenvolveu uma metodologia própria para acesso à vidas passadas. De formação Junguiana, inclui no estudo das vidas passadas, o período perinatal,

considerando-o como um dos mais importantes no panorama total de formação da personalidade.

Também considera o feto como um observador acrítico de tudo o que acontece ao seu redor e um gravador do que a mãe pensa, fala, sente ou faz, como também afirma Netherton. O feto fica envolvido em uma "*ruminação profunda de dois fluxos de consciência; um de suas vidas passadas e outro do curso atual no útero*". Acrescenta a Groff quanto à vida intra-uterina, que o feto já tem um script (roteiro) de vida passada. Dessa maneira, a mãe fica isenta de culpa quanto ao futuro do feto pois este foi atraído por pais que lhe proporcionarão as condições necessárias para cumprir um determinado "carma". Acha que existe uma razão para o feto estar com uma mãe específica para possibilitar espelhamento das disposições psíquicas preexistentes no inconsciente do feto. Ele chamou essas disposições psíquicas preexistentes no feto de "Sanskaras"¹.

A criança é trazida para determinados pais pelo fenômeno da "*ressonância cármica*". Este conceito ele entende de modo diferente de Groff e Netherton, pois acha que o feto não é como uma metáfora de uma fita de gravador virgem onde, de modo indefeso, os acontecimentos, pensamentos e conversas que são ouvidos perto da mãe etc., são gravados. Esta fita já vem com *gravações prévias*. Todos estes fatos entram na composição da "ruminação profunda" do feto, com seus próprios "Sanskaras". Entendo por este conceito que apenas os acontecimentos que são sentidos pelo feto, que encontrem "ressonância simbólica" com as cargas trazidas por ele, terão importância na "ruminação". Desse modo, retira da mãe toda carga de culpa que ela possa sentir, dividindo-a com seu futuro filho. É por isso que ele diz que o espírito é atraído por ressonância cármica para pais que irão proporcionar a resolução de determinados Carmas escolhidos pelo futuro ser.

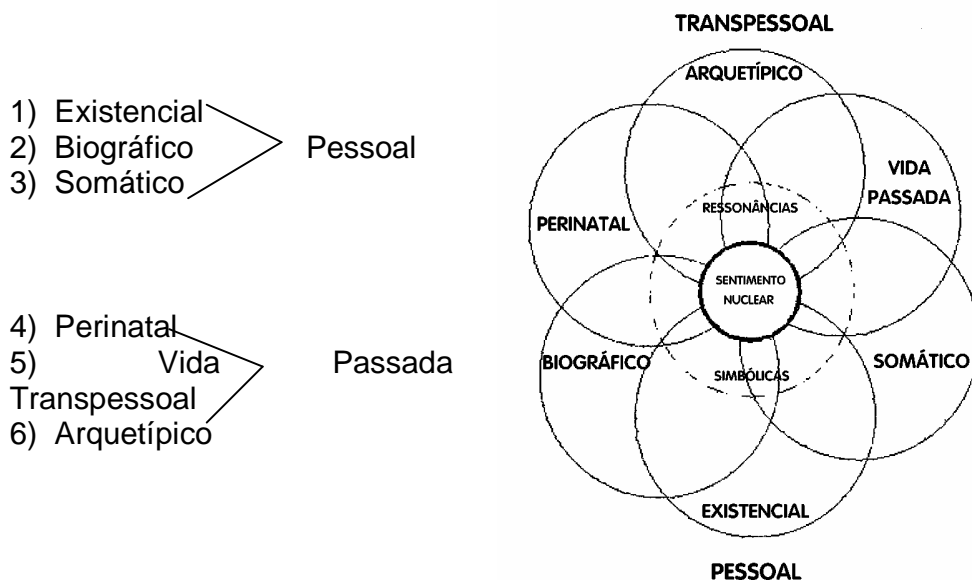
Roger faz correlações entre suas conclusões e as MPB de Groff. Como junguiano, acha que existe muita semelhança entre o Complexo de Jung e os sistemas COEX. Amplia os conceitos dos dois autores, por correlacionar vários COEX em sua Roda de Lotus. Quanto a Jung, sua Roda de Lotus acrescenta os aspectos Perinatais e de Vidas passadas. No capítulo 5, pág. 80 de seu livro "*As Várias Vidas da alma*", discorre sobre Complexo COEX e a Roda de Lotus: "*Partindo da análise da sessão de Suzan, ...* ...", passa a descrever e distribuir os diversos complexos apresentados por esta cliente.

Nos vários relatos de sessões, ele mostra as relações entre os problemas apresentados pelos clientes e o "Aspecto Perinatal". Demonstra principalmente como agem os estímulos decorrentes dos traumas da concepção, vida intra-uterina e parto alavancando em direção as vidas passadas.

Woolger idealizou um esquema em que amplia os conceitos de Jung acerca da Psique humana, levando em consideração as vidas passadas e os conceitos de núcleos COEX de Stanislav Groff.

¹ Este é um termo do budismo tibetano que significa "*as trilhas que existem na mente causadas pela repetição em vidas passadas de hábitos que, ao voltar a uma nova vida, faz com que as pessoas trilhem aquele mesmo caminho por ser mais fácil para o Ser*". Os diversos ensinamentos da religião budista com suas práticas de yoga, meditação, vigília constante dos pensamentos, sentimentos e ações, têm por finalidade livrar a pessoa dessas "trilhas, que eles chamam de "Sanskaras".

No esquema abaixo, retirado de seu livro "As Várias Vidas da Alma, Pagina 81 e 82", vemos no centro, um Núcleo que ele chama de Sentimento Nuclear. Divide sua "Roda de Lotus da seguinte maneira:



Observa-se que o Núcleo Central se relaciona com todos os outros aspectos do Lotus, o que Woolger denominou de "*Ressonância Simbólica - uma metáfora musical*".

Este esquema tem a vantagem de integrar a TR com os diversos aspectos da psique.

08. HANS TENDAM

Para Hans Tendam a gravidez e o parto constituem "a chegada misteriosa de um convidado desconhecido".

É criador da divisão das populações em três tipos:

- A. **População I - Evolução geral, sem muito planejamento e nascimento nas proximidades da antiga vida em tempo e lugar.**
- B. **População II -** Desenvolvimento pessoal com metas de auto desenvolvimento, consciência na intermissão, planejamento na intermissão, ligação cármica com outras pessoas.
- C. **População III -** Contribuição para desenvolvimentos maiores e deliberação consciente na intermissão. Às vezes orientação por "guias" desencarnados. Livre escolha da reencarnação.

Ocorrem períodos intermissivos maiores, quanto mais evoluído o grupo populacional. Hans detalha o planejamento de vida nas Populações II e III, de um modo tão minucioso levando-nos a concluir que, ele, praticamente retira dos pais qualquer culpa que pudesse recair sobre eles. Se existe algum culpado nesta história, este é o ser reencarnante. Mesmo na População I, não se pode imputar qualquer culpa aos pais. Eu acho, no entanto, que os pais que geram filhos da

População I têm pouca chance de atraírem seres das Populações II e III, a não ser que a escolha desses seja orientada para objetivos muito altruístas, de esperança de ajudar os seres mais atrasados em sua evolução espiritual.

A principal diferença entre as três populações é em relação ao planejamento de vida: quanto maior, mais evoluída.

A pessoa que está por nascer, além do exposto acima, pode escolher, entre as várias personalidades passadas, uma personalidade prévia para ser a "Raiz", o centro da nova personalidade a ser formada. Quando não foi feito um planejamento, a Personalidade Raiz será a da última vida ou do último sexo que terá a nova personalidade. Quando há planejamento, a Personalidade Raiz será escolhida de modo específico para trazer consigo suas habilidades e também seus traumas e postulados. Nem todos os traumas, porém, são trazidos. Há uma escolha daqueles que serão importantes na próxima vida para proporcionar um melhor desenvolvimento do Ser.

Quanto ao período pré-natal, para Hans Tendam, o corpo astral, na maioria das vezes, só entra no feto após o 6º mês da gestação. Mãe e feto estão ligados desde antes, mas o ser reencarnante permanece a maior parte do tempo perto da mãe e não dentro do corpo do feto.

Para Hans, existe no ser que vai reencarnar três registros de experiências:

1. Registro etérico - que começa com uma especialização do corpo etérico da mãe.
2. Registro físico do embrião - dependente do desenvolvimento do sistema nervoso.
3. Registro do corpo físico - que registra como ser humano encarnado.

O ser só penetra perfeitamente no corpo do embrião após os três registros estarem conectados.

O recém nascido está consciente de tudo o que se passa ao seu redor no momento do nascimento. Sob este aspecto, ele concorda com as conclusões de Helen Wambach.

Pode-se perceber, também no estudo de Hans, semelhanças com o conceito de COEX e MPB de Groff. No livro "Cura Profunda, pág. 24", ele explana sobre as repercussões cármicas devido a estimulações ocorridas na gravidez e no parto:

"Muitos reestímulos acontecem durante a gravidez e no momento do nascimento. Situações posteriores em nossas vidas novamente reestimulam as experiências traumáticas da gravidez e o nascimento..."

Neste capítulo, ele tece considerações sobre estes reestímulos e cita exemplos de sessões onde isso ficou demonstrado. Faz uma crítica a Netherton sobre a necessidade de passar sempre pelo período gestacional, como se nada pudesse ser reestimulado a não ser durante este período. Hans afirma que um bebê pode ficar tão raivoso a ponto de começar a envenenar a mãe, só parando quando percebe que está pondo em risco sua própria vida.

Comenta sobre o trabalho de um psicólogo infantil americano, Lee Salk, que comparou 52 adolescentes suicidas com 104 que não o cometeram. Salk descobriu que os adolescentes suicidas tiveram mais problemas médicos antes ou depois do nascimento e suas mães tiveram mais problemas durante a gravidez.

Os adolescentes que tentaram suicídio três ou quatro vezes foram os que tiveram mais problemas médicos ou as mães com mais doenças.

Hans não concorda com a opinião de Netherton de que toda sessão está incompleta se não abranger o período de gestação até o parto, mas reconhece a importância de se fazer isso quando o cliente necessita.

Patrick Drouot, em seu livro *Reencarnação e Imortalidade*, cita na pág. 143, um trabalho feito por um médico austríaco, Dr. Gerhard Rottman, da Universidade de Salzburgo, na Áustria sobre a influência do estado de consciência da mãe sobre a criança. Este autor divide as mães em quatro categorias de acordo com sua atitude consciente ou inconsciente:

1. **A Mãe Ideal** – manifesta desejo um filho tanto consciente quanto inconscientemente. Estas mães têm, na maioria, gravidez feliz e tranqüila, sem problemas posteriores ao parto e seus bebês gozam de excelente saúde.
2. **Mães Frias ou Desanimadas** – que, conscientemente, não desejam ter um filho devido aos problemas de carreira profissional, problemas financeiros, condições de vida etc., mas que, inconscientemente, muito o desejam.
3. **Mães Ambivalentes** – que, exteriormente, mostram-se radiantes pela gravidez, mas interiormente mostram-se inseguras de o estar. Muitas vezes este tipo de mãe apresenta perturbações de comportamento e é afetada por problemas intestinais.
4. **Mães Catastróficas** – são as que de maneira alguma desejavam um filho. Apresentam todo tipo de problema médico durante a gravidez, têm por vezes filhos prematuros ou de baixo peso. Os filhos têm a tendência de serem emocionalmente perturbados.

De acordo com Rottman, nas mães dos tipos 2 e 3, a criança registra as mensagens contraditórias "in útero" e a tendência é se mostrar apática. **Roger J. Woolger** cita o mesmo trabalho na pág. 158 de seu livro *"As Várias Vidas da Alma"*, informando também que estas novas descobertas e outras de natureza semelhante são contadas no livro de Thomas Verny e John Delly *"A Vida Secreta da Criança antes do Nascimento"*. Neste livro, os autores revelam que tais experimentos foram realizados no decorrer de duas décadas, utilizando rigorosos dados científicos proporcionados pelas pesquisas neurológicas e fisiológicas atuais. Citando: *"O feto consegue ver, ouvir, experimentar, sentir o paladar e, num nível primitivo, até aprender no útero (isto é, dentro do útero - antes do nascimento)"*.

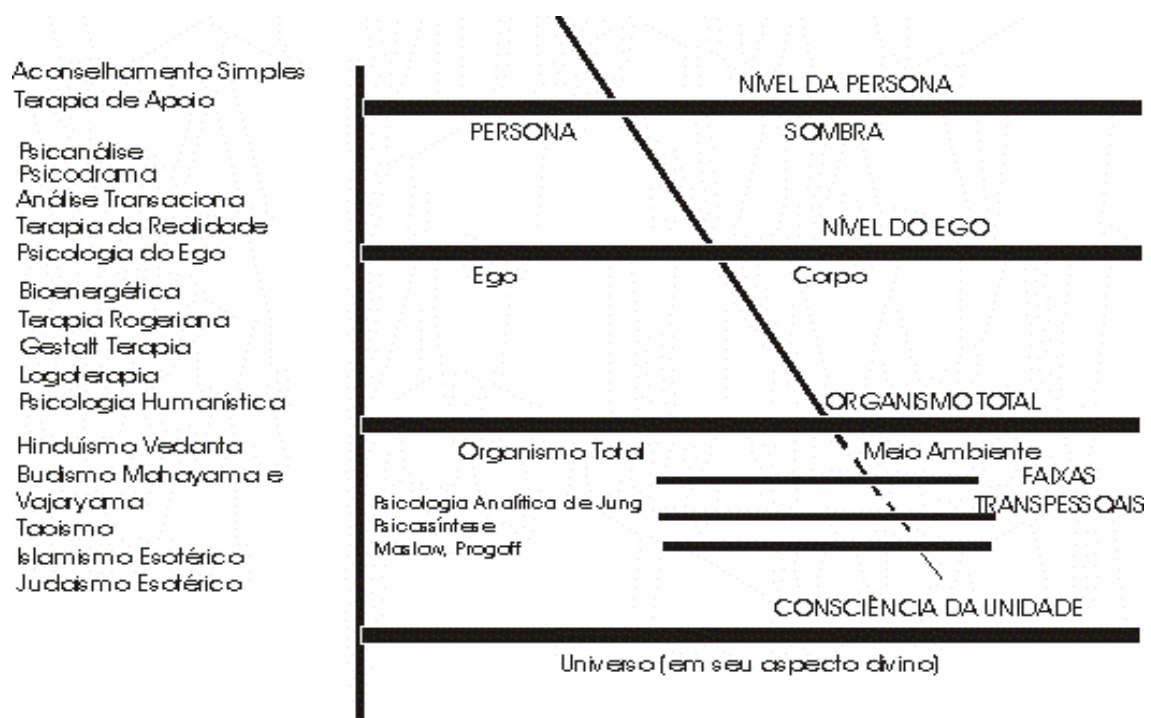
Roger, porém, tira a responsabilidade das mães. Baseado em suas próprias observações, ele não concorda em ver as mães como *"a principal fonte destas mensagens modeladoras" no inconsciente do nascituro*. Roger acha que os *"Sanskaras"* que já vêm com o novo ser, é que são reativados pelo tipo de mãe escolhida por eles.

09. KEN WILBER

Este autor apresenta uma analogia entre os diversos estados de consciência e o espectro eletromagnético. Em seus livros *"O Espectro da*

Consciência" e *"Fronteiras da Consciência"*, ele afirma que os diferentes autores da psicoterapia, aparentemente estão sempre defendendo suas próprias idéias e abordagens pretendendo que suas técnicas são melhores que as dos demais. Porém, todos eles podem estar certos, porque as diferentes abordagens são dirigidas para diferentes níveis do espectro da consciência. Ele propõe, então, que dependendo do estágio evolutivo em que se encontrar o cliente, deve-se usar a técnica mais apropriada para aquele nível. No seu entender, as pessoas estão em diversos níveis de consciência: persona, ego, centauro, transpessoais e consciência do todo.

As Terapias e os Níveis do Espectro



Ken Wilber faz uma comparação das discussões que atualmente acontecem entre os diversos tipos de abordagens psicoterapêuticas e as que ocorriam no final do século 19, entre os diversos cientistas que estudavam o espectro eletromagnético. Cada um deles se colocava em posição defensiva contra os outros que estudavam os diversos fenômenos achando que só a sua abordagem era a correta. Atualmente, sabe-se que as ondas de radiofrequência, a luz visível, os raios X, os raios cósmicos etc., são ondas eletromagnéticas com diferentes comprimentos de onda.

Quando Wilber propõe o esquema acima, ele está comparando nossos diversos níveis conscienciais com este espectro eletromagnético. Portanto, pode-se dizer que não existe abordagem psicoterapêutica melhor que a outra. Cada uma está indicada para um determinado nível desse espectro e tem, por objetivo, levar o cliente para o estágio imediatamente superior, em direção à consciência unitária.

No esquema abaixo, extraído de seu livro "O Espectro da Consciência", a linha diagonal que corta todas as outras representa o limite que colocamos entre o lado de nossa consciência que aceitamos como fazendo parte de nós e o lado que não aceitamos em nós mesmos.

10. HERMINIA PRADO GODOY

É psicóloga e psicoterapeuta, trabalha com TR e Terapia da Consciência Multidimensional, e é diretora do "Centro de Difusão Científica e Tecnológica Hermínia Prado Godoy" em São Paulo, onde concluí meus cursos de Terapia Regressiva. Tem se dedicado à pesquisa da consciência, especificamente, sobre a questão da manipulação do poder. Ela também ratifica a denominação "Terapia Regressiva" que está sendo adotada internacionalmente a partir de 1997, em substituição à "Terapia de Vidas Passadas", porque as técnicas utilizadas não se restringem às vidas passadas, mas, sim, a todo o passado do cliente.

Godoy apresentou em 1998, na "Revista do Inconsciente em Terapia - ABEP-TVP - Ano I, Vol. 1 – jan. /dez. 1998", um artigo original intitulado: "*Núcleo Central Eutrópico e Núcleos Distrópicos: Um Ensaio Teórico e uma Proposta Psicoterapêutica para a Consciência*". O resumo é o seguinte:

"Esta monografia amplia o modelo da sobrevivência da consciência, sugerindo que algumas consciências não estão totalmente "encarnadas"; avança a possibilidade de existirem "n" consciências em "n" dimensões; propõe uma nova análise estrutural para a consciência calcada no modelo pluralista e multidimensional; e apresenta a proposta do modelo teórico dos núcleos (Central Eutrópico, em Potenciação e Distrópicos. Também apresenta uma proposta psicoterapêutica para o trabalho com os núcleos, a qual denomina de "Psicoterapia da Consciência Multidimensional", que se utiliza das técnicas da Terapia Convencional; TVP e Terapias Energéticas, baseadas nos conceitos físicos de: ressonância; acoplamento e assimilação".

Godoy refere em seu trabalho que, durante a sua prática clínica como psicoterapeuta desde 1979, observou no relato de seus clientes que "*a consciência extrapola a dimensão física em sua fenomenologia*". Ela observou o aparecimento de "partes" de um mesmo ser, com personalidades individualizadas, que se diziam não-encarnadas, alheias e independentes. Eram ao mesmo tempo taxativas ao afirmar que pertenciam ao mundo consciencial daquele cliente. A partir dessas observações, elabora várias questões, principalmente se o que observava era um fato comum a todos os seres.

Segundo Godoy, a TR desenvolveu técnicas que permitem uma abordagem consciente do inconsciente. Esta é a inovação trazida pela TR. Durante as sessões, o consciente está sempre presente. Ela está propondo o conceito de Consciência 'n' dimensional:

"A Consciência transita nas dimensões presente/passado e futuro, e no mundo físico, extrafísico e intrafísico. O homem tem uma consciência física (EGO) e 'n' consciências no mundo espiritual (extrafísico e intrafísico). As consciências que pertencem às dimensões espirituais têm livre acesso ao mundo físico e nem todas as consciências físicas têm acesso ao mundo espiritual diretamente. Podem acessar estas consciências utilizando-se do canal perceptivo. São independentes

e funcionam como verdadeiras personalidades autônomas (subpersonalidades ou subconsciências)".

Resumidamente, podemos dizer que, para Godoy, existe uma consciência central não-encarnada que ela chama de Núcleo Central Eutrópico. Este NCE seria a consciência pura que projeta sua energia para um corpo físico para que ele viva. Existem ainda os Núcleos em Potenciação (NP), que têm origem nas vidas de sucesso em que as programações do ser foram cumpridas e que permanecem no inconsciente, lançando emanções para a personalidade encarnada que a ajudam na tarefa de cumprir com sua programação evolutiva. Por último, as vidas em que não houve sucesso no cumprimento da programação transformam-se em Núcleos Distrópicos, que permanecem no subconsciente como subpersonalidades e que influenciam negativamente no desenvolvimento do ser, além de perturbarem as emanções do NCE.

Neste trabalho, Godoy propõe várias técnicas para atingir o NCE e, a partir dele, desintegrar os ND e ativar os NP. Estas técnicas incluem as abordagens da psicoterapia convencional (Gestalt, Análise Transacional, Psicodrama, Psicanálise Freudiana etc.), Terapia Regressiva, terapias energéticas etc. – que são acessadas através da percepção sensorial e extrasensorial do cliente e terapeuta.

11. A TERAPIA REGRESSIVA, OS CHAKRAS E OS CORPOS DO HOMEM - UMA ANALOGIA COM A PSICOLOGIA ORIENTAL

Desde tempos muito antigos, há mais de 5.000 anos, os grandes mestres religiosos das antigas religiões da Índia, Tibet, China etc., falam da estrutura dos diversos veículos ou corpos do homem. Muitas das noções que estamos discutindo aqui já foram estudadas e descritas nos livros secretos daquelas religiões. Com a aproximação entre Ocidente e Oriente, estes conhecimentos, outrora secretos, foram sendo assimilados e difundidos. Hoje encontramos livros que descrevem muitos daqueles antigos mistérios.

Nas diversas religiões antigas, os conceitos dos diversos corpos do homem foram descritos de várias maneiras. A versão que prefiro é a descrita por C. W. Leadbeater e Annie Besant que sintetizam o modo como a Teosofia traduziu aqueles conceitos para uma linguagem mais inteligível para nós ocidentais.

Estes diversos corpos do homem têm seus nomes originais em sânscrito, a língua antigamente usada na Índia, que parece ser o berço do antigo conhecimento. Eles são em número de sete e cada um está relacionado a um chakra.

1. O corpo físico – que é formado pelo corpo denso visível ("*Sthula Sharîra*"), e uma parte mais sutil, também feita de um tipo de matéria, mas invisível que é o duplo etérico ("*Linga Sharîra*"). O corpo físico atua no plano físico. O corpo físico denso é a porção mais material e visível e o duplo etérico funciona como uma interface entre o corpo físico e os demais corpos. Na visão da aura, ele é percebido como uma luz branca brilhante que contorna o corpo físico, com mais ou menos um a dois milímetros.

2. O corpo astral ou corpo emocional (Corpo "*Kamico*") – que atua no plano astral ("*Kamaloka*"), é também conhecido como "corpo dos desejos". É chamado de corpo "astral" devido ao seu aspecto semelhante a astros com suas estrelas,

nebulosas etc. É a parte da aura mais visível e suas cores e formas são extremamente mutáveis, na dependência do estado emocional em que nos encontremos.

3. O corpo mental inferior ("Manas") – formado de matéria mental utilizado para nos expressarmos intelectualmente no nível das idéias. Este corpo se desenvolve à medida que cresce nossa capacidade intelectual de raciocínio, voltado para as coisas práticas.

O corpo mental inferior está localizado nos quatro primeiros subplanos do Plano Mental ("*Rupa ou com forma*").

4. O corpo mental superior ou corpo causal – tem este nome pelo fato de nele residirem todas as causas cujos efeitos se manifestam nos planos inferiores. Neste corpo causal que é guardado todo conhecimento puro, isto é, livre de qualquer energia densa. Nas diversas encarnações do homem, tudo que ele realizar utilizando seus baixos instintos, pensamentos pouco nobres, sem levar em consideração seu semelhante e a ética, nunca poderá atingir este corpo. Nossos pensamentos têm cores e formas. Estas cores têm os diversos comprimentos de onda e quanto mais inferiores, são mais escuras e "sujas".

Os diversos planos da realidade estão divididos em camadas cada vez mais sutis. Deste modo, torna-se impossível uma matéria mais densa chegar a um nível superior devido ao fenômeno de ressonância vibratória que se observa em qualquer nível do espectro eletromagnético.

Quanto mais evoluído espiritualmente for o homem, maior e mais forte é seu corpo causal. Ele vai se revestindo de matéria causal formada pelas energias puras do amor universal e incondicional que vamos desenvolvendo nas nossas vidas. O mínimo pensamento bom ou toda ação boa e desinteressada gera matéria causal que vai ser adicionada a este corpo e uma vez incorporada, não poderá mais ser perdida. Este fato explica o porquê da evolução ter um sentido sempre ascendente. Com o passar do tempo, o corpo causal vai se tornando cada vez mais rico em energias sutis aumentando desse modo sua influência nos corpos inferiores. O mal vai tendo cada vez mais dificuldade em se instalar no homem que desenvolveu seu corpo causal

Este corpo é formado de matéria mental superior, derivado de nossos bons pensamentos e do raciocínio voltado para as grandes aspirações desinteressadas e feitas com a finalidade de servir a humanidade.

O corpo causal habita a região superior do plano mental correspondente aos três últimos subplanos de baixo para cima: o 5º, o 6º e o 7º ("*Arupa ou sem forma*").

5. O corpo Búdico ou corpo espiritual – esta é a região onde toda a dualidade existente nos planos inferiores desaparece e o espírito pode sentir-se como unido a tudo. Ali não existe mais a noção do eu separado. Podemos ter poucas informações acerca desse corpo e do plano onde ele está, devido à dificuldade de nos expressarmos sobre estes conhecimentos em linguagem comum.

6. O corpo Nirvânico.

7. O corpo Mahaparanirvânico ou Ádico.²

8. O corpo Monádico (a Mônada) – este corpo parece ser a nossa origem, logo após o primeiro momento de diferenciação da alma em direção à individualização. Segundo os antigos ensinamentos, esta emanção se forma através das energias da trindade divina (Primeira, Segunda e Terceira emanções) e mergulha sem consciência no nível mais baixo do plano físico. Depois passa por toda a evolução mineral, vegetal e animal até chegar à cadeia evolutiva humana quando então inicia a consciência da própria existência e também a identificação do Ego com uma forma. Daí em diante, em certo momento, o homem pode começar a influir de modo consciente em sua própria evolução, no caminho de volta para planos superiores até que um dia "retorne ao lar paterno".

Os Corpos Búdico, Nirvânico, Ádico e Monádico estão em dimensões tão sutis que não existem palavras para descrevê-los. São completamente inacessíveis ao nosso conhecimento e os poucos místicos que puderam ter contato com aqueles planos são unânimes em dizer sobre a impossibilidade de passar a outros sua experiência.

Para o antigo conhecimento, o homem vive e atua concomitantemente em todos os sete planos onde habitam estes corpos. O corpo de um plano superior tem acesso aos planos abaixo dele, mas o corpo de um plano inferior não transita com facilidade nos planos superiores, a não ser através de técnicas especiais de meditação e depois de purificados seus veículos inferiores.

Estes planos todos não têm uma localização diferente no espaço/tempo. Todos eles existem e se interpenetram, estando separados apenas pelas limitações de nossa consciência.

Cada um dos sete planos descritos acima é subdividido em 7 subplanos de modo similar às sete cores que formam o espectro da luz branca. Por isso, a expressão "baixo astral", na verdade, se refere aos planos inferiores do plano astral que por estar muito próximo ao plano físico, é habitado por seres de baixo padrão vibratório. Outro exemplo é a expressão popular: "sinto-me no sétimo céu. O Plano Mental é subdividido em Mental Inferior ("*Rupa ou com forma*" - do primeiro ao quarto) e Mental Superior ("*Arupa ou sem forma*" - do quinto ao sétimo). O Plano Mental é também chamado de "Plano Céu".

A aura que é vista pelos clarividentes nada mais é que as emanções energéticas desses vários corpos. Assim, através das cores da aura, o homem que treinou sua visão espiritual pode obter muita informação acerca do caráter do homem. A aura do homem pouco evoluído ainda muito preso às coisas materiais e cultivando o ódio, a ambição e o egoísmo, será vista como escura, com cores borradas e com predominância dos comprimentos de onda mais baixos, como o vermelho, o laranja e o amarelo em suas tonalidades mais escuras. Já a aura do homem que cultiva os mais nobres sentimentos, desligado dos interesses puramente materiais, se mostrará com cores de comprimentos de onda mais altos

² Para um melhor entendimento dos conceitos dos corpos, o leitor poderá consultar os livros de Annie Besant, C. W. Leadbeater e Arthur E. Powell indicados na bibliografia no final do livro.

como o verde, o azul, o índigo e o branco, todos em suas tonalidades claras e brilhantes.

Segundo os ensinamentos dos Mestres das antigas religiões, as ações do homem, pensamentos, sentimentos ou imagens que ele forma, produzem vibrações energéticas de diversos graus de sutileza e que poderíamos comparar com os conceitos modernos do espectro eletromagnético. Assim, os atos relacionados aos baixos instintos e voltados para o egoísmo, interesses escusos como vingança, ciúme etc., produzem energias de baixo comprimento de onda que só podem vibrar por ressonância nos corpos mais grosseiros como o corpo físico e o astral, também chamado de "Corpo dos Desejos". Os nossos pensamentos de cunho mais grosseiro só podem chegar até o corpo mental inferior. Os atos inspirados pelo amor incondicional, principalmente em relação à humanidade em geral, produzem energias muito mais sutis e de alto comprimento de onda, podendo vibrar por ressonância com os corpos mais elevados como o mental superior ou corpo causal. Isto tem muita importância no processo evolutivo espiritual, porque após a morte do corpo físico, o duplo etérico, o corpo astral e o corpo mental inferior vão também se deteriorando e morrendo. O corpo causal, porém, não é dissolvido e retém as informações de todas as nossas encarnações que serão reativadas nas próximas vidas.

As energias de alto comprimento de onda vão se incorporando de modo definitivo no corpo causal, enquanto que os baixos padrões vibratórios permanecem apenas em uma forma germinativa para serem reativados nas próximas vidas, descendo então para os corpos inferiores. À medida que as encarnações se sucedem, o corpo causal vai ficando cada vez mais rico dessas energias sutis, porque elas são incorporadas de modo definitivo.

Estes são os motivos porque mesmo o homem mais grosseiro e que tenha tido uma vida de crimes e de maus atos, pode evoluir, pois um só pensamento de amor desinteressado que ele tenha, em relação a qualquer pessoa, produzirá uma energia sutil que será incorporada ao corpo causal e se somará às outras.

OS CORPOS E A TERAPIA REGRESSIVA

Tendo conhecimento deste esquema dos corpos do homem, podemos explicar a evolução humana correlacionando as energias de acordo com seus comprimentos de onda com a maior ou menor evolução. Ken Wilber, em seus livros "O espectro da Consciência" e "A Consciência sem Fronteiras", faz uma correlação um pouco diferente entre o espectro eletromagnético e o desenvolvimento do homem, mas de um ponto de vista psicológico, correlacionando também as diversas abordagens psicoterápicas. A diferença é que estou propondo uma correlação entre a psicologia oriental e a abordagem da Terapia Regressiva, também usando a analogia das ondas eletromagnéticas, mas associada ao conceito dos sete corpos.

Ao analisarmos os achados das sessões de Terapia Regressiva pelo enfoque dos sete corpos do homem, podemos observar que as diversas Personalidades Subconscientes de nossas vidas passadas e as Personalidades Intrusas (os obsessores) que convencionou-se dizer que se encontram em nosso subconsciente ou no inconsciente, na verdade distribuem-se nos nossos diversos corpos. Aquelas personalidades de vidas passadas que tiveram muitos

envolvimentos com as energias de baixo comprimento de onda, devido às suas ações e pensamentos egoístas, vingativos etc., encontram-se mais próximas do plano físico, localizadas no corpo astral e mental inferior. Dessa maneira, essas Personalidades Subconscientes podem influenciar nossos pensamentos e ações de modo negativo e devido à sua vibração mais baixa, dificultam à personalidade encarnada receber as emanções das energias mais sutis originadas de nossas vidas de boas realizações e que se encontram no padrão vibratório do nosso corpo causal.

Para a Terapia Regressiva, é suficiente raciocinarmos apenas com os quatro corpos inferiores porque os três "corpos" superiores não participam da Roda do Sansara³. Portanto, devemos considerar apenas:

1. O Corpo Físico - onde se processam as diversas vidas encarnadas.

2. O Corpo Astral ou emocional – onde se encontram as Personalidades Subconscientes com morte incompleta e com muito desejo de permanecerem próximas ao plano físico nas tentativas de exercerem suas emoções de ódio, raiva, vingança, ou até amor e proteção aos seus entes queridos. As Personalidades Intrusas também podem se localizar neste plano.

3. O Corpo Mental Inferior – onde permanecem as Personalidades Subconscientes que se encontram ainda confusas em relação a problemas intelectuais e buscando o entendimento das questões inacabadas de sua vida no plano físico.

4. O Corpo Causal – que a TR chama de Corpo Espiritual, pode ser considerado como a residência definitiva do Ego, pois ele é o único que permanece constante em todas as nossas vidas sendo também o repositório das nossas mais elevadas habilidades e que se relacionam com o amor universal. O Ego de que falamos aqui é o que muitos chamam de Eu Superior, Anjo da Guarda, o Cristo Interior, Deus em nós, etc.

É possível trabalharmos os corpos Búdico, Nirvânico, Ádico e Monádico, mas usando-se técnicas energéticas e não Terapia Regressiva.

Podemos relacionar os diversos corpos com os sete chakras como uma maneira a mais de auxiliar nosso raciocínio ao se analisar as sessões de Terapia Regressiva. Creio que o esquema abaixo pode ser útil para esta finalidade:

1. Corpo Físico – Muladara ou Básico.

2. Corpo Astral – Svadisthana ou Chakra Sexual e Manipura ou Plexo Solar - Emoções e desejos.

³ **Sansara** é um termo Sânscrito utilizado pelo Budismo Tibetano que significa a Roda das Encarnações Sucessivas, o mundo das ilusões e dos opostos. O objetivo do budismo é fazer com que o praticante torne-se livre do Sansara e possa atingir o Nirvana. Na verdade, este é um objetivo considerado menor porque o mais elevado é tornar-se um **Bodhisattva**, que é considerada a maior realização possível. Um Bodhisattva é alguém que atingiu o estado de Buda e, no momento em que vai entrar no Nirvana, renuncia a ele decidindo continuar reencarnando para ajudar a humanidade a atingir o mesmo estágio e só passar para o Nirvana quando todos puderem fazê-lo. Ele entende que esta é a última dualidade a ser integrada na consciência da UNIDADE ABSOLUTA.

3. Corpo Mental Inferior – Manipura - Emoções e mente inferior voltadas mais para os problemas do mundo físico.
4. Corpo Causal ou Mental Superior – Anahata ou Cardíaco (Sentimentos). Este chakra é o intermediário entre os três corpos superiores (Espirituais) e os três inferiores (Físicos). A energia física deve ser transmutada neste chakra para ser direcionada aos corpos superiores e a energia espiritual também tem que passar por ele para poder atingir os corpos inferiores. Esta interpretação está no livro "Mãos de Luz" de Bárbara Ann Brennan.
5. **Corpo Búdico** – Visuda ou da Garganta.
6. **Corpo Nirvânico** – Ajna ou da Testa ou Terceiro Olho.
7. **Corpo Mahaparanirvânico ou Ádico** – Sasashara ou da Coroa.

Esta maneira de ver os corpos relacionados aos chakras para mim é útil na TR. Sabendo a função de cada chakra, pode nos facilitar encontrar no corpo os locais mais prováveis onde estão localizadas as emoções ou sentimentos.

É possível trabalharmos os corpos Búdico, Nirvânico, Ádico e Monádico, mas usando-se técnicas energéticas. Eles não serão abordados aqui em relação à Terapia Regressiva porque não participam diretamente das nossas diversas encarnações. Sua influência sempre existe porque é através deles que vem nossa energia de vida, proveniente da divindade. Quando o homem ao final de muitas vidas não necessitar mais voltar a habitar um corpo, ele estará então habitando o Corpo Búdico e poderá partir para outros ciclos evolutivos, em outras dimensões, porque a evolução nunca terá um fim.

A Terapia Regressiva, ao tornar possível trabalharmos e resolvermos essas vidas passadas negativas, pode estar transmutando essas energias grosseiras dos corpos inferiores e, desse modo, integrá-las ao corpo causal, apressando o desenvolvimento espiritual do homem. Depois dessa limpeza, é possível então recebermos as emanações benéficas dos nossos corpos superiores ao livrar-nos daquelas influências prejudiciais e, então, poder escalar o caminho da liberdade.

OS VRTTIS DOS CHAKRAS

Os antigos yogues da Índia faziam suas práticas por longos períodos isolados dentro do silêncio das cavernas nos Himalaias e meditavam sobre os sete Chakras principais descrevendo-os como centros energéticos localizados ao longo da coluna vertebral. A energia de vida penetrando através do Chakra coronário (Sasashara) desce em direção à base da coluna vertebral e vai energizando todos os Chakras. Também, do Chakra básico (Muladara) sobe a energia Kundalini em direção ao Chakra da Coroa. Diz-se que o encontro da energia Kundalini com o Chakra da coroa é o casamento divino entre Satki, o aspecto feminino da divindade e seu consorte Shiva.

Os Chakras são como centrais que distribuem as energias para o corpo, agindo neste através das glândulas endócrinas e seus hormônios segundo o esquema abaixo:

CHAKRA	LOCALIZAÇÃO	PLEXO	GLÂNDULA	HORMÔNIO
MULADARA	BASE DA COLUNA	COCCIGEO		MASC: ANDRÓGENOS

SVADHISTHANA	RAIZ DO PÊNIS OU ENTRE OS OVÁRIOS	SACRAL	GÔNADAS	FEM: ESTRÓGENOS E PROGESTÁGENOS
MANIPURA	NO UMBIGO	SOLAR	ADRENAIS	CORTISOL, ALDOSTERONA, EPINEFRINA (ADRENALINA)
			PÂNCREAS	INSULINA, GLUCAGON
ANAHATA	NO CENTRO DO TÓRAX (ENTRE OS MAMILOS)	CARDÍACO	TIMO	TIMOSINA
VISHUDDHA	NO CENTRO DA GARGANTA	CERVICAL	TIREÓIDE	T3, T4, TIROXINA
			PARATIREÓIDE	PÁRATO HORMÔNIO
AJNA	INTERCÍLIO	HIPOTÁLAMO	PITUITÁRIA	ESTIMULADORES E INIBIDORES DE GLÂNDULAS: ACTH, FSH, GH, LH, PROLACTINA, TSH, ADH E OXITOCINA
SASASHARA	NO TOPO DA CABEÇA	PINEAL	PINEAL	MELATONINA

Os Chakras são descritos como “Flores de Lótus” e possuem pétalas.

O Chakra da coroa é também conhecido como “O Chakra das mil pétalas”. Os outros seis a partir do básico possuem respectivamente: 4, 6, 10, 12, 16 e 2 pétalas, perfazendo um total de 50. O Chakra da coroa não entra nesta conta por estar além da realidade física e emocional.

Os antigos yogues se dedicavam a ouvir os sons emitidos pelas pétalas durante suas meditações e descobriram 49 sons. O sexto Chakra possui 2 pétalas mas não tem som em uma delas. A partir dos sons das pétalas, surgiram as 49 sílabas que compõem o alfabeto sânscrito.

Mas afinal o que são estas pétalas? São subvórtices dos Chakras chamados em sânscrito de **Vrttis**. São os vórtices da mente. Os yogues descobriram que cada vrtti emana uma determinada energia psíquica e podemos dizer que a combinação dos aspectos dos 50 vórtices compõe os bilhões de personalidades humanas que existem.

A harmonização dos vórtices é uma tarefa para muitas vidas, e à medida que o homem evolui espiritualmente, eles passam a funcionar de uma maneira tal que nossos sentimentos e emoções não nos dominam mais.

Quando um determinado vrtti de um Chakra é estimulado, ele se torna desequilibrado e este padrão energético flui através dos milhares de canais energéticos, os chamados Nadis de nosso corpo sutil, perturbando a tranqüilidade de nossa mente.

Como os Chakras estão ligados a uma determinada glândula, o hormônio relacionado a ela é super ou subestimulado, modulando sua produção e provocando sintomas físicos e emocionais perceptíveis.

Podemos começar agora a concluir que estes vórtices de energias chamados vrttis “são” a mente e que podem ser também considerados como centros de consciência. Sendo assim, torna-se evidente que nossa mente não se localiza em nosso cérebro e em nenhuma estrutura física.

A mente está distribuída em 50 aspectos existentes nestes seis Chakras e o cérebro teria apenas uma função semelhante a um terminal de computador dando-

nos a ilusão de que nossa consciência está na cabeça, mais especificamente entre as sobrancelhas.

Passaremos a descrever as diversas qualidades psíquicas ligadas aos Vrttis de cada Chakra.

4 VRTTIS do MULADHARA CHAKRA

- | | |
|--------------------|-----------------------------------|
| 1. Desejo Físico | 3. Desejo Psíquico-
espiritual |
| 2. Desejo Psíquico | 4. Desejo Espiritual |

Os três primeiros Chakras estão ligados ao nosso lado animal, à sobrevivência individual e da espécie. Também podemos dizer que, assim como durante os 9 meses do período de gestação, o feto humano repete toda a cadeia evolutiva dos animais, passando pelo estágio de vida unicelular, peixes, répteis etc. até chegar aos mamíferos, primatas e Homo Sapiens sapiens, nosso desenvolvimento espiritual e psíquico depois do nascimento, também repete a seqüência evolutiva psicológica dos Chakras. A diferença é que a maioria dos animais continua vivendo sob a influência dos Vrttis dos três Chakras inferiores.

No recém-nascido, os Chakras dominantes são o Muladhara e o Svadhistana, pois, para que seja possível sua sobrevivência, é necessário que os aspectos destes Chakras sejam satisfeitos plenamente; caso contrário, ele poderá mais tarde desenvolver os problemas psicológicos graves descritos por Freud como fixação nas fases anal, oral e genital.

Quanto aos quatro atributos ligados aos vrttis deste chakra, podemos detalhar o seguinte:

1. Desejo Físico (Kama): existem quatro desejos físicos básicos ou instintos:
 - a. Por viver, que na verdade é o medo de morrer (aniquilação), pois todo medo em última instância é o medo da morte.
 - b. Por sexo.
 - c. Por alimento.
 - d. Pelo sono.
2. Desejo Psíquico (Artha): é o desejo pelo prazer intelectual.
3. Desejo Psíquico-espiritual (Dharma): é o desejo ou saudade de Deus ou da Divindade.
4. Desejo Espiritual (Moks'a): é o puro anseio pela Iluminação.

Estes desejos provocam o aumento da intensidade das emoções e do apego que pode ser por objetos, pessoas ou bens materiais e até mesmo por busca de desenvolvimento espiritual quando tal busca é perseguida com o mesmo entusiasmo de quem procura alcançar o sucesso em qualquer ramo da atividade humana. Estes desejos inconscientes se alteram quando os objetos de desejo não se encontram próximos ou visíveis podendo aumentar ou diminuir de intensidade.

6 VRTTIS do SVADISTHANA CHAKRA

- | | |
|-------------------|-------------|
| 1. Indiferença ou | 4. Falta de |
|-------------------|-------------|

- | | |
|---------------------|-----------------------|
| Desdém | Autoconfiança |
| 2. Estupor Psíquico | 5. Impiedade |
| 3. Auto Indulgência | 6. Autodestrutividade |

Os Chakras Muladhara e o Svadisthana estão ligados respectivamente aos plexos coccígeo e sacral que modulam o funcionamento das gônadas. Estas produzem os hormônios sexuais. A testosterona está presente em ambos os sexos, mas no homem ela é produzida principalmente nos testículos em quantidade 20 vezes maior que nas mulheres que o produzem apenas nas glândulas adrenais. No decorrer da vida, o homem diminui paulatinamente a produção da testosterona e, em contrapartida, as mulheres, ao entrar na menopausa, diminuem sensivelmente a produção dos estrógenos e progéstágenos, passando a sofrer mais intensamente a ação da testosterona da adrenal. Em conseqüência, os homens vão se tornando mais femininos e as mulheres, mais masculinas.

A testosterona faz com que os homens sejam muito mais agressivos e competitivos e isto pode ser notado nas diferenças existentes entre os meninos e as meninas. Meninos, quando estão em grupo, no início do relacionamento, procuram estabelecer a hierarquia entre eles geralmente brigando muito e tentando subjugar os mais fracos pela força. Depois que a hierarquia é estabelecida com a determinação do líder, as brigas param. Entre as meninas, geralmente não existe uma líder absoluta, mas sim a tendência a dividir habilidades: a mais amiga, a mais estudiosa etc.

Os comportamentos masculino e feminino juntamente com as características sexuais secundárias são então regulados pelos hormônios sexuais e modulados pelos dois primeiros Chakras. Os traumas nos três primeiros anos de vida fazem com que os Vrttis sejam acionados e provoquem o excesso ou a falta dos hormônios sexuais. Estes hormônios estão ligados à sexualidade, feminilidade ou masculinidade, agressividade ou passividade e fertilidade, podendo-se então, entender, por quê quando um paciente apresenta problemas em qualquer destas áreas, também apresenta problemas nas outras.

Explicando melhor, quando uma mulher apresenta problemas ginecológicos crônicos como infecções genitais, miomas uterinos etc., podemos procurar que encontraremos também problemas na área da sexualidade, feminilidade e fertilidade com muitos problemas nas gestações e partos. Com vistas na lista dos atributos dos Vrttis dos dois Chakras inferiores, podemos perceber que quando alguém nos procura com queixa de falta de autoconfiança, já sabemos que se trata de um distúrbio do segundo Chakra, o que auxilia nosso raciocínio para perguntar sobre a área da sexualidade e fertilidade.

10 VRTTIS do MANIPURA CHAKRA

- | | |
|--------------------|----------------|
| 1. Crueldade | 6. Ódio |
| 2. Irritabilidade | 7. Timidez |
| 3. Sede de Desejos | 8. Ciúme |
| 4. Apego | 9. Letargia |
| 5. Medo | 10. Melancolia |

Um simples olhar na lista dos atributos do Manipura Chakra já nos dá uma indicação das emoções violentas que, geralmente estão presentes dentro dos processos físicos e psicológicos envolvidos no stress. Esta síndrome é uma reação normal do nosso organismo que tem por finalidade preparar-nos para uma ação rápida e eficaz nos momentos de perigo.

O problema é que, na vida moderna, esta reação é desencadeada muito freqüentemente na maioria das vezes sem a existência de um perigo real imediato, o que faz com que o organismo se mantenha permanentemente preparado para uma ação que nunca vem. Esta é a chamada “reação lutar ou fugir”. A depressão vem de uma terceira opção: recolher-se e não fazer nada, como se fosse para guardar energias para o futuro.

O Manipura Chakra está ligado ao plexo solar que é uma estrutura nervosa muito complexa localizada bem no centro do abdome pouco acima do umbigo. Pode ser considerado como um pequeno cérebro que está ligado ao corpo mental inferior e aos mecanismos reflexos que regulam os hormônios encarregados da reação de “lutar ou fugir”. Este mecanismo que na época das cavernas era necessário para dar suporte à preservação da vida, ainda hoje está muito ativo na maioria dos indivíduos sob a forma da reação do Stress.

Na época das cavernas, quando o homem primitivo saía em busca de alimento, às vezes era surpreendido pelo encontro de uma fera que o olhava como presa. Neste momento, a reação imediata de seu corpo podia salvar sua vida, pois em frações de segundo ele tinha que decidir se enfrentava a fera ou se batia em retirada. Para isto os hormônios ligados ao terceiro Chakra eram secretados e provocavam a estimulação do sistema simpático e a depressão do sistema parassimpático. Estes hormônios são os seguintes:

1. Produzidos na glândula supra-renal (adrenal): Cortizol, Aldosterona e Epinefrina (Adrenalina).
2. Produzidos pelo pâncreas – Insulina e Glucagon.

Didaticamente podemos dizer que o processo que ocorre é o seguinte:

1. O hipotálamo localizado dentro do crânio libera hormônios que estimulam a medula da adrenal a produzir adrenalina. A adrenalina ou epinefrina estimula o sistema simpático que provoca a abertura das pupilas oculares para que a visão fique mais aguçada, diminui todas as secreções – salivares e digestivas principalmente – e provoca uma parada nos movimentos peristálticos intestinais, interrompendo o processo de digestão. Ao mesmo tempo estreita o calibre dos vasos arteriais que irrigam os órgãos internos e, aumenta o calibre dos vasos que irrigam os músculos, tornando disponível sangue em maior quantidade onde ele é mais necessário. Os brônquios dos pulmões se dilatam para facilitar a passagem do ar e a respiração torna-se mais curta e rápida com a finalidade de aumentar a oxigenação do sangue e do cérebro. As artérias coronárias se abrem para melhorar a nutrição do coração cujo ritmo também é acelerado para bombear mais sangue para os músculos. A adrenalina flui para o fígado e age sobre o glicogênio ali estocado (glicogenólise), transformando-o em glicose extremamente necessária para fornecer energia para os músculos. Outra ação importante da adrenalina é a inibição da produção de insulina pelo pâncreas.

2. Se for necessária uma maior quantidade de energia, o hipotálamo estimula a cortical da adrenal a produzir o cortisol, também conhecido como cortizona. Este hormônio vai agir sobre as reservas de gordura liberando ácidos graxos e sobre os músculos aumentando a liberação de aminoácidos para transformá-los em mais glicose (gliconeogênese).

3. A aldosterona produzida nas adrenais, através de um sistema que envolve a renina – produzida nos rins – e as angiotensinas I e II, age nos túbulos renais fazendo com que aumente a reabsorção do sódio. Com isto, carrega líquidos para dentro dos vasos, aumentando o volume circulante e, conseqüentemente, a pressão sangüínea. A verdadeira causa do aumento da pressão arterial, no entanto é a ação da adrenalina nas arteríolas renais que provoca a liberação da renina enquanto a aldosterona participa da série de reações que resultam na hipertensão. Assim, podemos concluir que o stress prolongado é um fator importante na gênese da hipertensão e suas conseqüências deletérias para a saúde.

4. O glucagon, hormônio liberado pelo pâncreas, provoca o aumento da glicose circulante através de sua ação sobre o glicogênio do fígado e também sobre as gorduras e proteínas. Na reação “lutar ou fugir” (stress) é necessário uma maior quantidade de glicose e é por isto que é secretado o glucagon.

5. Quando ocorre toda esta liberação de substâncias, a glicose não-utilizada em uma ação é metabolizada pela insulina secretada no pâncreas em resposta à hiperglicemia e depositada no fígado - refazendo os estoques de glicogênio - ou como gorduras que se acumulam no corpo sob a forma de triglicerídeos.

Todos os hormônios descritos acima participam do mecanismo fisiológico da “reação ao stress”. Hoje o stress é considerado a doença do século, ou já podemos dizer do milênio? Quando a reação lutar ou fugir se transforma em ação efetiva – lutando ou fugindo –, os hormônios voltam imediatamente aos seus níveis normais, mas, na atualidade, os estímulos da vida moderna como a competição e a luta pela sobrevivência fazem com que mantenhamos nosso corpo constantemente preparado para uma ação que nunca se completa, ocasionando o acúmulo dos hormônios que vão acabar levando às doenças mais comuns nos dias de hoje: diabetes, hipertensão e coronariopatias.

O stress tem três componentes:

A. Desempenhar várias atividades ao mesmo tempo e sempre com pressa.

B. Personalidade altamente competitiva.

C. Irritação constante com tudo a sua volta (hostilidade).

Estudos comprovam que os dois primeiros aspectos não produzem reações deletérias em nosso corpo. É por isto que conhecemos pessoas que fazem muitas coisas ao mesmo tempo, trabalhando 18 horas ou mais por dia, são muito competitivas e, mesmo assim, parecem estar sempre felizes e relaxadas. É o terceiro componente que nos prejudica. A hostilidade parece se originar nas comparações que fazemos entre nossa visão ideal do mundo e a realidade exterior, de modo que as incongruências verificadas acabam estimulando os vrtis do Manipura Chakra e provocando a secreção dos chamados “hormônios do Stress”. Portanto, é necessário que nos esforcemos para evitar a hostilidade no nosso dia-a-dia, pois este é o componente do stress que acaba disparando a

reação de lutar ou fugir com a liberação de toda esta cadeia de substâncias descritas acima.

Podemos então perceber que a vigilância constante de nossos pensamentos, sentimentos e ações, pode evitar que continuemos a produzir estes venenos diariamente e contribuir para uma vida mais longa e mais feliz.

12 VRTTIS do ANAHATA CHAKRA

- | | |
|----------------------|--------------------|
| 1. Esperança | 7. Afeição |
| 2. Desespero | 8. Hipocrisia |
| 3. Auto-Estima (Ego) | 9. Arrogância |
| 4. Preocupação | 10. Tagarelice |
| 5. Ganância | 11. Arrependimento |
| 6. Esforço | 12. Consciência |

O Anahata Chakra está situado entre os mamilos e divide os Chakras inferiores dos superiores. É a passagem entre nossa porção animal e a espiritual fazendo com que as energias mais pesadas dos três chakras inferiores sejam sutilizadas para atingir os superiores assim como também permitir que as energias mais espirituais dos Chakras superiores possam ser suportadas pelos inferiores.

O Anahata Chakra está associado ao Timo, glândula endócrina que produz a Timosina cuja função é modular nosso sistema imunológico para que nossas defesas contra os vírus, bactérias e células cancerosas sejam o mais eficientes possíveis.

Nos últimos anos, vem surgindo uma nova especialidade médica – a Psiconeuroimunologia (PNI) – que procura estudar a relação entre as emoções e o surgimento de doenças infecto-contagiosas, o câncer e distúrbios relacionados à perda da imunidade. Após o surgimento da AIDS, estes estudos avançaram bastante e com a colaboração entre psiquiatras e psicólogos por um lado e de neurologistas e imunologistas por outro, lançaram as bases para a criação desta nova especialidade. No Brasil, a Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo já possui um grupo de psiconeuroimunologistas.

A partir de um estudo médico publicado no *New England Journal of Medicine* em 1991, comprovando estatisticamente uma correlação entre o estado mental e o aparecimento de doenças, a comunidade médica começou a aceitar a existência de uma ligação mente/corpo. Foi a primeira vez que se demonstrou uma maior suscetibilidade a infecções por um vírus da gripe comum em pacientes sujeitos a diferentes níveis de Stress. Este estudo, porém não identificava os mecanismos fisiológicos causadores da diminuição das respostas imunitárias naqueles pacientes.

A ciência médica há muito tempo já estava percebendo que algumas doenças graves apareciam de modo súbito em alguns pacientes que haviam passado por um grande trauma como a perda de um ente querido, uma falência, uma aposentadoria precoce etc. Contudo, não havia estudos médicos bem controlados que pudessem corroborar estas observações isoladas.

O sistema imunológico humano constitui-se do timo, do baço, da medula óssea e do sistema linfático. São conhecidos como órgãos linfóides. Todos eles são interligados através de terminações nervosas, ao cérebro através do Sistema Nervoso Autônomo, principalmente o Simpático.

Nosso corpo se defende das agressões externas e internas através deste *sistema imunológico* de duas maneiras: pela produção de anticorpos e pela imunidade celular. Resumidamente, podemos dizer que existem células especializadas em produzir anticorpos quando substâncias estranhas como toxinas, bactérias ou vírus são introduzidas no organismo. São os Linfócitos B que, após reconhecer os invasores, começam a produzir uma verdadeira enxurrada de anticorpos que os envolvem deixando-os marcados para serem reconhecidos por outras células. Aí entra em ação o mecanismo de defesa celular constituído pelos chamados Linfócitos T (de Timo) e os Macrófagos que passam a perseguir o invasor englobando-o e destruindo-o. Este mesmo processo ocorre quando o sistema encontra uma célula cancerosa. Para que todo este processo funcione bem é necessária uma produção adequada do hormônio Timosina. É ele que mantém todas as células em alerta máximo e quando o Chakra cardíaco não está com seus vrttis harmonizados, não há uma estimulação do timo suficiente e todo o sistema se deprime.

16 VRTTIS do VISHUDDHA CHAKRA

- | | |
|---------------------------------|--------------------------------|
| 1. Altruísmo no Plano Físico | 4. Entrega completa ao Supremo |
| 2. Altruísmo no Plano psíquico | 5. Doçura harmoniosa (da voz) |
| 3. Altruísmo no Plano universal | 6. Dureza venenosa (da voz) |

RAÍZES ACÚSTICAS:

- | | |
|--------------|-------------|
| 07. PHAT | 12. Cuco |
| 08. HUM | 13. Cavallo |
| 09. OMN | 14. Cabra |
| 10. Elefante | 15. Boi |
| 11. Burro | 16. Pavão |

O Chakra Vishudda está localizado cerca de 1 cm abaixo da cartilagem cricóide da laringe, quase na fúrcula. Está ligado ao plexo cervical e às glândulas que regulam o metabolismo: a tireóide – e ao controle do cálcio: a paratireóide. É o Chakra da comunicação e da transcendência do ego. Somente quando o Chakra cardíaco está harmonizado e com o ego – um de seus atributos – fortalecido, é atingido o nível de desenvolvimento espiritual em que o homem pode abrir mão dele. Abrir mão neste caso não é anular o ego, mas entender que ele pode ser ampliado e incluir paulatinamente tudo que existe. É a chamada transcendência do mundo dos opostos (Maia) começando então a entrar no verdadeiro conhecimento da realidade que é a fusão dos opostos na Unidade Absoluta.

Mas enquanto isto não acontece, o ego enfraquecido tenta se proteger evitando situações em que se sinta ameaçado, principalmente através de estratégias que impeçam a livre expressão dos pensamentos, sentimentos e emoções. Isto acarreta o bloqueio da plena comunicação que é exercida principalmente através da palavra, mas também pela comunicação não verbal através da linguagem corporal. Resulta que este processo consome muita energia e obriga nosso corpo a aumentar o seu metabolismo para suprir a demanda. Assim já podemos perceber a importância de um perfeito

funcionamento da tireóide e da paratireóide, cujos hormônios regulam o metabolismo geral e o cálcio. O bloqueio inconsciente de nossa livre expressão provoca o bloqueio do Vishudda Chakra, fazendo com que estas glândulas passem a produzir seus hormônios de modo inadequado, ou demais ou de menos.

Hormônios da Tireóide que regulam o Metabolismo Geral: Triiodotironina (T3), Tetraiodotironina (T4) e Tiroxina.

Hormônios da Paratireóide que regulam Metabolismo do Cálcio: Calcitonina – Paratormônio.

2 VRTTIS DO AJNA CHAKRA

1. Direito - Comanda o Físico
2. Esquerdo - Comanda o Espiritual

HORMÔNIOS DA HIPÓFISE (PITUITÁRIA):

ANTERIOR

Hormônio Adreno Córdico Trófico (ACTH): controla a adrenal

Hormônio Folículo Estimulante (FSH): espermatogênese ou ovulação

Hormônio Luteinizante (LH): produção de testosterona ou estrógenos

Hormônio do Crescimento (GH)

PROLACTINA: estimula a produção do leite materno. Em excesso, pode causar diminuição da libido em ambos os sexos

TSH: controla a tireóide

POSTERIOR

Hormônio Antidiurético (ADH): conservação da água

OXITOCINA: contração uterina e excreção do leite materno. Age também na amígdala cerebral no processo de fixação das memórias.

A Pituitária localiza-se no centro do cérebro, apoiada em uma estrutura óssea chamada de Sela Túrcica. Até hoje ainda é chamada de Glândula Mestra, mas consideramos que perderá este posto após as descobertas sobre as verdadeiras funções da Melatonina, produzida pela Pineal. Produz os hormônios citados acima que têm por funções estimular ou inibir o funcionamento das outras glândulas endócrinas, num mecanismo auto-regulatório conhecido como “Feedback”.

SASASHARA – O CHAKRA DAS MIL PÉTALAS

O Sasashara está ligado ao plexo pineal e à glândula pineal que, atualmente, sabe-se, produz um hormônio, a Melatonina. Durante muito tempo julgava-se que a pineal – assim chamada por se parecer com uma pinha – não tinha função e que fosse apenas o resquício atrofiado de algum órgão que não servia mais para nada. Porém, a partir do final da década de 1950, começou-se a descobrir a presença no nosso corpo de uma substância produzida pela pineal em quantidades ínfimas, quimicamente relacionada ao hormônio Serotonina e à Melanina, um pigmento da pele, e que por isto passou a ser conhecida como Melatonina. Até 1963, ninguém sabia ainda sua função, embora já se

desconfiasse que fosse um hormônio, devido às grandes dificuldades de obtê-la em quantidades suficientes para ser estudada. Em 1970, o Dr. Reiter e outros pesquisadores conseguiram sintetizá-la e o desenvolvimento tecnológico permitiu encontrar formas mais simples de dosá-la nos líquidos circulantes de nosso corpo.

A partir de sua síntese, foi possível estudar a nova substância com muito maior facilidade e, aos poucos, foi-se descobrindo suas funções:

1. Funciona como um “hormônio mestre” estimulando a liberação de uma grande variedade de outros hormônios.
2. Age no cérebro como indutora do sono.
3. Reduz a probabilidade da formação de coágulos sanguíneos no coração e sistema circulatório.
4. Elimina os radicais livres por sua ação antioxidante.
5. Controla os ciclos circadianos, funcionando como um relógio biológico.
6. Aumenta a capacidade das células do sistema imunológico de produzir anticorpos.

Segundo o médico Dr. Sérgio Felipe de Oliveira², a pineal converte ondas eletromagnéticas em estímulos neuroquímicos. Isso foi comprovado cientificamente pelos cientistas Vollrath e Semm, em artigos publicados na revista Nature em 1988. É dessa maneira que os pássaros conseguem encontrar seu caminho nas grandes migrações. Em sua tese de mestrado ele fez um estudo aprofundado sobre a anatomia funcional da glândula pineal através de microscopia ótica e eletrônica, comprovando que ela possui em seu interior cristais de apatita distribuídos em grânulos lamelares. Depois disso, passou a elaborar hipóteses para estudar a veracidade de afirmações encontradas em diversas tradições místicas de que a pineal seria o órgão de ligação entre o espírito e o corpo. Ele pretende demonstrar que: *“A mediunidade é uma função de senso (captar) - percepção (faz a crítica do que está acontecendo)”* e que isto é realizado pela pineal.

Em entrevista que o Dr. Sérgio Felipe de Oliveira concedeu ao portal do IPPB (Instituto de Pesquisas Projeciológicas e Bioenergéticas na Internet), ele afirma:

“A mediunidade é um atributo biológico. Acredito que acontece pelo funcionamento da pineal, que capta o campo eletromagnético através do qual a espiritualidade interfere. Não só no espiritismo, mas em qualquer expressão de religiosidade, ativa-se a mediunidade, que é uma ligação com o mundo espiritual”.

Um hindu, um católico, um judeu ou um protestante que estiver fazendo uma prece está ativando sua capacidade de sintonizar-se com um plano espiritual. Isso é o que se chama mediunidade, que é intermediar. Então, isso não é uma bandeira religiosa, mas uma função natural existente em todas as religiões. E isso deve acontecer através do campo magnético, sem dúvida. Se a espiritualidade interfere, é pelo campo eletromagnético, que depois é convertido, pela pineal, em

² Sérgio Felipe de Oliveira – Médico Clínico Geral e Psiquiatra pela Faculdade de Medicina da USP; Mestre em Ciências pela Universidade de São Paulo, Diretor clínico do Instituto Pineal Mínd de saúde; Professor da USP, durante 12 anos, quando lecionou o curso: “Bases Biofísicas e Epistemológicas da Integração Cérebro-Mente-Espírito”; Idealizador da Uniespírito e é tido como um dos maiores pesquisadores na área de Psicobiofísica da USP. Vem ganhando destaque nos meios de comunicação com suas pesquisas acerca do papel da glândula pineal em fenômenos ligados à mediunidade.

estímulos eletroneuroquímicos. Não existe controvérsia entre ciência e espiritualidade, porque a ciência não nega a vida após a morte. Não nega a mediunidade. Não nega a existência do espírito. Também não há uma prova final de que tudo isto existe. Não existe oposição entre o espiritual e o científico. Você pode abordar o espiritual com metodologia científica, e o espiritismo sempre vai optar pela ciência. Essa é uma condição precípua do pensamento espírita. Os cientistas materialistas que disserem "esta é minha opinião pessoal", estarão sendo coerentes. Mas se disserem que a opção materialista é a opinião da ciência, estarão subvertendo aquilo que é a ciência. A American Medical Association, do Ministério da Saúde dos EUA, possui vários trabalhos publicados sobre mediunidade e a glândula pineal. O Hospital das Clínicas sempre teve tradição de pesquisas na área da espiritualidade e espiritismo. Isso não é muito divulgado pela imprensa, mas existe um grupo de psiquiatras lá defendendo teses sobre isso".

<http://www.ippb.org.br/modules.php?op=modload&name=News&file=article&sid=1900>

PARTE III
AS TÉCNICAS USADAS NA TERAPIA REGRESSIVA.

Os diversos autores que fizeram as bases teóricas e práticas da moderna Terapia da Regressão desenvolveram suas próprias maneiras de trabalhar com o cliente em sua prática no set terapêutico. Nesta parte vamos procurar mostrar os tópicos principais das condutas clínicas desses autores. Escolhi os autores que considero mais importantes em minha formação de Psicoterapeuta de Regressão

HIPNOSE

As técnicas de hipnose podem ser agrupadas em: Hipnose tradicional e Hipnose Ericksoniana.

HIPNOSE TRADICIONAL:

Grosso modo, podemos dizer que as técnicas de hipnose tradicionais são mais autoritárias, exigindo do cliente uma atitude passiva em que o hipnotizador sugere de maneira impositiva os diversos passos da hipnose. Este tipo de indução é o mais conhecido e é o utilizado por hipnotizadores de palco, há muito tempo. Devido até ao seu caráter invasivo nos processos mentais do cliente, exige dele uma atitude passiva e de aceitação das sugestões que o hipnotizador escolhe. A hipnose não é personalizada. A mesma técnica é utilizada para todos os clientes, com poucas variações.

Pela hipnose tradicional, existem 25% de pessoas que não se deixam hipnotizar. Não pretendo me alongar a respeito desse tipo de indução. Vamos passar a discorrer sobre a Hipnose Ericksoniana, que é melhor e mais eficiente para os propósitos da TR.

HIPNOSE ERICKSONIANA

INTRODUÇÃO

Milton Erickson é considerado o maior hipnotizador de todos os tempos e tinha a fama de conseguir hipnotizar qualquer pessoa. Realmente, todos os que o viram trabalhar, puderam observar a veracidade disto. Ele tinha muitas técnicas que adaptava a cada cliente. Não havia para ele técnicas padronizadas que servissem para todos os casos.

Erickson, quando tinha 17 anos, contraiu paralisia infantil, sendo obrigado a permanecer quase toda sua vida em uma cadeira de rodas. Apesar disto, usando sua voz e poucos gestos, conseguia levar as pessoas ao transe hipnótico.

Terminou seus estudos em psiquiatria e psicologia em 1929. Logo concluiu que os métodos então usados para tratar os clientes eram muito lentos e, no seu entender, pouco eficientes. Ainda não havia o arsenal de medicamentos hoje usados em psiquiatria e ele interessou-se logo pela hipnose, começando a desenvolver seus próprios métodos e técnicas. Ele deixou poucos escritos e se preocupava com as pessoas que tentavam banalizar suas abordagens terapêuticas, temendo que assim pudessem ser deturpadas e mal-aplicadas.

AS TÉCNICAS DA HIPNOSE ERICKSONIANA

Na hipnose tradicional, observa-se que existem pessoas hipnotizáveis e outras que não conseguem entrar em transe, por mais que o hipnotizador se esforce. Isto se dá porque as pessoas não gostam de se sentir controladas. Geralmente, elas preferem sentir que não estão sendo forçadas a nada ou que têm várias opções a escolher.

Muitos psicólogos e psiquiatras estudaram os métodos de Erickson a fim de tentar descobrir um padrão que pudesse lançar alguma luz às suas curas aparentemente milagrosas. Quando se perguntava a ele sobre sua técnica terapêutica, ele geralmente respondia que não sabia explicar. Apenas se preocupava em observar o cliente e segui-lo, não deixando que ele se desviasse do caminho.

Foi a partir da observação de seu trabalho que se pôde descobrir muita coisa de seu modo de fazer terapia. A partir dessa observação, John Bandler e Richard Grinder, Gregory Bateson, William H. O'Hanlon, Ernest Rossi e outros desenvolveram a Programação Neuro Lingüística que é considerada uma entre as diversas tentativas de sistematização dos métodos de Erickson.

Na abordagem hipnótica Ericksoniana, procura-se não introduzir qualquer conteúdo na indução, de modo que o próprio sujeito tenha a liberdade de escolher o tipo de experiência que quer ter. Desse modo, o hipnólogo não corre o risco de introduzir sugestões que possam atrapalhar o aprofundamento do transe e elimina qualquer possibilidade de resistência, já que o cliente não se obriga a aceitar as sugestões. Na hipnose tradicional, geralmente é sugerido muito conteúdo que às vezes pode se chocar com as opiniões e fobias do sujeito. Como exemplo, com um cliente que tenha fobia por água, quando você sugere que ele está mergulhando em um lago, ele pode entrar em fobia e sair do transe.

De acordo com Erickson, os clientes já têm em seu inconsciente todos os recursos necessários para resolver seus problemas e o terapeuta tem apenas que fazer com que eles entrem em contato com estes recursos.

Erickson também procurava não entrar em choque com as crenças e opiniões do cliente. Ao contrário, usava qualquer coisa trazida pelo cliente para induzi-lo ao transe. Preocupava-se também em deixar opções ao cliente, para que ele não se sentisse forçado a nada, o que é a maior causa de resistência. Por isto, usava palavras de *permissão* como, *você pode* e *talvez*. Ao invés de se dizer: *você está vendo um lago*, usa-se *você pode* estar vendo algum lugar muito relaxante. Desse modo, o sujeito não se sente pressionado a adaptar sua experiência à sugestão de um lago mas pode estar se vendo em um ambiente que para ele em especial é muito relaxante.

A hipnose Ericksoniana exige do hipnólogo um grande treino na observação das chamadas "*Pistas não verbais*", como pequenos movimentos dos olhos, posturas corporais, expressões faciais etc. Ele pode, assim, adaptar sua linguagem, seus gestos e expressões, ao modo particular do cliente, preferindo sempre usar palavras do canal sensorial preferencial dele (Visual, Auditivo ou Somático) e até imitar seus gestos e posturas de modo sutil para que não seja interpretado como uma grosseria. A isto se denomina *Acompanhamento e Espelhamento*. Pode-se também acompanhar o ritmo respiratório do cliente, falando quando ele inspira e intervalando a fala quando ele expira.

O hipnólogo permanece o tempo todo sintonizado no cliente, acompanhando suas reações, validando qualquer experiência que esteja percebendo, e reforçando tudo que observa. Dá apenas sugestões que tenha a certeza de que não entrarão em choque com a vivência do sujeito. Assim, só se fala em aprofundar o transe quando é possível perceber sinais não verbais de que ele está entrando nele.

As principais estratégias usadas por ele estão no quadro abaixo, baseadas no livro de William H. O'Hanlon "*Hipnose centrada na solução de problemas*".

ELEMENTOS DA INDUÇÃO:

01. Permissão/validação/observação/utilização

Qualquer reação, comportamento ou experiência são validados pelo terapeuta. Isto consiste em aceitar o cliente como se apresenta e usar seus próprios sintomas, crenças e até sua resistência à hipnose para fazê-lo entrar em transe.

Permissão significa dar opções ao cliente, usando as palavras *pode* e *talvez*, ao invés de previsão – "*acontecerá*".

Observação e incorporação das reações - Dizendo simplesmente o que observa e utilizando para sugerir que isto tudo pode levá-lo ao transe.

02. Evocação ao invés de Sugestão

Fazer comparações entre hipnose e outros estados que o cliente já experimentou antes ou lembrá-lo de recursos que o terapeuta sabe que ele tem.

03. Pressuposições/implicações/dicas contextuais

Pressuposições verbais: Ilusão de alternativas como: "*você pode ser hipnotizado de olhos abertos ou fechados...*", dando a ilusão de que o cliente pode escolher, mas na verdade pressupõe-se que ele *será* hipnotizado. Dicas contextuais – São palavras colocadas no texto da conversa que sugerem o transe, como: conforto, relaxado etc.

04. Sincronização

Não verbal – Ritmo, posturas, qualidade da voz, ritmo respiratório e observação do comportamento são respostas de *espelho*. Começa-se a indução copiando ou "espelhando" o cliente em todos os seus gestos, posturas, ritmo respiratório etc. e, depois, aos poucos, vamos modificando nosso comportamento e observando se o cliente nos acompanha. Quando isto começa a acontecer, é um sinal de que ele está entrando em transe.

05. Descrição

Para ganhar credibilidade, descrevemos a cena que vemos, mas tomando o cuidado de não tentar adivinhar a experiência do cliente. Assim, só afirmamos o que temos certeza. Por exemplo, podemos descrever: "*Enquanto você permanece sentado aí nesta cadeira, com a perna direita cruzada sobre a esquerda, ouvindo minha voz, com os olhos fechados e respirando tranquilamente, você sente o peso de seu corpo sobre a cadeira, você coça o queixo ...*"

06. Palavras de permissão e de transferência de poder.

Em continuação à descrição explicada acima, podemos incluir alguma coisa que não estamos observando, mas que tem grande possibilidade de estar

acontecendo. Para evitar correr riscos devemos ser vagos, evitando colocar conteúdo no que falamos e abusar das alternativas.

Podemos falar, por exemplo, em continuação ao que falamos acima: "e *você parece estar se sentindo muito confortável, não está?*" Esta é uma ótima palavra porque cada pessoa tem o seu conceito de conforto e pode imaginar o que quiser. A palavra *parece* nos livra da possibilidade do cliente achar que estamos invadindo a experiência dele e a negação no final, deixa-o livre para sentir-se ou não "confortável".

07. Divisão

Consciente/inconsciente; aqui/lá; presente/futuro; dentro/fora. Pode ser também não-verbal, utilizando-se de gestos com as mãos ou com a cabeça enquanto falamos. Quando estamos sugerindo ao cliente que ele tem um lado consciente e outro inconsciente, podemos virar a cabeça para a esquerda ao falar *consciente* e para a direita quando falar *inconsciente*. Ao fazer isto, toda vez que tomarmos a cabeça para um lado, o cliente saberá com qual de suas partes estamos falando. Isto se chama *ancoragem*. Este gesto de cabeça era um modo muito utilizado por Erickson que economizava muito seus movimentos, talvez até devido à sua deficiência física, mas tornou-se um procedimento de ancoragem visual muito difundido entre seus discípulos.

08. Ligação

Artifício de linguagem que liga duas coisas que não estavam ligadas. Quando ligamos duas frases que, necessariamente, não têm relação de causa e efeito isto soa verdadeiro. Pode-se também fazer várias afirmações verdadeiras e, no final, ligá-las a outra coisa que não tem relação com o que foi dito e, mesmo assim, o cliente aceita como verdade.

Na ligação verbal, podemos falar: "*Você está sentado nesta cadeira e pode entrar em transe*". É claro que o fato de estar sentado na cadeira não tem ligação com entrar em transe, mas, colocado no contexto da indução, soa como verdade. Pode-se falar também: "*Quanto mais seu consciente se distrair com os sons desta sala, tanto mais facilmente você entrará em transe...*".

09. Intercalar

Esta é uma técnica poderosa porque fala diretamente ao inconsciente e pode-se induzir um transe até sem que a pessoa perceba. Consiste em elaborar uma conversa informal e intercalar sugestões na frase, dando ênfase às palavras que interessam, com mudanças na entonação, ritmo, volume etc. de nossa voz. No interior de uma mensagem maior, existe outra mensagem, um subtexto.

Como exemplo, vou transcrever uma frase de William O'Hanlon:

"Lembra-se daquele tempo quando nem tudo estava pesando em suas costas" e você podia relaxar? Ou se sentir mais confortável? Mas, tenho certeza de que, no passado, você já tentou aliviar o "peso das suas costas" com o relaxamento. Você já se sentiu relaxado e confortável."

Costas, relaxar, confortável, costas, relaxamento, relaxado e confortável. Esta é a mensagem embutida no texto que entrará direto no inconsciente, fazendo com que o cliente relaxe suas costas.

Por último, vamos falar sobre o termo "*Ancoragem*".

Uma âncora é qualquer estímulo que percebemos com nossos sentidos e que nos faz recordar com todos os detalhes de algo do passado. A ancoragem é

natural no ser humano. Como exemplo, quando, ao ouvir uma determinada música, que em nossas lembranças foi ouvida em uma ocasião marcante do passado, parece que retornamos ao fato e revivemos todas as emoções e sensações daquele momento. Os casais costumam ter a “*nossa música*” que, ao ser ouvida, os faz lembrar da juventude, quando estavam muito apaixonados.

As âncoras podem referir-se a uma imagem, sendo chamada de imaginativa ou a qualquer canal sensorial: visual, auditivo, somático, tátil e olfativo. Assim, temos âncoras verbais e não- verbais. Às vezes, um perfume pode remeter-nos direto a um fato do passado.

O terapeuta pode se utilizar desse conhecimento e criar âncoras no cliente com a finalidade de ter acesso a um recurso útil para ajudá-lo em seus problemas. A Terapia da Regressão utiliza-se muito das âncoras, denominadas então de Cargas, para acessar o inconsciente e recuperar fatos da memória. Quando perguntamos ao cliente sobre seu sentimento, onde ele sente este sentimento em seu corpo e pedimos para ele ampliar estas sensações, estamos usando âncoras.

A âncora é conhecida pelos hipnólogos tradicionais como *signo sinal*. Pode ser usada pelo cliente para ajudá-lo a ter acesso a um recurso interno, no momento em que ele precisar.

Utilizando-se as técnicas da hipnose Ericksoniana, pode-se atingir qualquer grau de aprofundamento que se consegue com a hipnose tradicional além dos fenômenos do transe: anestesia, alucinações positivas ou negativas, distorção do tempo, levitação de mão, catalepsia, sugestões pós-hipnóticas etc.

EXEMPLO DE UMA INDUÇÃO ERICKSONIANA

Neste exemplo, a indução é feita de uma maneira semelhante a uma conversa informal. Utilizando os conceitos acima, partindo de pressuposições (“*não sei se você alguma vez foi hipnotizado antes*”) o que pressupõe que o sujeito será hipnotizado, divisão (*inconsciente e consciente*), evocações (“*você esteve em estados hipnóticos antes e não sabia*”), intercalações (intercalando palavras como “*relaxamento, confortável*”) permissão (com as expressões *você pode; e/ou; enquanto*) e utilização de palavras que se referem aos canais sensoriais visual, auditivo e somático. Se possível, sabendo-se qual o canal sensorial preferido do sujeito, pode-se iniciar por este canal e depois passar para os outros que não são muito usados por ele. Esta simples manobra já pode provocar um estado alterado de consciência. É alterado justamente por não ser o usual do cliente:

“- Muito bem. Não sei se você alguma vez foi hipnotizado antes, mas, devo lhe dizer que a hipnose é algo muito natural para o ser humano”.

É provável que você já tenha estado em estados hipnóticos antes e não saiba que aquilo era hipnose como por exemplo, quando você assiste a um filme de que gosta, lê um livro interessante ou presta atenção a uma aula. São estados de atenção focalizados em que seu lado consciente fica envolvido em algo enquanto seu inconsciente cuida de todas as outras funções do seu corpo. Assim, você tem um lado consciente, focado no que você está prestando atenção de momento a momento e um lado inconsciente, que cuida das outras funções de

seu corpo muito bem, como a respiração e os batimentos cardíacos. Ele pode se encarregar de fazer seu coração funcionar no ritmo certo, manter sua pressão arterial, e cuidar de sua saúde. Você sabe que pode confiar em seu inconsciente para cuidar de você.

Muita gente tem dúvidas sobre o que é hipnose. Posso lhe informar que a hipnose, sendo um estado habitual do homem, não necessita de nada em especial. Você pode escolher ficar em qualquer posição, deitado, sentado e até em pé. De olhos abertos ou fechados. Isto não vai influir em seu *relaxamento*. Pode ficar com os olhos fixos em algum ponto ou deixá-los livres. Até os ruídos próximos ou distantes podem estar lhe ajudando a se sentir mais *confortável* e *curioso* para saber quando você vai entrar em transe. A maioria das pessoas têm mais facilidade para entrar em transe de olhos fechados.

Se você preferir, agora pode fechar os seus olhos. Agora, que você está com eles fechados, é possível que esteja vendo alguma coisa através de suas pálpebras, como cores que vão se transformando em outras cores, imagens de suas memórias que vão passando ou, talvez, não esteja vendo nada. Eu não sei, mas você sabe. E seu inconsciente também sabe. Não precisa se fixar em nada disto para atingir seu transe. E *enquanto* você está aí de olhos fechados, sentindo sua respiração, ouvindo os diversos sons da sala e outros mais distantes, sentindo seu peso fazendo seu corpo afundar na cadeira, *pode* também estar percebendo a diferença entre a temperatura que você sente nas partes de seu corpo que estão cobertas e as partes descobertas e tudo isto pode estar lhe deixando mais e mais *relaxado*. Eu posso perceber agora como você já está entrando em transe. Vá mais fundo. Vá até onde você se sentir seguro para ir. Até onde for mais *confortável* etc.”.

Neste ponto, geralmente o sujeito já está em transe, podendo então aceitar sugestões para aprofundar o transe. Se isto ainda não aconteceu, continuamos a indução. Temos que ter paciência e ir dando pequenos passos. É preferível agir assim do que se arriscar a dar uma sugestão que se choque com a experiência do cliente e assim tirá-lo do transe.

Passa-se, a seguir, a fazer as sugestões para resolução da queixa específica do cliente, ou dar sugestões para voltar no tempo e espaço até a origem de seus problemas e iniciar a Terapia Regressiva (TR).

EDITH FIORE - HIPNOSE DIRETA - "INSIGHT"

Geralmente, as técnicas que utilizam hipnose se importam apenas em conseguir um "Insight". Esta palavra tem o significado aproximado de compreensão instantânea. Os terapeutas dessa linha, como, por exemplo, Brian Weiss, acham que o conhecimento do fato gerador do problema atual é suficiente para a cura.

A Dra. Edith Fiore fez doutorado (PHD) em Psicologia na Universidade de Miami. Pertence à Associação Americana de Psicologia, à Sociedade Internacional de Hipnose Clínica e à Academia de Hipnose Clínica da San Francisco. Autora do livro "**Você Já Viveu Antes**", publicado no Brasil em 1978 e "**Possessão Espiritual**", em 1997.

Teve uma educação religiosa formal, sem antes se interessar pela reencarnação. Modificou seus conceitos após numerosas experiências com terapia regressiva, ficando muito surpresa quando seus clientes apresentavam alívio rápido de seus sintomas até então persistentes. Já conduziu mais de 6.000 regressões individuais e participou de seminários no Brasil em fevereiro de 1985.

A técnica de Edith Fiore é considerada básica da Terapia da Regressão e é a mais conhecida e usada pela maioria dos terapeutas. Sempre precisamos usá-la quando encontramos um cliente que tem muita resistência a abrir mão de seu processo mental discursivo ou que tem dificuldade de relaxar.

A técnica inicia-se por um relaxamento profundo, dando sugestões de expansão do corpo e o cliente vai percebendo que perde a sensibilidade de seu corpo, como se estivesse anestesiado. Não sente mais seus braços, pernas ou mãos. Para induzir o relaxamento o terapeuta pode lançar mão de qualquer técnica de seu conhecimento. Ao final dessa fase pede-se ao cliente que pensando firmemente no seu problema, use sua mente criativa para imaginar uma máquina do tempo e retornar no tempo e espaço para a origem de seus problemas nesta ou em outra vida, fazendo-se uma contagem regressiva de 10 para 1.

Pode-se, também, para maior segurança e garantir a continuidade da comunicação, estabelecer um código de sinais com os dedos, estabelecendo um dedo para o "sim", outro para o "não" e outro para o "não quero responder". Afirma-se ao cliente que ele sempre se manterá em contato verbal com o terapeuta mas caso não consiga, utilize os sinais dos dedos.

Quando ele estabelecer contato com a vida passada, procura-se conduzi-lo para que descubra todos os detalhes que têm relevância com sua queixa. Procura-se também os momentos traumáticos e o momento da morte, extraindo-se as decisões, pensamentos, redecisões, lição de vida, plano de vida etc. Passa-se para o pós-morte onde se promove o encontro com as pessoas que o cliente tem negócios inacabados.

Depois é sugerido ao cliente retomar a máquina do tempo e, fazendo-se uma contagem agora progressiva de 1 para 10, pede-se que ele volte para o aqui e agora no consultório mas permaneça ainda com os olhos fechados. Nesse momento, pede-se que o cliente faça as correlações entre o que descobriu da vida passada e sua vida atual, procurando o "Insight" e buscando reafirmar suas redecisões.

LÍVIO TÚLIO PINCHERLE - CATÁRTICA - HIPNOSE DIRETA E INDIRETA

O médico psiquiatra italiano, nascido em Trieste em 1924, Lívio Túlio Pincherle, naturalizou-se brasileiro em 1951. Formou-se médico na Faculdade Paulista de Medicina em 1950. Iniciou sua carreira acadêmica na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, inicialmente como médico alergista da Clínica Pediátrica e depois, como psiquiatra trabalhando como chefe do Grupo de Modificações do Comportamento do Instituto da Criança Prof. Pedro de Alcântara da FMUSP.

É considerado um dos pioneiros mundiais da Terapia de Regressão. Já na década de 60, iniciou o uso da hipnose para fins terapêuticos ministrando vários

cursos Extracurriculares através do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz, da Faculdade de Medicina da U.S.P. e, depois, na década de 80, começou a levar seus clientes à regressão de memória e às vidas passadas.

Em 1987, foi fundada em São Paulo a primeira associação em nosso país com a finalidade de reunir os médicos e psicólogos que praticavam a Terapia Regressiva: a "Associação Brasileira de Terapia de Vida Passada". O Dr. Lívio Túlio Pincherle foi eleito seu primeiro Presidente, cargo que ocupou por diversas vezes até seu falecimento em 1997. A partir da ABTVP, surgiram mais duas associações: a Sociedade Brasileira de Terapia de Vidas Passadas em Campinas, SP (SBTVP) e o Instituto Nacional de Terapia de Vida Passada (INTVP), em São Paulo.

O método do Dr. Lívio Pincherle combina a técnica de Fiore com a de Netherton e considera que, para haver a cura, é necessária a Catarse. Esta palavra significa que o cliente necessita não apenas recordar o fato da origem de sua queixa mas também vivenciá-lo completamente, sentindo novamente as dores, emoções e sentimentos, até esgotar completamente aquelas energias.

Outros terapeutas que também se utilizam dessa técnica são: Thista Caetano, Hans Tendam, Roger Woolger, Maria Júlia Prieto Peres.

MORRIS NETHERTON - SEM HIPNOSE

Morris Netherton, submetendo-se à psicoterapia para resolver problemas pessoais, contou à sua terapeuta um sonho repetido em que se via morrendo afogado em um naufrágio. Em uma sessão de regressão, conseguiu ver o nome do navio e descobriu também seu próprio nome na época do naufrágio. Pesquisou nos arquivos americanos de navios naufragados e encontrou o nome do navio. Depois disso, aprofundou-se nos estudos de vidas passadas, desenvolvendo seu método em 1967.

Para ele, a parte principal da terapia está centrada em três fases especiais do ciclo de vida: O PERÍODO PRÉ-NATAL, o NASCIMENTO e a MORTE. A grande maioria dos incidentes traumáticos encontrados em TR se desenrolam em uma destas três fases.

As experiências das pessoas são abordadas em quatro níveis: Corpo Físico, Mental, Emocional e Espiritual.

Segundo Netherton, as pessoas costumam representar um dos seguintes papéis em suas vidas: a VÍTIMA, o ALGOZ E O OBSERVADOR.

TÉCNICA DE MORRIS NETHERTON:

01. Definir a queixa do cliente e trabalhar apenas uma queixa por sessão.

02. Usar a queixa como indução. É mais fácil quando o cliente tem um sintoma físico. Quando o sintoma é emocional, pedir para localizar o sentimento no corpo. Por exemplo, se a pessoa tem medo, e responde que o medo é sentido no coração, pode-se iniciar a sessão.

03. Localizar a palavra chave, perguntando-se qual a primeira palavra que lhe vem à mente quando você sente esta dor e esta emoção.

04. Fazer ponte VERBAL, SOMÁTICA ou EMOCIONAL, de preferência as três.

05. Localização do momento traumático com liberação das Emoções, Sintomas Físicos e Pensamentos - localizando as Decisões daquela vida passada e promover a Redecisão.

06. MORTE - Localizar o momento da morte na vida passada e atravessá-lo.

07. PÓS MORTE - Fazer neste momento a revisão da vida que acabou: quais as lições aprendidas, quais as relações encontradas entre aquela vida e a atual e descobrir o Plano de Vida para a próxima encarnação.

08. CONCEPÇÃO - GESTAÇÃO e NASCIMENTO - Localizar nesses períodos a porta de entrada das decisões adotadas no passado.

09. PRIMEIRO MOMENTO AGRADÁVEL APÓS O NASCIMENTO.

10. MOMENTO PRESENTE - Após a sessão, levar o cliente a rever como os novos fatos influenciam sua vida agora.

Morris Netherton é muito importante para a Terapia Regressiva porque elaborou um método em que o cliente acessa o inconsciente, sem afastar o consciente. Não usa hipnose ou relaxamento para conseguir a recordação e revivência da vida passada. Enfatizou a importância de se estudar todos os detalhes que acontecem no intervalo entre a previsão e a constatação do momento traumático, onde são impressas no inconsciente todas as decisões que irão influenciar o comportamento da pessoa por muitas vidas, até que ela possa elaborar uma redecisão.

HANS WOLFGANG TENDAM

Psicoterapeuta pioneiro da TVP na Holanda, possui grande experiência como terapeuta. Hoje se destaca por ser criativo, inovador e corajoso. Autor de diversas técnicas muito eficientes e descobridor de novas patologias curáveis apenas com TVP. Dá cursos avançados de TVP na Holanda, nos EUA e no Brasil onde já esteve várias vezes, tendo morado em nosso país. Fala português muito bem.

Autor da Teoria da Repercussão Cármica (cada vida não integrada repercute numa vida futura do indivíduo), divide essas repercussões em: Traumas, Pseudo-Obsessões, Obsessão, Hangover, Postulados de Caráter e Alienações. Pode-se falar também em trauma simples e trauma complexo. O Trauma complexo ele chama de pseudo-obsessão, obsessão, hangover, postulado de caráter e alienação.

Segundo as palavras do próprio Hans:

"Com trauma complexo indico um trauma ligado a outros traumas e com problemas de caráter, basicamente através de postulados entreligando traumas diversos. Trauma simples quer dizer: tratar deste trauma é o bastante. Com o trauma complexo revivenciar, entender e descarregar este trauma não é o bastante. Precisa-se descobrir e resolver os postulados conectados".

A. Traumas simples - Um Trauma é algo bem definido. Como um ferimento. Como uma ferida física sempre é bem localizada, assim também as

feridas psicológicas devem ser precisamente localizadas. O tratamento com a regressão visa: alcançar, reviver e liberar o período traumático.

B. Hangover - Literalmente significa RESSACA ou SOBRA e é um fenômeno que explica porque, apesar de um tratamento aparentemente adequado, a cura não é atingida. O Hangover provém de vidas anteriores nas quais se repetem longas fases de monotonia, desesperança, não-solução dos problemas e, muitas vezes, não existe morte trágica. Pode ocorrer no início, um trauma mas depois a vida se desenrola em Hangover. A pessoa relata em suas queixas um cansaço constante, um desânimo perene e freqüentes sintomas físicos de origem obscura.

O tratamento do Hangover, para ser bem sucedido, deve explorar várias vidas em que se constata o padrão de desesperança e identificar o **MOMENTO DE ESCOLHA**, ou seja, a primeira vida onde ela concluiu e escolheu ser Vítima. É necessário que o cliente quebre a idéia de ser vítima. Só assim ele pode sair desse estado cíclico definitivamente.

C. Pseudo-Obsessão - Por Morte Incompleta - É a obsessão (também chamada de Possessão) pela personalidade de uma vida anterior do próprio cliente. É uma idéia fixa, um sentimento ou preocupação constante imposta à pessoa por uma parte sua do passado. A pessoa do passado não conseguiu no momento da morte, ser liberada; ela não consegue integrar-se numa personalidade maior ou no eu superior. Quando a pessoa reencarna, traz consigo aquela parte. Esta parte está "presa" dentro de seu corpo e lhe traz muitos problemas. Assume uma forma que fica presa na "Aura" da pessoa.

O Tratamento consiste em levar a pessoa a atravessar o período da morte da personalidade anterior, verificando com o cliente o que deve ser feito para liberá-la. Por exemplo, uma pessoa após a morte e saída do corpo físico não se conforma com o fato de seu corpo não ter um sepultamento digno. Sugere-se que a personalidade atual volte àquela situação e ajude a outra personalidade a efetuar todos os rituais fúnebres para que a subpersonalidade se sinta liberta e satisfeita e se integre à personalidade atual.

D. Obsessão - Ocorre quando o indivíduo esta obsedado por uma personalidade estranha desencarnada ou encarnada. São as possessões que se encontram em sessões de centros espíritas. Influencia e interfere na vida da pessoa. Pode estar na Aura (Apego), no organismo (obsessão verdadeira) ou "ser" a pessoa (possessão).

O tratamento consiste em pedir à pessoa que pergunte ao obsessor quando ele entrou e porquê, usando então Exploração da Aura e Estados de Ego.

E. Postulado de Caráter - O postulado de caráter consiste de uma norma de vida, geralmente irracional que a pessoa repete como um roteiro de vida. Por exemplo: "eu nunca vou conseguir alguém que me ame". Nesse caso, por mais provas de amor que se forneça a essa pessoa, ela vai continuar repetindo este "postulado". Para ela, isto é uma verdade incontestável. O cliente repete seu postulado toda vez que se sente ameaçado, como para se proteger de uma situação em que tem medo do sofrimento.

O tratamento consiste em localizar a vida passada em que o postulado ficou gravado e convencer a pessoa que aquilo pode ter sido verdade naquela

situação em especial mas não pode ser generalizado para outras situações. Geralmente, após a cura a pessoa diz "Ah! Agora entendo".

F. Alienação - É a sensação geral experimentada pelo cliente de "não estar em casa", sentir-se um "forasteiro" ou um "estranho". A pessoa pode se sentir como se estivesse perdida neste planeta. Na verdade, pode mesmo ocorrer com almas que se encarnam na Terra pela primeira vez e nas regressões são trazidas lembranças de lugares muito exóticos e diferentes de nosso planeta.

O tratamento é a técnica de Homing que consiste em levar o cliente a um mundo onde ele se sentia em casa e ligar esse sentimento de lar ao aqui e agora.

Segundo a visão de Hans Tendam, as pessoas assumem em suas vidas os papéis de **Vítima, Algoz, Observador, Salvador e Queixoso**.

TÉCNICA DE HANS TENDAM – HIPNOSE CATÁRTICA DIRETA E INDIRETA

A Técnica utilizada por Hans Tendam, é muito semelhante a de Morris Netherton, porém, não passa obrigatoriamente pelos períodos da gestação, concepção e nascimento (CGN). TenDam conseguiu simplificar o processo terapêutico ao verificar que os bloqueios de vidas passadas podem estar em diferentes momentos daquela vidas. Através da elaboração mais acurada do diagnóstico dos traumas complexos, é possível localizar com mais precisão o que deve ser trabalhado.

Utiliza para indução as pontes: Verbal(V), Imaginativa(I), Emocional(E) e Somática(S), cujas iniciais formam a palavra VIES.

MECANISMO DA SESSÃO

O método regressivo deve ser simples e objetivo e a sessão, ter início, meio e fim. Cada sessão tem um objetivo específico que visa chegar a Catarse física, emocional e intelectual.

Hans chama de Arco da Sessão o aspecto simétrico em sete estágios:



Vemos, na figura acima, um esquema da sessão segundo a técnica de Hans Tendam:

- 1. Entrada:** Foco - Escolha do que será trabalhado na sessão.
- 2. Acesso:** estabelecimento do **Contrato** do dia.

3. Indução: Feita a partir das Cargas Verbais, Imaginativas, Emocionais e Somáticas (V.I.E.S.) referentes ao tema escolhido para o trabalho.

4. Revivência Catártica: Intensificação das cargas até **Reviver a Agonia**. A **Catarse** é a liberação dos sentimentos, pensamentos e emoções que foram contidos ou reprimidos num determinado momento do passado. A **Compreensão** é a Catarse Intelectual que ocorre normalmente após a Catarse emocional.

5. Conclusão: É o momento em que ocorre:

A. A Retomada da Situação inicial – Volta-se para o problema inicial para verificar se todas as cargas foram liberadas ou se há alguma coisa que ainda precisa ser revista.

B. A Redecisão - Com a nova compreensão adquirida com a sessão, o cliente pode tomar novas decisões.

C. A Retomada da Solução e Aplicação no Presente - Avaliação realizada pelo cliente de como sua redecisão será útil na sua vida presente.

6. Saída: Trazer o cliente para o presente.

7. Avaliação: Após a saída do estado alterado de consciência da regressão, é feita uma nova entrevista para verificar como o cliente irá integrar seus novos conhecimentos em sua vida atual.

Na minha prática diária, sempre que possível utilizo as técnicas de Hans Tendam, por serem muito eficientes e elegantes. Quando se consegue um bom vínculo com o cliente, ele obedece prontamente aos comandos, facilitando muito a sessão e diminuindo seu tempo. Quando se conhece a obra de Hans TenDam, só se pode admirá-lo por sua coragem em emitir seus conceitos verdadeiramente revolucionários. Imagino que ele deve ter tido dificuldade em expor suas teorias e técnicas, por não haver ainda na época comprovação da veracidade delas. Ao se testar suas técnicas na prática das sessões, qualquer dúvida quanto a isso logo se dissipa, principalmente ao se perceber seus excelentes resultados.

ROGER J. WOOLGER

Em seu livro "As Várias Vidas da Alma", pág. 174, Roger afirma: "*Acredito que o trabalho com vidas passadas pode contribuir com idéias imensamente importantes para nossa compreensão da morte, principalmente quando vista como um processo psicológico*".

Para ele, a maioria dos Sanskaras traumáticos são impressos por cenas de violência ou mortes infelizes - no campo de batalha, de doença, fome, separação, execução, tortura etc. A única categoria de trauma de vidas passadas tão freqüente quanto a morte é a do abandono ou da separação.

Afirma também: "*quer a morte seja ou não violenta, sempre há muito a ganhar com a experiência de transição. Durante uma sessão de vida passada, eu quase sempre levo meu cliente ao momento da morte e um pouco além, uma vez que isso dá a sensação de consumação, distanciamento e, muitas vezes, porém não sempre, resolução*".

Ele provoca uma espécie de Psicodrama após a morte, com diálogos, meditação e frases:

"A experiência da morte, traumática ou serena, é freqüentemente a sede ou ponto de acumulação de todos os pensamentos, sentimentos e sensações negativos de uma determinada vida passada. Quando bem dirigida, a passagem pela morte pode proporcionar um valioso ritual de cura psicodramática em virtude de sua estrutura bem arquetípica".

Roger cita bastante o *"Bardo Todol - O Livro Tibetano dos Mortos"* - W. Y. Evans-Wentz (organizador). Este livro deveria ser de leitura obrigatória para todo terapeuta de TR. Tem uma idade aproximada de 10.000 anos e é um exemplo do grau de sofisticação mental a que chegaram os antigos tibetanos.

Cita também a Yoga Patanjali, afirmando que sua técnica de desligamento dos sanskaras na transição da morte lembra este tipo de meditação usada pelos yogues. Ele foi buscar também os ensinamentos do budismo, do cristianismo e outras religiões, para exemplificar seu entendimento sobre a importância da transição pela morte.

A palavra "Bardo" significa Estado intermediário e refere-se ao período intermissivo. Conheço o Bardo Todol e verifiquei que muito do que se encontra nas sessões de TR, quando se passa pela experiência da morte e pós-morte, é extremamente semelhante às descrições deste livro. Era usado nos funerais do Tibete e era recitado no ouvido do morto por 49 dias, com a intenção de orientá-lo na viagem desta vida para o renascimento ou na busca da iluminação. Outra finalidade era afastar o morto das imediações, convencendo-o de seu estado de desencarnado, porque os tibetanos têm verdadeiro pavor por fantasmas.

O budismo acha que o homem pode aproveitar a experiência da transição da morte, como a maior de todas as iniciações, aproveitando-a para alcançar a Iluminação e, desse modo, libertar-se da Roda das Reencarnações (Samsara). Uma das principais divindades encontrada pela alma no pós-morte é **Yamantaka - o Senhor Destruidor da Morte**, uma das Divindades Terríveis. Ele tem o papel de juiz, colocando diante da alma toda sua vida e todos seus erros. Nas sessões de TR, o cliente quase sempre se defronta com o retrospecto da vida, quando então sofre uma espécie de autojulgamento de suas ações.

Para Roger, no momento do nascimento, o bebê pode estar revivendo mortes terríveis e histórias arquetípicas de perigo mortal que se encontram no repertório do inconsciente. Stanislav Groff também chegou às mesmas conclusões quando descreveu as experiências que emergem nas MPB III e IV.

PARTE IV

A IMPORTÂNCIA DE PASSAR PELA MORTE

Para todos os autores, a passagem pela morte é considerada de suma importância para o sucesso da terapia porque é necessário que o cliente perceba que aquela vida acabou e pode então ser liberada. É também o momento da suprema catarse e onde são tomadas todas as decisões importantes que irão influenciar as vidas subsequentes. Não trabalhar a morte na terapia é um grande erro que fará com que o cliente permaneça ainda ligado à vida passada e que pode ser o motivo de algumas vezes a regressão, ao invés de resolver um problema, pode agravá-lo.

Passaremos a discorrer sobre a opinião dos principais autores sobre este assunto.

EDITH FIORE

No capítulo 11, "Estou Flutuando" de seu livro "*Você Já Viveu Antes*", Edith Fiore inicia escrevendo:

"Ajudei mais de mil pessoas a morrer. Todas estas mortes ocorreram em meu consultório. Às vezes, em uma sessão de cinquenta minutos, um cliente morre três, ou até quatro vezes... todas como pessoas diferentes..."

Neste capítulo, Fiore afirma que, na maioria dos casos, a experiência da morte é o acontecimento responsável pelos sintomas e problemas do indivíduo.

O tema da morte e o momento de morrer têm uma grande carga emocional para a maioria das pessoas. Fiore tem várias técnicas para vencer a resistência do cliente em vivenciar a própria morte em outras vidas. Às vezes, usa dissociação, fazendo o cliente ver a própria morte como em uma tela de cinema.

Reporta-se a Elizabeth Kübler-Ross, Raymond A. Moody Jr. e ao Livro Tibetano dos Mortos, vendo muitas semelhanças entre aqueles relatos e o que encontrou em suas sessões terapêuticas.

Edith Fiore refere, no final desse capítulo, que "*O aspecto que emergiu com mais freqüência foi o sentimento íntimo e pessoal da sobrevivência após a morte.*"

MORRIS NETHERTON

Para Netherton, a maneira como a pessoa morre na outra vida, determina a maneira como ela nasce em uma vida seguinte. Em TVP, trauma sempre envolve morte. Morte e Nascimento são semelhantes. Em ambas, tem-se a mesma alegria. As pessoas não têm medo da morte mas sim da dor.

Ele acha que na TR é importante que o cliente saiba que uma parte dele sobreviveu à morte. Sabendo isso, o cliente modifica sua visão de mundo. Se conscientiza do Ser Infinito que é.

Seu livro "*Vida Passada - uma Abordagem Psicoterápica*" ele dedica o capítulo 15 - A Experiência Da Morte - à discussão deste tema. Na pág. 125, ele escreve:

"Passei a encarar a morte como um começo. Continuo sem resposta para a pergunta: por que morremos? Não sei porque mas, nossa partida desta vida é para mim o momento em que ficamos livres para procurar outro corpo".

Netherton criou a expressão "Previsão e Constatação", que define o espaço de tempo entre o momento em que a pessoa "prevê" a sua morte e o momento em que "constata" que está morta. O intervalo entre a previsão e a constatação pode variar de frações de segundos até anos, quando se trata de uma moléstia incurável com evolução longa.

HANS TENDAM

Devido à grande importância que Hans Tendam dá à Catarse, na descrição que ele faz de suas técnicas específicas para tratamentos das patologias descobertas por ele (chamadas de Repercussões Cármicas), vemos que ele sempre busca os momentos em que os problemas se iniciaram. Em grande porcentagem de seus casos, principalmente nos traumas, o momento da morte é revivido muitas vezes para esgotar as cargas e para levantamento dos "Imprints".

A passagem pela morte é especialmente importante nos Traumas, Pseudo-obsessões e Obsessões.

Observei em uma aula de demonstração, de uma sessão de TR realizada por Hans, a importância que ele dá à passagem pelo período da morte e pós-morte. Como fazem outros terapeutas de TR, ele esgota completamente as cargas, provocando e procurando a catarse mas, principalmente, buscando a compreensão intelectual do cliente. Pergunta várias vezes se ainda existe algo a ser visto melhor na vida que se acabou e volta quantas vezes sejam necessárias para não deixar nada inacabado. Procura descobrir todas as circunstâncias que cercaram o momento da morte, à procura de postulados de caráter, decisões para uma outra vida, o que aprendeu etc.

No pós-morte, pede ao cliente que faça um retrospecto completo da vida que passou e acompanha o cliente para onde ele quer ir. Às vezes, nesse momento, o cliente é lançado para uma outra vida relacionada com os mesmos problemas.

Se necessário, promove os encontros com pessoas daquela vida com quem tem questões inacabadas, de modo semelhante à técnica da "cadeira vazia" utilizada pela Gestalt.

Procura não deixar nada sem ser resolvido, trabalhando inclusive o aspecto energético. No caso de encontros pós-morte entre vítima e agressor, por exemplo, faz com que a vítima recupere o que o agressor lhe retirou, em forma de energia que passa de um para o outro. Faz a pergunta: "há alguma energia sua que está com ele que você desejaria ter de volta? Peça isto de volta. É uma luz? De que cor? Em que local de seu corpo esta luz está entrando? Há alguma coisa ou energia com você que pertence ao outro? Devolva isto a ele". A estas intervenções no pós-morte entre as personalidades envolvidas, ele chama de "Transações Cármicas".

Ele diz que a sessão deve resolver o máximo de problemas possíveis porque a TR é uma terapia cara e nem todos têm dinheiro suficiente para muitas sessões. Busca tornar assim o processo terapêutico o mais ágil e rápido possível.

ROGER J. WOOLGER

Devido a grande influência que Roger sofreu das religiões orientais, tema que conhece bem devido aos seus estudos sobre religiões comparadas, ele dá tremenda importância ao período entre vidas – o Bardo Todol do Livro Tibetano dos Mortos, já explanado no final do capítulo anterior e por isto não vou repetir aqui.

PARTE V

O COMANDANTE DÓRIO

Passarei, agora, a apresentar o caso clínico em que pretendo demonstrar as diversas proposições que citei na introdução deste livro. A maior parte das transcrições foram condensadas mas algumas são apresentadas conforme foram gravadas, para melhor compreensão do leitor das dificuldades que o terapeuta encontra para conduzir uma sessão de Terapia Regressiva e também quando o diálogo por si só conta a história melhor que minhas descrições. Existem muitos livros de Terapia de Regressão que apresentam apenas os resumos das sessões, e com isto, podem passar a falsa impressão de que é fácil atingir os bons resultados da TR. Procurei, também, analisar e apontar as dificuldades e erros que tive nas sessões, com a mesma finalidade didática.

O CONTRATO DA TERAPIA: NADA VAI DAR CERTO

Este cliente veio à terapia com a queixa de sentir muita angústia e sensação de que nada ia dar certo, quando estava sozinho. Sentia no corpo aperto na garganta, o coração disparava e uma espécie de dor ou aperto no estômago. As sensações físicas eram muito fortes e, às vezes, eram acompanhadas de um medo indefinido. Achava que sofria de uma gastrite ou úlcera crônica devido à frequência e intensidade de suas dores.

Era um rapaz de 23 anos, cuja vida, até bem pouco tempo antes, estava como que bloqueada. Confessou-me uma tristeza que trazia consigo desde a infância. Teve pais que não o estimulavam em nada. Pelo contrário, sempre estavam prontos a criticá-lo.

Cresceu sem estímulos. A idéia de morrer e desistir aparecia de quando em quando e esteve perto de iniciar-se nas drogas. Colecionava fracassos em todas as áreas. Ia mal nos estudos e teve muita dificuldade em terminar o ensino médio (colegial).

Sua vida teve uma reviravolta quando se apaixonou por uma garota. Logo veio uma gravidez. O susto, o medo da responsabilidade e até do pai da garota o fez repensar toda sua vida. Em nenhum momento, teve dúvidas se queria ou não aquele filho. Apesar de não ter sofrido pressões assumiu tudo com coragem perante seus pais e os da garota.

Casaram-se. De um momento para outro começou a encontrar um propósito para sua vida sem sentido. Lançou-se aos estudos preparando-se para o vestibular e entrou na Faculdade de Direito. Sempre tivera o sonho de se tornar advogado e agora isto poderia se realizar.

Não foi pouco o esforço e coragem para isto. Tinha que lutar constantemente com as sensações de mal-estar físico e a idéia de que nada iria dar certo. Não fosse o apoio que recebeu da mulher talvez não tivesse conseguido. Seus sintomas, porém, estavam atingindo um grau insuportável e resolveu procurar ajuda.

Quando entrou no consultório, aparentava ser um jovem sem problemas mas quando começou a falar, transpareceu seu desespero. Estava cursando o 2º semestre da faculdade.

Detalhou-me sua vida e fizemos o contrato de terapia: **“Sensação de que nada dá certo, e angústia quando estou sozinho”**.

As sessões de Regressão nos levaram para muitas vivências em que os sintomas físicos e emocionais estavam presentes e relacionados com sua queixa.

PRIMEIRA SESSÃO - O INCÊNDIO

Na primeira sessão, a partir dos sintomas, o diagnóstico foi Trauma (Netherton) e Postulado (Tendam).

Optei pela técnica regressiva clássica de Netherton, devido à qualidade e intensidade dos sintomas físicos e emocionais. A história que surgiu mostrou duas situações traumáticas de vidas passadas: um menino de mais ou menos sete anos que estava em um barranco e um episódio de incêndio. A cena “menino no barranco” não foi trabalhada porque, naquele momento da condução da sessão, foi dado um comando para voltar a um momento anterior, pois o menino parecia completamente perdido e sem saber para onde ir ou o que fazer:

Terapeuta - O que está acontecendo? Onde você está? Vê alguma coisa?

Cliente - (Pausa longa) Eu vi a imagem de um barranco.

T - Veja essa imagem outra vez. Pense na angústia, sozinho... Onde você está nesse barranco?

P - Estou ao lado. Sou um menino de seis ou sete anos. Eu estou parado ali.

T - Você está sozinho e sente angústia?

P - Sinto (Emocionado).

T - Então eu vou contar até três e você vai estar no ponto principal do acontecimento que levou a tudo isso aí: Angústia, sozinho, nada vai dar certo. 1, 2, 3. Que está acontecendo? O que não dá certo?

P - Eu não sei.

T - Então, volte a um ano antes. Vamos lá. Vou contar de 5 para 1 e você vai ter um ano a menos: 5, 4, 3, 2, 1. O que você vê? O que você percebe? O que sente, o que ouve?

P - (Pausa longa). Eu estou vendo minha casa atual, a casa do meu pai.

T - A casa do teu pai. Aquele garoto que você vê, é você mesmo nesta vida?

P - Sim.

Este foi o momento em que ele se desconectou da memória do “menino do barranco”. Ele não atendeu ao comando de voltar um ano antes naquela vida do “menino do barranco” mas conectou-se a uma memória da infância da vida atual aos sete anos. Em seguida, a cena mudou para outra vida em que foi um advogado que recebeu a notícia de que sua casa estava pegando fogo, perdendo ali toda sua família. Parece que seu desespero o fazia pular de uma memória a outra como se estivesse tentando fugir das situações traumáticas. Seu corpo mostrava todo o terror que estava sentindo:

P - Estou no escuro.

T - Se você pudesse se ver como veria o seu corpo?

P - Adulto.

T - Vá para um momento importante da sua vida quando surgiu essa angústia.

P - (Chorando baixinho) Eu vejo uma casa pegando fogo.

T - Uma casa pegando fogo. De quem é essa casa?

P – É de minha família. Estão todos lá dentro, seis pessoas. Eu estou tentando entrar, mas tem muita gente me segurando. Eles dizem que se eu entrar também vou morrer. Eu luto com eles, mas não tem jeito. Estão morrendo queimados.

T - Quem pôs fogo nessa casa?

P - Foi acidental. Um menino, filho de um vizinho, estava brincando com fogo e aconteceu.

T - Estão morrendo. E você viu quando o fogo começou?

P - Não. Eu não estava lá. Eu cheguei e já tinha acontecido.

T - Volte para antes do incêndio. O que você fazia nessa cidade. Qual a sua profissão.

P - Eu estou em um escritório. Sou um advogado e me dedico muito ao trabalho. Não fico muito com minha família. Senti-me impotente e culpado de não estar lá.

T - E a vida está boa por enquanto? Você se sente bem?

P - Não. Já sentia angústia.

T – Agora, veja o final do incêndio. O que você vê no final? Apagam o incêndio? Alguém se salva?

P - Não. Eu estou sozinho. É o dia seguinte. Os corpos foram retirados e enterrados.

T – Veja o enterro.

P – São seis caixões. Minha mulher, um filho, meus pais, minha irmã e o filho de um vizinho. Eu estou no enterro chorando muito. Sinto-me culpado (Chora sempre de modo contido, mas com muita emoção).

T - Deixa vir a emoção. É importante que você não bloqueie isso agora. É uma sensação de muita tristeza e realmente com motivos.

P - (Chorando alto).

T – Lembre-se da vida que passou com aquela família. Foi uma vida boa com eles?

P – Foi. O resto de minha vida foi só de tristeza e culpa (Chora alto).

T - Veja a tristeza do resto da vida. Foi uma vida longa? Que idade você tem quando chega ao final?

P - 85. Estou sozinho. Só estão os empregados.

T - Você está ainda dentro do corpo e vai passar pela morte. Como é a morte?

P - Tranqüila.

T - Nunca mais teve outra família nesta vida?

P - Não.

Morreu, sentindo-se culpado do destino da família e achando que, se tivesse dado mais atenção à mulher e aos filhos, talvez pudesse ter impedido o acidente.

Depois, no final da sessão, voltou outra vez à lembrança de início da sessão na vida atual quando, aos seis ou sete anos, ficou sozinho em casa com sua irmã mais velha e apanhou muito dela:

T – Agora, repita aquelas palavras. Veja se ainda tem alguma sensação no corpo. Angústia, sozinho, nada vai dar certo.

P - Angústia, sozinho, nada vai dar certo. Estou de novo no corredor de minha casa.

T - Ali você sentiu isso de novo? Sentiu? Que você estava pensando naquele momento?

P – Triste com todos da minha família.

T - Eles estavam fazendo alguma coisa que você não gostava? O que você não gostava?

P - De ser deixado em casa sozinho com minha irmã. Apanhava dela, sempre. Todas as vezes.

T - Nesse dia do corredor, você apanhou?

P - Apanhei.

T - Volte para aquele momento em que está apanhando. O que você gostaria de ter feito naquele momento com a sua irmã?

P - Ter tido forças para bater nela.

T – Então, bate nela agora. Bate nela. Bate.

P - Não consigo.

T – Então, faça qualquer coisa para resistir. Você xingou naquela hora?

P – Eu xinguei e chutei ela, mas apanhei assim mesmo.

T - Chutou. Podia ter dado um murro nela, morder. Dá um murro aqui nessa almofada.

P – Não consigo.

T - Onde está a raiva que você sente dela?

P - Aqui (Plexo solar).

Apesar de minhas tentativas e insistência para que ele entrasse em uma catarse para liberar a raiva, ele continuou se contendo e não conseguiu. Isto demonstra como este cliente estava segurando suas emoções no seu dia-a-dia e, mesmo ali em um ambiente controlado, não conseguiu dar vazão aos sentimentos. Trabalhei então energeticamente a raiva usando a técnica de exploração de Aura (TenDam, 1997). Nesta técnica, o próprio cliente vê seu corpo e localiza os sentimentos retidos como cores, objetos ou até animais. Com a ajuda do terapeuta, ele retira estas energias e recoloca outras de frequência mais elevada. Esta técnica também serve para indução a vidas passadas e para encontrar obsessores.

COMENTÁRIOS

O que chamou a atenção nesta sessão foi a ocorrência de três situações de impotência:

1. O menino no barranco – Vida passada.
2. O homem que perdeu a família no incêndio – Vida passada.
3. Apanhando da irmã mais velha aos sete anos – Vida atual.

Apesar de alguns erros cometidos na condução ao desviar o cliente da situação inicial do “menino do barranco”, esta sessão acabou abordando outra vida que apresentava as mesmas cargas de sentir-se sozinho, angustiado e achando que nada iria dar certo, quando se viu perdendo a família em um incêndio, o que confirmava seu postulado de que nada dava certo.

Meu diagnóstico de TR inicial foi Trauma Simples, devido à presença de grandes cargas emocionais e somáticas, mas, ao final, percebi que se tratava de Trauma Complexo com Postulado de Caráter, porque o próprio enunciado da queixa contém um resumo de Argumento (Script): “Nada vai dar certo”.

Resolvi começar com a ponte verbal, segundo Netherton, mas acabei usando muitos comandos e técnicas de Tendam, principalmente no final, quando trabalhei energeticamente com Exploração de Aura.

Pelo conceito dos sete corpos do homem, podemos dizer que nesta sessão foram identificadas duas Personalidades Subconscientes de vidas passadas que não tiveram boas resoluções e, portanto, não puderam ser absorvidas totalmente nas energias do corpo causal: o menino no barranco, que não foi explorado e o advogado que perdeu a família no incêndio.

SEGUNDA SESSÃO - O MENINO NO BARRANCO

Na segunda sessão, o diagnóstico inicial foi Trauma Simples, mas na condução da sessão, ao final, o diagnóstico de Tendam: Trauma Complexo se tornou mais adequado devido à ocorrência de PS (Personalidade Subconsciente), pelo surgimento do "menino no barranco". Na época desta sessão, podia-se perceber que o cliente, em determinados momentos da vida, quando angustiado e com os pensamentos de que nada ia dar certo, estava agindo da mesma maneira como o menino do barranco agiu no passado.

Esta vida do menino foi a origem da formação desta Personalidade Subconsciente. Estas PSs se formam quando ocorre uma morte incompleta, isto é, o espírito não se desvencilhou do plano terrestre. Foi também a origem da formação do Postulado de Caráter (Argumento) de que "as coisas não dão certo". Com o trabalho de Estados de Ego, o cliente pôde obter como catarse intelectual a conclusão de que "as coisas não deram certo para aquele menino, naquela vida... mas podem dar certo hoje".

Nesta sessão, o menino do barranco era filho de um médico. Ele foi assassinado pelo pai de outro menino, por vingança. O assassino tinha um filho da mesma idade que ele, que morreu sob os cuidados profissionais do médico.

O pai do garoto que morreu seqüestrou-o para vingar-se e levou-o para uma casa isolada onde furou seus olhos com um ferro em brasa e o enforcou com as mãos.

O garoto não percebeu que estava morto e, saindo da casa, foi se apoiar em um barranco próximo, ficando lá até hoje, como uma PS por morte incompleta. Segundo TenDam, quando ocorre morte em crianças, é comum acontecer a formação de uma PS por morte incompleta, devido ao pouco entendimento que temos na infância dos mistérios da vida e da morte.

Foi trabalhado o pós-morte para completar a transição e integrar aquela PS à personalidade atual.

Vejamos as partes principais da sessão:

T - Bom. Então vamos começar a sessão. Vamos fazer o seguinte: Você imagina que está de novo naquele barranco. Você é a criança naquele barranco. O que acontece?

P - Estou parado no mesmo lugar e não consigo ver bem as coisas.

T - Não consegue ver. Se você conseguisse o que estaria vendo?

P - Não sei.

T - Por que você não sabe? O que impede você de saber?

P - Minha visão.

T - Você não precisa ver. Você pode saber. O que faz essa criança nesse barranco? Ela está angustiada? Sentindo-se sozinha?

P - Tem uma casa atrás. É uma montanha; não, um barranco mesmo, mas atrás tem uma casa de madeira. Eu estou entrando na casa e tem gente lá dentro.

T - Você entra na casa. Agora, vá ao momento da maior angústia.

P - (Pausa longa) Hum... Não estou vendo mais nada (Nesse momento o cliente faz movimentos evitativos com a cabeça, fechando firmemente os olhos e tremendo as pálpebras).

T - Alguma coisa impede você de ver. O que é essa alguma coisa? Você estava lá naquela casa. O que você conseguiu ver antes?

P - Eu só vejo uma pessoa sentada em uma mesa. Ele tem um olhar mau.

T - O que ele te faz? Vá ao ponto em que algo acontece.

P - (Pausa longa com os mesmos movimentos evitativos nos olhos). Está tudo escuro.

T - Você está no escuro?

P - Não. Eu vi uma última coisa... um ferro em brasa.

T - Volte e pegue de novo a imagem do ferro em brasa. Você sente medo?

P - Sinto. Ele encostou o ferro nos meus olhos.

T - Encostou o ferro em seus olhos? Por isso você apertou os olhos agora? Como ele faz para fazer isso? Ele te segura? (Seguro seus braços enquanto pergunto).

P - Hum, hum...(afirmativamente).

T - Passe novamente pela cena (O cliente dá sinais de desespero, apertando os olhos e ficando com o corpo tenso e mexendo-se como que tentando se libertar do meu aperto em seus braços). Está queimando? Você não enxerga mais nada depois disso?

O cliente continuou a relatar todo o sofrimento de ter seus olhos perfurados com o ferro em brasa e, como sob a fúria assassina daquele homem, acabou morto. Depois, sem perceber que havia morrido, saiu indo se encostar ao barranco que havia perto da casa.

T - Quantos anos você tem?

P - Sete.

T - E você entende porque aquele homem fez isso? O que aconteceu antes que levou a isso? Volte e veja.

P - (Pausa longa) Estou vendo uma cidade. Uma rua, casas... muitas crianças na rua... Estou vendo aquele homem. Eu estava na porta de uma casa brincando e esse homem me pega e me leva embora.

T - Sinta ele te pegando. Esse homem é teu conhecido?

P - Não.

T - O que você sente quando esse homem te pega?

P - Medo.

T - Qual a finalidade desse homem raptar você, uma criança? O que mais você precisa saber sobre esse episódio? Deixe seu inconsciente levar você à alguma coisa que precisa saber mais, para entender.

P - Meu pai... (pausa, chorando). É como se eu ouvisse alguma coisa. Uma coisa como um menino que morre. Acho que meu pai é médico e esse menino morreu quando ele atendia. Era filho daquele homem. Depois, não vejo mais nada.

T - Isso te faz entender mais a atitude desse homem?

P - Faz.

T - O que foi a atitude dele?

P - Vingança contra o meu pai.

T - Sim. E o que você vê depois da morte, então?

P - Eu estou parado de novo naquele barranco..

T – Veja novamente o fim de sua vida quando você sai do corpo. Ainda vê aquele homem? Qual a sensação?

P - De alívio.

T - Alívio. E, depois, você sai de seu corpo e vai para onde? O que acontece em seguida?

P - Eu fico parado olhando a casa. Depois, é que me vejo no barranco.

T - Percebe que está morto?

P - Não.

T - Imagine que você, o homem que é hoje, vai até lá e observa o que aconteceu com a criança. Ela fica aí desesperada por muito tempo nesse barranco? Sentindo angústia, sozinha. O que ela precisa para não sentir mais isso?

P - (Pausa longa) Quem lhe indique um caminho.

T - Então volte para o seu quarto (No começo da sessão, pedi para ele se imaginar em outro local e ele escolheu seu quarto em sua casa). Traga com você aquela criança que estava no barranco. Traga também aquele homem que matou a criança. Coloque os dois no seu quarto. Olhe para cada um deles. Tem ali o assassino e a sua vítima. Pegue aquela criança que está à sua frente, coloque-a em seu colo, converse com ela. Sinta seu corpo, dê bastante consolo e amor. O que é que você quer dar a ela? (Pausa). O que você pode fazer por ela?

P - Não sei (falando baixinho e emocionado).

T - Então, imagine que você sabe o que ela quer, e dê a ela tudo o que ela quer. Você pode inclusive explicar a ela isto que aconteceu. Você pode dar aquela orientação que você queria dar. Que é que você pode falar para ela? Você tem bastante conhecimento hoje, sobre o que é a vida e o que é a morte. Você não pode orientá-la? Ela não sabe isso. É uma criança. Para onde ela podia ir... Vá falando em voz alta o que você diz a ela.

P - Explico que há um outro lado; por algum motivo ela teve que passar por aquilo, que ela precisa ir... Para o outro lado.

T - Observe bem essa criança. Tire dela a angústia, a falta de esperança e a solidão. Veja saindo de dentro dela estas três coisas. Tire de dentro de você também a parte da solidão, desesperança, angústia, coloque tudo junto. E o que você quer fazer com estas três coisas que tirou dela?

P – Tudo se consumiu no ar.

T - Está bem. Fique com aquela alegria que havia na criança antes de ser seqüestrada e veja aquele homem em seu quarto. Está vendo aquele homem?

P – Hum... Estou.

T - O que você quer tirar de dentro dele.

P - Nada. Quero deixar ele no mesmo lugar onde estava.

T - Antes, olha bem para este homem. Chegue bem perto. Você pode ver o que tem dentro dele.

P - Só tristeza. Tristeza nos olhos.

T - Só tristeza. (pausa). E que é que tem lá que é seu?

P - Nada.

T - Nada? Você consegue abraçar esse homem? Consegue? Entender seu desespero quando viu seu filho morto e perdoá-lo?

P – Sim. Ele sumiu depois do meu abraço. Senti que ele se sentiu perdoado.

T - Por isso ele partiu? O que você aprendeu com a vida dessa criança que acabou?

P - Às vezes, uma pessoa que tem uma aparência má ou tem uma atitude ruim, por dentro, pode não ser aquilo que ela aparenta ser. Todo mundo tem algo de bom.

T - Você entende a atitude que ele tomou, embora não seja coisa boa?

P - Entendo que não está certo, mas entendo que foi por tristeza.

T - Você toma alguma decisão diferente para a sua vida atual, depois de saber disso?

P - Tomo.

T - Qual a decisão?

P - De ter mais força, de saber que eu não estou sozinho, que eu posso conseguir as coisas; lutando, mas eu conseguirei.

T - Volte para o aqui e agora, no seu tempo, sentindo-se bem.

P - (Abrindo os olhos e rindo) Estou bem.

COMENTÁRIOS

Realmente, confirmou-se que a criança que estava perto de um barranco, na primeira sessão, era a vivência que encerrava as três cargas relatadas no Contrato de Terapia: “Angústia e sensação de que nada vai dar certo quando estou sozinho”.

Esta sessão, no decorrer da terapia, revelou-se como uma das mais importantes para ajudar-nos (eu e o cliente) a entender as origens dos seus problemas na vida atual.

Do ponto de vista das técnicas empregadas, cometi alguns erros misturando a indicação dos diversos procedimentos que podem ser úteis na condução. Apesar disso, ainda assim, no final, com muito trabalho, a sessão foi muito boa por ter atingido uma vida muito importante que, por ter morte incompleta, pode ser classificada pelo conceito de Pseudo-Obsessão ou de Personalidade Subconsciente. Ficou a impressão de que o "episódio do barranco" ainda não havia acabado. Nas sessões seguintes, vamos ver que isto era verdade.

O mais importante para mim foi o fato desta sessão e as duas anteriores terem mostrado vidas em que o cliente ainda reviveu papéis de vítima. Abordei isso com ele ao final, alertando-o de que deveria haver alguma razão muito forte para ele agir desse modo, mas que, em algum momento, seu inconsciente iria liberar vidas de perseguidores, algozes ou vitimizadores e que, só então, poderíamos progredir mais na terapia. Nessa conversa, ele me contou diversos problemas de relacionamento que tem com os pais, dizendo que, desde a infância, sentia que não tinha um lugar que pudesse considerar o seu espaço. Novamente impotência? É claro agora que aquele ainda não era o momento dele confiar em mim e nele mesmo, para se entregar e mostrar seu lado sombra.

Com relação ao conceito dos vários corpos do homem, por se tratar de uma vida que não teve uma boa resolução em seu final e também por tratar-se de morte na infância, ocorreu morte incompleta com a permanência de partes da personalidade do menino presas no plano astral e no plano mental, com seus corpos astral e mental.

O cliente foi muito bom ao me mostrar o caminho nos momentos em que eu estava perdido.

TERCEIRA SESSÃO - SUICÍDIO POR CIÚME

Nesta sessão, o cliente apresentou uma queixa que aparentemente não tinha nada a ver com o contrato de terapia. Estava muito enciumado porque sua mulher sempre afirmava que achava a raça negra muito bonita e isto já havia provocado muitas discussões entre o casal.

Estava ocorrendo uma verdadeira luta interna no cliente, como se uma parte dele reconhecesse o absurdo da situação, não querendo assumir qualquer atitude mais frontal e concordando com o direito que ela tem de ter suas próprias idéias mas, outra parte se julgava em risco de perdê-la.

A queixa da sessão: ciúme com dúvida de como devia proceder e as cargas já mostravam muita confusão interna: Emocional (E) = angústia, raiva e insegurança, Somático (S) = insegurança no estômago e na garganta.

O diagnóstico da sessão foi Trauma simples, mas a presença de confusão, poderia sugerir, também, Personalidade Intrusa (PI) e/ou Personalidade Subconsciente (PS). Por isso, talvez eu pudesse ter utilizado Estados de Ego como indução.

Vejam os trechos mais importantes da indução e da regressão:

T - Bom. Então, vamos fazer o seguinte: Imagine que você recebeu uma notícia agora de que sua mulher está em algum lugar com algum homem. Pode não estar fazendo nada reprovável, mas você acabou de receber essa notícia. Alguém que você conhece e que na sua imaginação ela poderia ter alguma coisa com essa pessoa (Pausa longa). Tá imaginando? Qual o pensamento que vem à cabeça?

P - A sensação de insegurança.

T - Uma sensação de insegurança (pausa). Você sente essa sensação de insegurança em algum lugar do seu corpo?

P - (Aponta a região entre a garganta e o estômago).

T - Lembra da última vez que você sentiu esta insegurança?

P - A última vez foi ontem quando ela novamente tocou no assunto da beleza da raça negra. Fiquei muito irritado como de outras vezes, mas não falei nada. A sensação que eu sinto é uma insegurança grande e uma angústia no peito, na garganta, como quando você está irritado, mas você está com raiva de uma pessoa ou de alguma coisa, você quer soltar e segura, como se ficasse uma irritação. Segura aqui (apontando a região do estômago e do peito).

T - Então, volta para aquele momento. Lembra de tudo que aconteceu na hora. Qual o primeiro pensamento que veio à sua cabeça naquele momento

P - Na hora, eu fiquei meio quieto. Pensei assim: não posso falar nada para ela porque eu não tenho o direito de controlar seus pensamentos. Veio aquele impulso de falar, mas eu resolvi ficar quieto.

T - Então, você pode imaginar que ela saiu e se encontrou com alguém e que você pode ver?

P - Posso.

T - A sensação do ciúme já aparece?

P - Já.

T - Você está vendo lá sua mulher. E o ciúme, onde está?

P - (Já emocionado) Nessa região toda (apontando a região do estômago até o peito).

T - Continue assistindo àquela cena. E sentindo aumentar a sensação em todo o seu corpo, se espalhando por todo o corpo. Presta bastante atenção nessa sensação. Com muita atenção. Então, olha para essa imagem, deixa só os dois e tire o fundo. Deixa só os dois, como se eles estivessem flutuando... Então, deixa o fundo se transformar. Desfocalize os personagens. Veja no que se transforma aquele fundo. É um cenário onde isso aconteceu, ou algo semelhante a isso, em que esse ciúme esteve forte. Em que essa sensação esteve forte.

P - Vejo um jardim.

T - Um jardim... E o que mais tem nesse jardim?

P - Tenho a sensação que é de uma casa, mas não está muito nítido.

T - É uma casa?

P - Uma casa branca com dois andares. É uma casa de fazenda. Eu vejo pessoas andando por esse jardim, trabalhando...

T - Amplia a sensação do ciúme. Deixa-a crescer mais. Deixa ela te guiar para o momento exato em que essa sensação estava mais forte.

P - (Pausa longa tentando segurar a vontade de chorar) Continuo vendo só a casa de fora como se alguma coisa me bloqueasse, me segurasse. Como se eu estivesse imóvel... .. Como se tudo tivesse movimento, e eu continuasse parado, paralisado. Finalmente, eu entro na casa.

T - O que você vai encontrar lá?

P - (Começa a ficar mais inquieto e faz uma pausa) Estou dentro da sala da casa e não tem ninguém. A casa é minha (outra pausa longa). Estava acho que chegando em casa. Vejo uma mulher indo embora com um homem e aí eu entro na casa. Ela era minha mulher, e foi embora com outro.

T - E você tem ciúme dessa mulher?

P - Tenho, mas não faço nada.

T - (Pausa) O que você sente nessa hora? O que está sentindo vendo ela ir embora?

P - Aqui, uma sensação no meu peito (começa a chorar, contraindo os músculos da face como para controlar-se).

T - Deixa essa sensação crescer mais. Sua mulher está indo embora, com outro homem. Ela vai mesmo?

P - Vai (engolindo o choro).

T - Você só fica chorando? Ela percebe que você chora?

P - Percebe... Eu vejo uma arma em minha mão.

T - E o que você quer fazer com essa arma?

P - (Muito comovido e gaguejando) Estou apontando ela para o peito. Puxo o gatilho... O tiro atinge meu peito.

T - Aqui? (coloco o dedo no lugar exato). (Faço pressão no lugar, como se fosse a bala penetrando no ponto). Você se mata no jardim ou dentro da casa?

P - (Chora alto, com maior intensidade, choro convulsivo). Dentro.

T - Passa de novo, chega na casa, veja-a chegar, e partir com outro homem, você não faz nada... Você não faz nada. Essa arma foi usada só em você?

P - Foi. Ela foi embora, aí eu... entrei.

O cliente continua seu processo de morte até que se percebe fora do corpo.

T - Está vendo de fora? Já passou pela morte?

P - Acho que sim.

T - E o que você quer fazer agora?

P - Eu estou vendo um rio. Depois que saio de meu corpo. Eu estou entrando na água e vou andando dentro do rio

T - Quais são os seus sentimentos agora?

P - Calma... tranquilidade. Quando a água chegou no meu pescoço, sumiu tudo. Estou vendo tudo escuro.

Muitos clientes relatam simbolicamente sua passagem para o mundo espiritual como se fosse uma barreira que precisam atravessar como um túnel, um rio ou um caminho luminoso. Nos estados de quase morte que acontecem em clientes que foram considerados mortos, mas depois se recuperam, eles costumam relatar estes locais de passagem e sentem que, se ultrapassarem um certo ponto, não conseguirão mais voltar.

T - Sumiu tudo. Volta... ao momento... exato... da... morte. Ao momento exato em que você abandona o corpo. Você ainda está no corpo sentindo dor. Pensamentos passam pela cabeça. Que pensamentos são esses? Vingança? Qual o último pensamento?

P - É decepção. Sentimento de que eu errei.

T - E esse é o pensamento da morte? Sentimento que você errou?

P - É. Também sinto culpa. Não é bem culpa, é... eu não sei expressar...

T - Arrependimento?

P - É (volta a chorar).

O cliente continua chorando muito de arrependimento, culpa e tristeza e eu deixo esvaziar esses sentimentos até ele se acalmar. Concluiu que estava arrependido de ter se matado. Pedi para ele encontrar-se com a mulher depois da morte e foi feita a transação cármica que consiste na devolução um ao outro de todas as energias que ficaram retidas. Ele a perdoou da traição porque entendeu que também desta vez ele era um marido ausente e que só se preocupou com sua carreira deixando sua mulher sempre sozinha até que ela não agüentou mais o desprezo e resolveu partir com o outro. Depois disso, os dois puderam se liberar e seguir seus caminhos.

COMENTÁRIOS

Nesta vida, ele era um advogado que só se preocupava em trabalhar e negligenciou atenção para a esposa. Ao chegar em casa, surpreendeu a mulher indo embora com outro homem. Ficou desesperado, mas não tentou impedi-la. Entrou na casa, pegou um revólver e se matou.

O diagnóstico foi Trauma, devido à presença de E+S (Emoção e Somatização). Foi usada para indução uma técnica mista: Gestalt (Figura e Fundo) e PNL (Âncora imaginativa), para chegar à vida em que se suicidou ao ser abandonado pela mulher.

Como parecia haver uma parte dele que queria dominar os pensamentos da esposa e outra que achava que não devia fazer isto, poderia ter iniciado a sessão com indução a partir de Estados de Ego (TenDam).

Mais uma vez, confirmou-se seu postulado de que as coisas para ele “não dão certo”, mas começou a aparecer outro aspecto de sua personalidade: a vontade de ter controle sobre tudo ao seu redor. Quando não conseguiu ficar com a esposa, a opção foi a violência do suicídio. Este lado violento de seu caráter começava a aparecer.

No pós-morte, foi usada a técnica de Transação Cármica segundo Tendam, entre ele e a esposa; porém, esta não foi eficiente, devido ao fato de sua mulher não ter participado diretamente de seu trauma de morte e portanto, nada havia a transacionar entre eles.

Após ler novamente a transcrição da sessão, concluí que, no momento da morte, se formaram dois estados de ego: uma PS que tem muito medo de repetir o suicídio e outra que não quer mais se suicidar. Ou seria uma só PS? Não sei. Se tivesse optado por iniciar a sessão com EE (Estado de Ego), talvez tivesse esclarecido isto.

O suicídio e as conclusões a que ele chegou mostraram-me que a queixa dessa sessão estava também inserida no contrato de terapia porque, antes de se suicidar, chegou à conclusão de que nada mais iria dar certo, ao se sentir sozinho e abandonado pela esposa. A angústia também estava presente, mas havia também muita raiva. A insegurança que demonstrava podia ser devido aos mecanismos internos que o cliente estaria utilizando para evitar que, novamente, viesse a cometer algum ato de violência contra si ou contra os outros.

Esta sessão foi muito importante para o cliente perceber as origens de seu ciúme. O relacionamento do casal estava se transformando em um jogo de provocar ciúme um no outro, o que poderia se tornar muito perigoso, levando-se em consideração que ele estava sentindo muita dificuldade para não chegar à violência.

Essa face de violência apareceu pela primeira vez nessa sessão e foi o ponto de partida para que ele pudesse se soltar mais e continuar me mostrando seu lado sombra. Ele liberou isto para testar o Terapeuta (inconscientemente) e depois se sentir seguro para mostrar outros conteúdos desse lado.

QUARTA SESSÃO - OS ALGOZES

Na quarta sessão, ele foi confrontado de uma vez, com todas as vidas em que foi perseguidor, usando a técnica de Hans TenDam de conduzir o cliente a um local panorâmico. O diagnóstico inicial da sessão foi Trauma com o Postulado – “Tenho medo de me responsabilizar pelos outros”. Este postulado apareceu quando utilizei a técnica da “Cadeia dos Por quês”. Optei por usar apenas as técnicas de Tendam por serem mais eficientes na busca de visão geral com conexões entre vidas e postulados.

Por considerar que esta sessão é a mais importante dessa série, vou transcrever longos trechos das gravações. Peço que o leitor aprecie os diálogos pois, além de terem sido importantes, também são interessantes pela aplicação eficiente das técnicas da Terapia Regressiva.

Antes de a sessão começar, expliquei ao cliente a técnica da cadeia dos porquês.

T - Vamos lá. É... Vamos começar a sessão, você completando a frase: nada vai dar certo por quê...? Repete. Nada vai dar certo porque...

P - Nada vai dar certo porque... não (Ri).

T - Porque não... De novo. Nada vai dar certo porque...

P - Não quero.

T - Nada vai dar certo porque...

P - Não quero. Porque não deixo.

T - Não deixo. Nada vai dar certo porque...

P - É. Se eu não deixar dar certo.

T - Nada vai dar certo porque...

P - Eu tenho tendência de não deixar dar certo. Não... é, vai. Passou isso pela cabeça, vai... É... para eu impedir que as coisas dêem certo, por minha culpa mesmo.

T - (pausa) É sua culpa que nada dê certo?

P - Pela forma de agir e de pensar.

T - E o que acontece se você deixar dar certo?

P - Dará certo.

T - Dará certo? Não quero que dê certo, porque...

P - Medo.

T - Medo (pausa, terapeuta pensando). Tenho medo de que não dê certo porque...

P - Insegurança com o desconhecido.

T - Insegurança com o desconhecido?

P - Com o desconhecido.

T - O que é o desconhecido?

P - É... de repente sair de uma posição, é... vamos dizer assim, que eu esteja bem e ... me ver sozinho, tendo que assumir tudo. E medo de isso não dar certo, tendo outras pessoas sendo responsáveis... sendo responsável por outras pessoas.

T - (pausa) Medo de ser responsável?

P - Não. Mas é uma certa insegurança se eu vou conseguir ser responsável por outras pessoas.

T - (pausa) Você não deixa dar certo por quê?

P - Por medo.

Mostrei a transcrição desta parte da sessão porque esta técnica de Hans TenDam é muito eficiente para distrair o ego consciente e deixar emergir respostas do inconsciente. Ficou comprovado que o medo de ser responsável por outras pessoas estava na raiz de seu postulado “Nada dá certo para mim” e também que o medo fazia com que ele mesmo manobrasse para que as coisas não dessem certo, assim não teria poder para cuidar de outras pessoas.

T - Você sente medo no peito, quando você está achando que as coisas não vão dar certo. E você sente insegurança. Sinto insegurança de...

P - Sinto medo no peito e a insegurança é no estômago. Passam várias visões diante de meus olhos, da minha infância atual. Foi a primeira vez que eu fui para a escola. O mesmo medo. Eu não queria ir. Eu tinha uns 4 anos.

T - Amplie mais e mais, fique nisso aí. Fique no medo e veja o que surge.

P - Estou vendo um lugar escuro. Estou dentro de um lugar escuro.

T - Andando no escuro, com medo e insegurança. Vá a um momento de maior medo e insegurança.

P - Estou vendo pessoas me apedrejando no rosto, no corpo todo. Está escuro, de noite. Gostaria de fugir, mas não posso. Estou cercado, caído e sem forças. Não tem para onde sair, é uma multidão. Estou sentindo dor em todo meu corpo.

Este é um exemplo de como os acontecimentos dessa vida têm ligação com outros fatos semelhantes de uma vida passada. Quase toda criança tem medo quando vai à escola pela primeira vez, mas estes medos podem ter raízes muito mais antigas do que aparentam.

T - Sinta bem essa dor. Passe por tudo isso. Atravesse tudo. Que mais você sente? Dor, medo, insegurança. MULTIDÃO, multidão, multidão grita, multidão joga pedra.

P - Arrependimento. Eu matei.

T - Você matou. Você matou e a multidão está no escuro te apedrejando. E você caído sente dor. E o que você quer fazer agora?

P - Estou fora do... Estou vendo meu corpo no chão. Estou morto. Acho que eles têm razão. Matei injustamente

T - Medo no peito, insegurança na barriga e você está morrendo com culpa. Assume a culpa?

P - (com voz sumida) Assumo. (Cliente chora baixinho, mas parece se controlar. Volta a falar com ele após longa pausa em que libera suas emoções).

T - Foi injusto? Você foi injusto?

P - Fui... fui. Vejo pessoas queimando...meu corpo.

T - Você agora está numa situação de saber o aprendizado dessa vida. Você sabe o que aprendeu com ela?

P - Ser mais justo, ter mais compaixão com as pessoas. Não faria mais o que eu fiz.

Fico pensando o que fazer para buscar mais cargas de culpa por ele ter sido injusto.

T - Vá para um lugar panorâmico, de onde você pode ver várias ocasiões em que foi INJUSTO (marcando bem esta palavra). Várias vidas... (Percebo que atingi o alvo, cliente começa a chorar de novo). Você foi muito injusto em muitas delas?

P - Fui...

T - Passe pela que você foi mais injusto. Vá ao momento em uma vida passada em que você foi mais injusto. Sinta você como sendo INJUSTO! Olhe... naquela visão... panorâmica que você... vai ver... a vida e o momento... em que você, foi mais... INJUSTO. O que você vê?

Estas palavras foram ditas bem pausadas e num crescente de volume e mudança do timbre até a palavra **INJUSTO** que foi quase gritada. Isto empurrou o cliente para a vivência a seguir.

P - Sou uma espécie de governante... Eu tiro as crianças pequenas das mães. Mato as mães e fico com as crianças. Elas vão se tornar escravos e alguns soldados.

T - O que você vê?

P - Um monte de mulheres e seus maridos, sendo mortos... por minha ordem.(pausa). As pessoas estão matando.

T - O que você pensa disso?

P - Que é errado.

T - É errado, mas você faz. Vá para o momento da morte. Da sua morte.

P - Estou correndo com o cavalo, em direção à um homem. Está uma grande guerra. Pessoas se matando. E a espada, eu sinto ela en...trar no meu peito, logo em seguida eu me vejo... saindo

T - Percebe na hora, que está morto?

P - Não acredito muito, mas acabo entendendo.

T - Quando você entende que morreu, você repassa sua vida toda. E qual foi a lição dessa vida para você?

P - Que eu fui muito cruel e não deveria ter sido.

T - O que você planejou fazer de novo, na próxima vez se você tivesse uma nova chance?

P - Acho que não faria o mesmo.

T - Volte ao lugar panorâmico. Veja se você teve outras vidas como esta em que você foi injusto. Em que você não cumpriu sua promessa.

P - (Falando muito baixo). Tive.

T - E agora, então, você desse lugar panorâmico, viu todas as vezes que foi injusto. Viu as várias vezes que você prometeu não ser mais. Caiu de novo. Aquela vida do apedrejamento tem a ver alguma coisa com aquele menino que furou os olhos? Do barranco, e depois foi para o barranco?

P - Tem.

T - Você vai ver agora o que aquele menino decidiu... quando ele resolveu que seriam furados seus olhos (pausa). O que levou ele a decidir que seriam furados seus olhos. Em algum momento...

P - Já sei. Foi uma... como se uma voz falasse. Que eu queria que furassem meus olhos para eu não ver mais as desgraças que eu cometi. Quando você falou para eu ir para um lugar, eu vi como se fosse, é várias janelas assim. Mostrando todas as vidas em que fui injusto. Cada janela mostrava uma. A primeira janela foi a vida que eu acabei de relatar. E a última janela é essa, essa vida do menino.

T - Naquela vida, então, antes de ir para lá, você decidiu que deixaria furar seus olhos para não ver mais?

P - É.

T - Você, agora, pode comparar todas as vezes, todas as vidas, todos os ensinamentos. E pode também liberar a sua culpa. Você acha que já foi castigado o suficiente? Por sua culpa?

P - Acho.

T - Você precisa ainda ser culpado ou ser vítima de alguma coisa mais?

P - Não. É como se eu estivesse nesse lugar, e pudesse saber um pouco de cada vida. Pudesse é... entrar em qualquer uma delas e ... ter a sensação do domínio de tudo que eu passei. De ver como é cada coisa que eu passei, que eu fiz e

como fiz. Só que, é como se de um lado eu tivesse todas as vidas com o mesmo que eu passei, só que foram várias. Desse lado, nesse aprendizado, foram mais ou menos umas sete vidas.

T - Você pode estar vendo agora o momento da escolha que você teve em todas elas.

P - Posso. Foi como se nes... é difícil eu explicar em números, mas eu vou chamar de sete. Como se nessas sete vidas eu tivesse que passar por isso. E na, nessa última vida antes dessa, eu não seria, não seria... não sei te explicar. Não seria antes dessa. Que eu tivesse feito um propósito de mudança a partir do momento que furei os meus olhos.

T - A partir daquele momento? Então, volte àquele menino do barranco. O que esse menino precisa para se sentir bem agora? Ele precisa de alguém? Alguém que ele queira chamar aí, para ficar com ele?

P - Eu acho que é minha avó.

T - Então, deixa sua avó entrar. Veja sua avó entrando. Essa avó conhece esse menino? Que é que ela foi dele naquela vida?

P - Mãe.

T - Ele quer a mãe?

P - (Só respira profundamente e chora de muita emoção. Essa é a avó na infância atual, já falecida que teve uma ligação muito forte com P).

T - Isso. Deixa esse menino encontrar-se com a mãe.

P - (Chora).

T - (Fico em silêncio e deixo o cliente chorar por algum tempo). Esse menino foi muito forte, não foi? Ele decidiu por você que iria mudar. Tá certo? O que você pretendia deixando-se matar e furar os olhos?

P - Uma... um propósito de mudança.

T - Propósito de mudança. E você pode libertar essa criança? Entregá-la para a mãe?

P - (Cliente tosse entre o choro). Posso.

T - Veja, então, a mãe daquela vida. Tua avó nessa vida. Libere os dois. Diga a eles fazerem o que quiserem. Antes, abrace os dois. Sinta que tudo o que você precisa e que está com eles vai ficar com você. Abrace os dois e pegue a força dos dois, pegue a energia, a determinação, o espírito de sacrifício que aquele menino teve. A coragem. Veja se eles dão isso para você. E se eles estão satisfeitos.

P - Estão.

T - Então, deixe-os ir. Olhe novamente para o seu corpo agora, e veja se alguma coisa ainda está ruim nele.

P - Não.

T - Onde está o medo, onde está a insegurança?

P - Em lugar nenhum

T - Então, no seu ritmo, volte para o aqui e o agora.

COMENTÁRIOS

Este foi um dos momentos na terapia em que pode ter se originado seu atual Argumento de Vida de que nada dá certo. Na visão panorâmica, viu em várias vidas as ocasiões em que foi injusto e abusou de sua força e poder, sem

mostrar compaixão por suas vítimas. Seu lado violento e autoritário mostrou-se completamente.

Esta sessão representou o momento mais importante da terapia, porque foi onde ele tirou completamente a máscara de vítima e vestiu a de algoz. Mostrou, também, as origens de seus postulados e pôde descobrir que, naquela vida em que morreu apedrejado, faria qualquer coisa para não ver mais as atrocidades que estava cometendo. Conscientizou-se de várias vidas de algozes e na pior, foi um comandante dos Dórios, precursores dos gregos. Matava famílias inteiras para conseguir escravos e soldados. Viu todas as vidas em que abusou da autoridade e chegou novamente ao momento da morte por apedrejamento. Naquela hora, decidiu-se passar por uma vida em que faria alguma coisa para não ver mais todas as barbaridades que vinha fazendo. Isto aconteceu de modo literal quando foram furados seus olhos e também porque morreu na infância não tendo a oportunidade de crescer e, quem sabe, voltar a cometer abusos.

Decidiu-se que não teria mais poder para não abusar dele. A partir daí, passou a viver seu argumento de vida de que nada para ele daria certo, passando então a se colocar em posições indefesas e que pudessem impedi-lo de voltar às vidas de algoz.

Como vimos nessa seqüência de sessões, uma das primeiras existências a que ele teve acesso foi uma vida de vítima, o "menino do barranco" para, depois de algumas sessões, ter contato com as vidas de algozes o que reafirma Netherton: "sempre atrás de uma vítima existe um algoz", e que "o trabalho de terapia só está completo quando são trabalhadas vidas de algozes".

Viu novamente a vida do menino no barranco, que foi quando deixou furar seus olhos e morreu enforcado. Conheceu sua mãe naquela vida, que foi sua avó na atual. Fez muitas descobertas importantes e muitas correlações entre as diversas vidas.

Esta sessão é a mais importante desta terapia porque foi a partir dela que as coisas ficaram muito mais claras para o cliente. A lucidez que ele mostrou no momento da sessão em que foi levado ao local de visão panorâmica vendo as diversas vidas de algozes em "janelas" não parecia dele. Conseguiu fazer todas as correlações entre as diversas conclusões a que chegou em todas aquelas vidas.

Depois da sessão, ele me disse que o acesso às diversas vidas que apareciam como se fossem janelas no lugar panorâmico era total e, no momento, sabia detalhes das vidas e podia ver todos os momentos de escolha que teve. Aquele "menino do barranco" foi o verdadeiro herói que provocou a virada nas suas diversas existências. No pós-morte da vida do apedrejamento, ele havia decidido: **"Eu posso ser melhor do que sou"**. Ali decidiu que, na próxima vida, que pode ter sido a do "menino do barranco", faria alguma coisa para não ver mais suas maldades, porque não estava mais agüentando ser assim.

Temos que raciocinar que, para qualquer pessoa, seria muito difícil fazer tantas correlações e tirar conclusões com tantos dados disponíveis nas muitas vidas que foram vistas nesta sessão.

Foi interessante, do ponto de vista didático, a "cadeia dos porquês" (Hans, 1993). Com esta técnica foi possível demonstrar o conceito de Argumento de Vida (Script) da Análise Transacional. Ele demonstrou todas as faces de seu postulado

de que nada para ele dava certo. Afirmou que não dava certo porque ele não queria, porque não deixava e que daria certo se ele deixasse.

Apareceu também, nesta fase, o seu medo de ser responsável pelos outros, também ligado ao medo de não dar certo, fazendo-o ficar inseguro quanto à sua capacidade de ter sucesso e ganhar a vida para si e para os seus.

Eu acreditava que Tendam pudesse ter se baseado em Eric Berne, o criador da Análise Transacional, quando elaborou seu conceito de "Postulado de Caráter". Procurei esclarecer este ponto com ele e, através de E-mail, Hans respondeu-me o seguinte:

"Em geral: fui influenciado um pouco pela Análise Transacional, mas não pela PNL. Em vez disso, fui muito influenciado pela "general semantics" de Alfred Korzybski (1933) um precursor importante da PNL. O conceito de "postulado" é derivado do trabalho dele e de "Dianetics" de Ron Hubbard (1950), não do Eric Berne".

Godoy, em artigo publicado em 1998, fez a correlação entre o postulado de caráter e a Análise Transacional. Propõe que o postulado nada mais é que um Argumento de Vida ou Script. A diferença é que o momento em que ele se inicia é em uma vida passada e não na infância. Este é o motivo porque um cliente submetido à análise transacional pode não ter seus problemas resolvidos. (conclusão minha).

Quanto ao conceito oriental dos sete corpos do homem, ficou bem demonstrado que esse cliente teve acesso a uma parte dele que tem todas as lembranças de vidas passadas. Essa parte pode ser comparada ao Corpo Causal, que é o depositário dessas lembranças. Como todas as vidas que tivemos deixam suas impressões no Corpo Causal, quando conseguimos ter acesso a ele, todas as "janelas do tempo" podem ser abertas.

O Corpo Causal é o único que permanece o mesmo em todas as encarnações porque todos os outros corpos inferiores são dissolvidos no processo do pós-morte. Quando nosso corpo físico morre, a matéria de que é feito se degrada nos elementos que o constitui e retorna à natureza. Dependendo do grau de apego ao plano terrestre, durante um certo tempo, variável de pessoa a pessoa, a consciência permanece no corpo astral. É como se o espírito se recusasse a aceitar que não estava mais entre os "vivos" e procura resolver seus negócios inacabados podendo surgir aí os obsessores, pseudo-obsessores e subpersonalidades. Como o Corpo Astral é o corpo dos desejos, onde se localizam as emoções, esses espíritos tentam de todas as formas permanecer junto aos encarnados para poderem usufruir um pouco mais daquelas sensações. É por isso que muitos alcoólatras atraem obsessores que foram viciados no tempo em que tinham seus próprios corpos. Essa é uma outra explicação para o conceito de Morte Incompleta, sugerido por TenDam.

Quando, finalmente, o espírito esgota sua vontade de continuar a ter sensações, o corpo astral é dissolvido e ele então passa a habitar um corpo mais sutil, o Corpo Mental Inferior. Ele vai permanecer aí enquanto houver assuntos que não foram bem entendidos, permanecendo em suas elucubrações até que encontre a paz, aquela tranquilidade da alma que vem com o entendimento, podendo então abandonar o Corpo Mental, que também se dissolve, e integrar-se no Corpo Causal onde irá esperar a próxima vida.

O conceito de Memória Extracerebral proposto por Banerjee poderia ter uma explicação através deste conceito do corpo causal, pois ele não se dissolve entre uma encarnação e outra e pode trazer para o novo corpo as memórias das outras vidas.

Em termos da Terapia Regressiva, podemos dizer que, ao se elaborar a catarse intelectual, estamos na verdade liberando a alma do Corpo Mental Inferior e que quando este trabalho não é completo, a subpersonalidade continuará buscando o entendimento de suas dúvidas e não poderá ser integrada à personalidade do cliente.

Podemos concluir do que foi exposto que a verdadeira função da catarse física, emocional e intelectual é liberar a alma dos seus três corpos inferiores.

OBSERVAÇÃO:

Após a sessão, o cliente repetiu que agora estava entendendo e assumindo suas vidas em que foi algoz (cruel, nas palavras dele). Percebeu que se fez de vítima e foi um chorão desde a infância. Decidiu que vai mudar, porque já sabe que não é nenhum santo e que veio para essa vida para se sentir humilhado em muitas ocasiões, apenas para que pudesse perceber o que já fez a outros.

Contou que, durante a sessão, nos momentos em que acessava sua vida de comandante, veio-lhe à mente várias vezes as palavras “Dório” e “Esparta”. Falou que pouco sabia sobre os fatos históricos daquele povo. Depois, fui pesquisar e fiquei sabendo que aquele povo de guerreiros tinha realmente o costume de matar as mães e ficar com os filhos que eram criados desde cedo como escravos ou então treinados para serem soldados terríveis. Do mesmo modo, sacrificavam as famílias dos melhores soldados para que eles nada tivessem a perder nas batalhas e arriscassem suas vidas sem medo.

QUINTA SESSÃO - MORTE NO NAVIO

Na quinta sessão, recordou a vida em que, em uma briga, matou seu oponente, um soldado em um cais. Pelo crime, foi condenado “às galés” (servir de escravo, remando no porão de um navio), onde permaneceu até a morte, sentindo medo, raiva e impotência diante do homem que comandava os remadores, forçando-os ao máximo, usando para isto um chicote. Achava que não teve um julgamento justo e tentava se justificar de seu crime dizendo que o assassinato fora por acidente.

Em seguida, lembrou-se de outra situação na vida atual aos sete anos, quando se meteu em uma briga na escola com outros meninos e apanhou muito. Estavam presentes as mesmas cargas de sentir-se injustiçado, impotente, pressionado, com medo e raiva. Depois, deu para ver que o medo não era dos meninos, mas sim de ser criticado pela professora e seus pais. Problemas com figuras de autoridade? Estava cada vez mais clara sua tendência a querer controlar tudo e rebelar-se contra quem o pudesse controlar. Estava experimentando na pele os mesmos desmandos que já fizera a outros.

O padrão dessa vivência foi também a impotência no episódio da briga na escola e diante de um carrasco que o obrigou a trabalhar até a morte. Apareceu

novamente o seu distúrbio de caráter, ao procurar justificar seu assassinato, dizendo que foi por acidente.

Nesta sessão, as técnicas de Hans Tendam mostraram-se muito eficientes em acessar rapidamente os conteúdos do inconsciente.

Trouxe como queixa para a sessão o mal-estar que estava passando em um emprego que conseguiu em uma grande loja em que se sentia humilhado quando recebia ordens de sua chefe. Cada vez que tinha que se preparar para ir ao trabalho sentia-se mal e com o mesmo pensamento de que “nada daria certo”. O mal-estar era físico com o coração se acelerando como se estivesse com medo. Tinha enjôo e precisava se esforçar muito para não desistir do emprego. Buscava muitos argumentos para justificar a vontade que tinha de abandonar tudo porque não queria confessar que era simplesmente medo.

Tornava-se claro que seu contrato de terapia ainda não estava resolvido.

T - Então, hoje você quer ver o que está acontecendo com você no trabalho, não é? Você pode sentir agora o que você sentiu lá?

P - (Sim com a cabeça).

T - Como que é esse sentimento?

P - Como se fosse uma angústia, um nó que vem daqui... , ó... (aponta a região do pescoço, peito e plexo – sempre as mesmas regiões).

T - Então, feche os olhos... aumenta o sentimento que você tem quando está lá no trabalho. Faz ele crescer, prestando muita atenção no seu corpo... desde o pescoço, peito até o estômago... deixe isso aumentar bastante... e deixe isso te levar para o passado. Vamos voltar ao início em que todos esses sintomas, essa preocupação e esse sentimento estavam presentes. Contando de 5 para 1, você vai estar lá. 5, voltando para trás. 4, cada vez mais perto. 3, 2, você vai estar no momento inicial. 1, você está lá. O que surge, o que percebe? Fique no sentimento e na sensação do corpo, e dê palavras a qualquer imagem, sensação, pensamento...

P - (Silêncio longo). É como... é se eu... se eu estivesse sendo pressionado constantemente. É uma sensação de medo. Estou vendo alguma coisa... É num... como se fosse um navio. Eu estou neste navio. Vejo-me remando embaixo, ali, preso a correntes. É... eu não, não estou mais agüentando remar e.. são... o mar. Eu vou morrer.

T - Você está cansado. Sinta o cansaço. Você está remando, com medo e achando que vai morrer. E o que acontece mais? O que passa em sua mente agora? A pressão? Quem te pressiona?

P - Um homem com um chicote.

T - Sinta o que você sentiu ao ser chicoteado. Que emoção mais surge, ao ser chicoteado, pressionado?

P - Medo.

T - Dê palavras aos seus pensamentos. Você está revoltado, está pressionado e o que você está decidindo fazer agora, no momento em que você percebe que as forças estão indo embora?

P - Uma sensação de fraqueza. A sensação de que nada... não ia conseguir sobreviver. Tudo tinha acabado.

T - E já que tudo está acabado e já que não tem mais jeito, o que você quer fazer nesse momento? No momento em que você percebe que a vida está indo embora?

P – Desistir.

T - Busque forças em você. Onde está sua força? Se você pudesse ter forças para resistir, o que você gostaria de fazer com aquele homem que te chicoteia?

P - (Pausa). Gostaria de me soltar dali. Ir embora. Estou sentindo que não tenho mais forças. Estou morrendo.

T - O que você faria se tivesse a sua vida de volta? Se você pudesse sair desse navio e fazer tudo de novo? Saiba o que levou você a esse navio. Você se vê numa situação anterior ao navio?

P - Trabalhava no cais do porto..., aí, briguei com um soldado e ele acabou morrendo. Eu o matei.

T - E o que você sente no momento em que você mata o soldado? Vá a esse momento.

P - Sensação de culpa. Mas... não foi proposital.

T - Esse é o motivo por que você foi preso?

P - É.

T - Vá para o momento da morte. O que você vê?

P - Uma pessoa acabada. Um corpo acabado. Eu morri dentro do navio, fraco, sem forças.

T - Um corpo acabado. E qual a conclusão que você tira, agora, sobre essa vida? Qual o seu aprendizado, qual a sua lição?

P - Eu achei que foi uma injustiça o que fizeram comigo.

T - Foi uma injustiça? Mas você matou o homem.

P - Sem, querer. Fui preso e colocado no fundo do navio como escravo.

T – Esta bom. Imagine agora que você está saindo do seu corpo aqui, no consultório. As luzes estão apagadas. Está bastante escuro, e você, olhando do alto, percebe apenas a silhueta do seu corpo na mesma posição em que você está deitado aí agora. Você percebe também, uma pequena luz saindo do seu corpo. O corpo escuro, mas em volta uma pequena luz. De que cor é essa luz? (Técnica de Exploração da Aura).

P - Branca.

T - Você pode ver, agora, o que restou dessa vida no seu corpo atual. Deixe o inconsciente lhe mostrar o que sobrou dessa vida de remador no seu corpo atual. Olha nas pernas, abdome, tórax, cabeça...

P - (Pausa longa).

T - Chegue mais perto...

P - A sensação de impotência.

T - E onde está essa impotência no seu corpo? Olha do alto... e veja.

P - No estômago.

T - Se você pudesse ver o que está aí nesse lugar, causando essa sensação, o que você veria?

P - (Tosse). Como se afundasse. Como se fosse um buraco.

T - Olhando dentro desse buraco, o que você vê? Está escuro lá dentro?

P - Tá.

T - Então veja sair, da ponta de seus dedos da mão esquerda, uma luz. Uma luz branca, ou se você preferir, de outra cor. Chegue próximo desse buraco e ilumine lá dentro. Iluminando. O que você vê?

P - É como se você iluminasse um, um lugar que é muito grande e a luz não chegue ao fim.

T - Aumente a potência da sua luz. Faça-a ficar com um foco mais largo e mais potente. Você descendo lá do alto, chegando à beira desse buraco, iluminando em baixo, o que você vê?

P - Comecei a ver imagens aleatórias da minha vida atual. A imagem de eu apanhando de outras crianças.

T - Você apanhando de outras crianças. E em que lugar está acontecendo isso?

P - (Cliente começa a chorar). Na escola com sete anos.

T - 7. Essa criança apanhando na escola, você está vendo aí dentro do buraco?

P - Tô. (Cliente chora bastante). Tô apanhando.

T - Essa sensação tem a ver com a impotência do homem do navio? É a mesma? Tanto aqui, quanto lá, você não tem o que fazer? Como se defender?

P - Não...

T - Mas você não se entregou. Você se entregou nessa briga com os amigos, os colegas? Deixou-se apanhar?

P - Não.

Aqui foi encontrada uma das situações de impotência na infância em que a memória dessa vida passada, também de impotência, foi reestimulada. A diferença é que, desta vez, ele se expôs a uma situação em que estava apanhando, mas reagiu e não se entregou. É assim que age o Carma, fazendo-nos passar por situações semelhantes para aprendermos a lidar com nossos problemas não-resolvidos.

T - Você bateu em alguém também?

P - (Chorando muito).Tentei. Mas eles eram muitos.

T - Você sentiu o que mais? Sentiu raiva?

P - Medo. (chora com dificuldade para responder entre o choro). Eu sabia que eu é que iria ser punido.

T - (Parece que não consegue se controlar e parar de chorar - como uma criança que não entende direito).Você sabia que é você que seria punido? E você tem alguma culpa nessa punição?

P - Não.

T - (Pausa). Você vai até o final dessa briga. E como fica você depois da briga?

P - Machucado no rosto. Eu fui o único a ser levado para a diretoria porque um dos meninos que estava junto e que eu bati era filho da diretora.

T - Mas você não se entregou, você lutou. Você fez o que podia fazer. Você tinha que se defender. Onde você foi buscar a força para se defender? Onde estava essa força?

P - No medo de ser expulso da escola e depois em casa todo mundo iria me acusar. Tenho medo de minha mãe e meu pai. Eles sempre falam que eu sou culpado de tudo.

T - Isso. Mas você passou por tudo aquilo com coragem, com medo mas, enfrentando. Se esse medo tivesse palavras, ele falaria. Medo do quê? Tenho medo de...

P - De todo mundo achar que eu não faço nada certo.

T - E o que você decidiu nesse momento em que você apanhou, e estava com medo de as pessoas acharem que você não faz nada certo? Você decidiu alguma coisa?

P - Não.

T - Volte lá, você de hoje, um adulto já, com toda a experiência de vida que você já tem hoje, depois desses anos todos, e leve, para aquela criança de sete anos, alguma coisa que você tem hoje, que seria útil para ela entender e se decidir naquele momento. O que você pode levar para ela? Volte lá e veja a criança apanhando. Você de hoje indo lá. O que você faria para ajudar aquela criança?

P - Tiraria ela de lá.

T - E o que você faria para melhorar o medo dela. Para diminuir o medo dela?

P - Não sei. Tentaria explicar.

T - Então, explique a essa criança que ela ficou parada naquela idade dentro de você. Quando ela apanhou, se traumatizou, ela parou de crescer e ficou com você. Agradeça a ela por ter sofrido por você até hoje. Tente explicar a ela que ela não precisa mais ficar sofrendo por você. Que hoje você já tem idade e entende aquele trauma. Você pode fazer isso? Segurar essa criança no colo?

P - Já fiz isso (cliente se acalma).

T - Já fez? Então, dê bastante segurança a ela e diga que, a partir de hoje, ela não ficará mais sozinha. Ficará com você. E ela poderá aprender tudo que você aprendeu, desde esse episódio da escola. Venha voltando rapidamente, enquanto ela cresce e mostre todos os seus aprendizados, tudo que você aprendeu na vida. Ensinando e mostrando à ela as outras oportunidades em que você teve coragem, em que você não teve medo, durante seu crescimento. Venha trazendo pela mão essa criança, aprendendo tudo que você aprendeu, conhecendo as pessoas que você conhece, até chegar ao momento atual (enquanto falo, o cliente vai se acalmando e parando de chorar). Você pode estar vendo os olhos de espanto dessa criança, a curiosidade em aprender, e a satisfação de ter companhia, a sua companhia. E ela vai crescendo com você, até ter a sua idade atual.

P - (Pausa).

T - Quando você chegar aqui, você diz sim.

P - Sim.

T - Passe novamente pela briga e vê o que acontece com a criança, como ela está agora.

P - Com medo.

T - Relembre várias vezes, até o medo não ter mais importância. Passe e atravesse completamente esse medo. (Cliente parece se acalmar mais um pouco, enquanto espero).

Volte a atenção novamente para o seu corpo, naquela posição do alto. Veja se dentro desse buraco, aí na região do estômago, existe mais alguma coisa. O medo ainda está aí?

P - Não. Está um vazio.

Nesse ponto da sessão, continuei trabalhando as energias da aura para limpar qualquer coisa que houvesse sobrado daquela vida no navio e da lembrança da briga na escola. Preencheu o vazio do buraco com luz branca prateada e líquida e terminou a sessão sentindo-se tranqüilo e sem medo.

COMENTÁRIOS

Na entrevista inicial, o cliente que estava desempregado conseguiu um trabalho temporário em uma loja de departamentos, para exercer a função de vendedor na seção de calçados. Quando começou a trabalhar, ficou sabendo que, além disso, teria que arrumar as prateleiras de sapatos todas as vezes que algum cliente da loja as desarrumasse.

Disse que se sentia pressionado, humilhado e com sensações de desmaio, mal-estar geral, irritado e nervoso. Tinha vontade o tempo todo de responder aos seus chefes e protestar contra o que achava ser humilhante. Traduziu isto como “medo de ser criticado” (E) e sentia aperto na garganta, no peito e no estômago (S).

Relatou que, após a última sessão, tudo estava indo bem, com o desaparecimento das cargas somáticas e emocionais. Tudo voltou, quando uma nova situação apareceu: começou a trabalhar. Na verdade, este emprego parece que foi o teste para ver se ele ainda estava vivendo as mesmas autolimitações para confirmar seu postulado de que nada para ele dava certo. Parece que, para dar certo, as coisas devem ser do jeito dele.

Para mim, isto revelou a falha de caráter apontada nas sessões anteriores. Existia, dentro dele, uma personalidade arrogante e autoritária que não se conformava quando estava vivendo papéis subalternos. No emprego, ficou evidente seu problema de não conseguir relacionar-se bem com figuras de autoridade. A impotência que relatou tem muito a ver com a vontade de estar controlando tudo. Quando não consegue, julga-se humilhado, com raiva não conscientizada e que era entendida como medo.

Após o término desta terapia, seu relacionamento com aquelas figuras de autoridade melhorou muito e ele tem conseguido ser criticado sem ficar irritado e sem se sentir humilhado.

Para a indução, utilizei o que já estava presente que eram as cargas Emocionais e Somáticas (E+S), à maneira de TenDam.

Esta personalidade revelada nesta vida também é uma PS negativa que se manteve em seu corpo astral por ser uma vida que terminou sem resolver seus diversos problemas existenciais.

SEXTA SESSÃO - MORTE POR TORTURA

Na sexta sessão, optei por iniciar a indução pela ponte verbal de Netherton e depois a cadeia dos porquês de TenDam. Procurei também a confrontação com as vidas em que ele abusou de seu poder contra os mais fracos, buscando assim trabalhar as lições absorvidas naquelas vidas, para ter elementos no trabalho de redecisão.

Nesta sessão, ocorreu uma falha na gravação que foi percebida apenas no final. Resultado: a sessão não foi gravada por falha técnica. Passo, então, a fazer o relato da sessão.

Em sessões anteriores, chegamos à conclusão de que este cliente tem este postulado de caráter (ou argumento de vida): "Nada vai dar certo". Isto o leva a se

impor limites e a impedi-lo a galgar posições sociais que possam lhe oferecer as oportunidades de voltar a cometer atrocidades contra os mais fracos.

Nas sessões 01 a 05, isso ficou demonstrado:

1. Quando ele terminou por fazer correlações entre diversas vidas em que aparecia como perseguidor;

2. Quando na existência em que teve seus olhos furados por um ferro em brasa decidira fazer alguma coisa para não atingir uma idade em que pudesse adquirir as habilidades e o poder que lhe dariam as oportunidades para causar sofrimento aos outros (morrendo na infância) e não continuar se vendo como injusto.

Um outro postulado surgiu na mesma sessão: “**Tenho medo de ser responsável por outras pessoas**”. Este postulado já havia aparecido na quarta sessão, logo no início, quando estávamos aplicando a técnica da cadeia dos porquês.

Na sessão realizada hoje, procuramos trabalhar esse postulado e a questão das limitações auto impostas.

Começamos com a repetição da frase: “Tenho medo... etc.”; depois, passando para a cadeia dos porquês, até acharmos as cargas.

Reviveu uma existência em que estava preso a um tronco por correntes. Foi levado a essa situação por tentar defender uma criança negra de 4 anos de idade que havia cometido um pequeno roubo.

A vivência aconteceu nos E.U.A., no século passado. A KKK resolvera castigar a criança e, o cliente, saindo em sua defesa, foi obrigado a vê-la morrer queimada em uma fogueira. Expressou muita raiva, repugnância, impotência e vontade de matar seus opositores, passando por uma catarse física e emocional.

Em seguida, foi amarrado e arrastado por um cavalo. Depois foi preso pelos braços ao tronco e cavalos foram atrelados aos seus pés, sendo puxado até ter os braços e pernas arrancados, vindo a falecer. No momento dessa morte, surgiu o postulado de não querer mais ser responsável pelos outros.

Depois disso, foi levado ao local panorâmico, para relembrar-se de todas as vezes que foi injusto e perseguidor. Ainda com a sensação de ter sido injustiçado, com raiva de seus algozes e sentindo-se impotente, foi confrontado com as vezes em que esteve com o poder nas mãos e que não teve qualquer complacência por suas vítimas.

Foi por fim levado à última vida daquela série, que era a vida em que morreu apedrejado. Descobriu, que naquela vida, era um cobrador de dívidas e que quando os devedores não pagavam, eram sumariamente mortos. Fora cobrar uma dívida em uma pequena cidade e assassinou um casal e uma velha, usando uma espada. Sabia que estava sendo injusto, mas não se importou com isso. Enquanto matava as pessoas, eu o fiz comparar à situação em que morreu tentando defender a criança negra e a situação de suas vítimas.

Foi descoberto pela população local e, então, morto a pedradas. Foi no momento dessa morte que ele prometeu nunca mais ser um perseguidor e que, para isso, **não queria mais ter o poder nas mãos**.

Eu e o cliente concluímos que essa decisão fez com que ele passasse por diversas vidas de vítima, até chegar àquela em que tentou defender a criança negra. Após essa vida, ele teve a do menino do barranco em que furou os olhos.

Conseguiu chegar à conclusão de que aqueles postulados tiveram sua razão apenas naqueles momentos e que não são mais verdadeiros na sua vida atual. Disse que entendeu seu medo e tomou duas redecisões:

1. Eu posso me responsabilizar pelos outros.
2. Eu posso ter poder porque não preciso mais abusar dele.

Será que a vida atual é a que vai libertá-lo dessa dualidade? (Vítima e algoz).

Apareceu aqui, uma vida que pode ter contribuído muito para o fortalecimento de seu Corpo Causal porque ela foi muito rica de altos sentimentos de amor desinteressado pela humanidade ao expor sua vida tentando defender uma criança.

SÉTIMA SESSÃO - O ALPINISTA

Na sétima sessão, o cliente trouxe a queixa de que estava se sentindo muito inseguro e com medo das provas de final de ano na faculdade. Sentia muito medo de não conseguir notas para aprovação para o segundo ano, queixa nitidamente relacionada com o contrato de terapia: "Nada vai dar certo".

Optei pelo uso da indução pelas cargas E+S (Emoção + Somatização) segundo a abordagem de Tendam, para chegar à vida de um alpinista que morreu pendurado em uma corda em uma montanha gelada, durante uma tempestade de neve. Foi bem utilizada a exploração de tudo o que aconteceu no intervalo entre a "Previsão e a Constatação" (Netherton, 1978), com o levantamento completo de todos os pensamentos, sentimentos e ações. A sessão toda que demorou mais de uma hora, referiu-se a um período de tempo que deve ter durado poucos segundos, mas, ficou demonstrado que é possível reconstruir-se todas as lembranças deste intervalo entre a previsão e a constatação da morte ou de um momento traumático qualquer.

Em conversa depois da sessão, o cliente disse que quando fazia sua promessa à Deus de que nunca mais subiria numa montanha não tinha sido sincero, porque já havia feito essa promessa muitas outras vezes naquela vida e não cumpriu.

Surgiu um medo do desconhecido no final da sessão que não foi trabalhado, mas podemos concluir que este medo poderia se referir ao medo da morte e do que poderia haver depois dela.

Esta foi a última sessão de regressão dessa série. Relacionou esta vida com a sensação de que alguma coisa muito perigosa estava para acontecer. Era o medo do desconhecido que apareceu quando estava se preparando para as provas.

A indução foi feita a partir de uma sensação de frio e um peso na barriga. A emoção associada era medo e o pensamento era: "Tenho medo de fracassar". A primeira impressão que teve foi de estar no sopé de uma montanha que pretendia escalar sozinho.

Vamos mostrar abaixo a transcrição do intervalo entre a previsão da morte e sua constatação.

T - Você é alpinista. Você está vestido como alpinista e começando a subir sozinho uma montanha. E que mais acontece? Vá ao momento do maior medo, em que você percebe que não vai conseguir alguma coisa.

P - Me vejo pendurado nessa montanha, tempestade.

T - Uma tempestade. E você sente frio e peso na barriga?

P - Sim. O peso... são as... a corda, ... a... muito apertada.

T - Você está pendurado nesse lugar, e você está sozinho.

P - Tenho medo que a corda não agüente. Tem muita neve e acho que a tempestade não vai passar. Ainda é dia, princípio de noite.

T - Princípio da noite. E você fica aí, vai se cansando. Consegue puxar? Sair daí?

P - Não tem mais onde se apoiar. Estou pendurado, parado numa altura muito grande.

T - Você olha para baixo e vê o quê?

P - Altura.

T - Altura. Muito alto. É montanha de neve. E o que você faz agora, pendurado aí nesse lugar. Qual a sua decisão nesse momento?

P - Tenho que esperar. Não tenho alternativa.

T - E você espera. Vá ao momento em que você chegou ao final da sua espera.

P - A corda está se soltando. Eu vou morrer (Previsão). Quero sair daqui.

T - E você não sai. Dê palavras ao seu desespero. O que você quer fazer? O que você gostaria de fazer?

P - Descer.

T - E o que mais acontece?

P - Eu me vejo caindo.

T - Você se vê caindo. Nesse momento, o que você pensa? O que você está pensando no momento em que a corda se solta?

P - No que vai acontecer.

T - E o que vai acontecer?

P - É... de repente fica tudo preto.

T - De repente fica tudo preto. E o que você, voltando ao momento anterior da corda... pouco antes. Quando você percebe que a corda vai se romper. Dê palavras ao seu desespero. Essa corda vai romper. Você está vendo a altura.

P - Eu tento balançar para me apoiar em uma pedra, mas não consigo.

T - E essa corda não está fixa em nenhum outro lugar?

P - Está num tipo de platô.

T - Platô. E você cai. Mas, antes de cair, fique naquele momento. Aquele momento da corda quase rompendo. O que ocorre em você? O medo na barriga, o frio. Sinta esse frio

P - Me sinto fraco.

T - Sente essa fraqueza. Muitas horas aí. Aguardando nessa tempestade.

P - Está fazendo quatro dias que estou pendurado aqui, mas eu achava que ia conseguir me salvar até ver esta corda arrebentando. Alimentei-me muito pouco e estou fraco, cansado e com fome.

T - Nesse momento que você vê que a corda vai romper, que você não tem saída. não dá para subir, não dá para pegar a pedra do lado, o que você pensa? O que você sabe agora, desse momento.

P - Só consigo pensar: que besteira fazer isso, subir aqui!

T - E se arrepende de ter subido?

P - Me arrependo.

T - Se arrepende. Muito arrependimento. E você, se pudesse, o que você teria feito ali, agora? Que promessa você estaria fazendo para você mesmo, se saísse dessa situação?

P - Não me arriscar tanto.

T - Não se arriscar mais? E você fez essa promessa. E você rezou?

P - Rezei para Deus. Prometi que se ele me tirasse dali, nunca mais subiria.

T - Se ele te tirasse dali. Mas Ele não ouviu! Ele não ouviu a sua prece. O que você sente no momento que você percebe a corda solta? A corda soltou. A sua promessa a Deus. O que você faz da sua promessa a Deus agora?

P - Eu só sinto a sensação física, quando a corda arrebenta, como uma facada na boca do estômago e o resto foi muito rápido.

T - E você está caindo, então. No momento que você está no ar, congele o momento que você caiu, soltou a corda e você está no ar. O que está acontecendo em sua cabeça agora? Você ainda não perdeu a consciência. Você sabe que vai perder a consciência. O que você acha que vai acontecer com você agora?

P - Hum, começo a me debater no ar O desespero. É muito alto.

T - É muito longa essa queda?

P - Não. Ela ... a acredito eu, que eu tenha batido em alguma parede de pedra porque a distância foi muito pouca, que ficou preto.

T - Num instante ficou tudo preto? E você sabe o que aconteceu com você? Que acontece depois? Depois do preto? Atravessa o preto.

P - Eu vejo meu corpo (Constatação) parado numa das pedras, antes de chegar até o fundo.

T - E a distancia é perto de onde você estava?

P - Não. É longe quase no fundo.

T - Quase no fundo. E você agora, o que você pensa de sua vida, de sua atitude, de ter subido essa montanha?

P - Que, tudo bem, que era o que gostava de fazer, não tinha culpa por ter subido.

T - E da sua promessa de nunca mais subir lá. Você mantém essa promessa? Essa decisão depois da queda? Depois de se ver fora do corpo?

P - Não sei.

T - Volte-se para dentro de você e pergunte à sua parte que tudo sabe sobre você. Você decidiu naquela hora manter a sua promessa de não subir nunca mais em uma montanha?

P - Decidi.

T - E se arriscar. Quanto a se arriscar?

P - Não também. Eu decidi não me arriscar mais

T - Nunca mais você vai se arriscar? Em qualquer coisa?

P - Não. Em coisas que envolvam risco de vida.

T - Agora, você pode analisar melhor tudo que aconteceu. Você está vendo seu corpo lá embaixo. Você decidiu nunca mais se arriscar em coisas perigosas. Suba, suba mais. Você olhando mais do alto. Suba mais ainda, mais... Até você ter uma visão panorâmica dessa vida que acabou. Entenda os seus motivos de ter procurado esse tipo de atividade. Veja se você passou por outros riscos nessa

vida. Como foi essa vida. E agora você daí, dessa posição do alto, você pode fazer uma comparação, entre essa experiência, essa morte e o que você está sentindo na sua vida de hoje. Existe alguma relação?

P - Existe.

T - E qual é a relação?

P - Do que pode acontecer, vamos dizer, o desconhecido. Medo do que pode acontecer de você não saber o futuro. Eu acho que eu lá pendurado estava sentindo isso.

T - Você não sabia se a corda ia ou não ia agüentar?

P - Se eu ia sair de lá ou não ou se ia chegar alguém para ajudar. Mas eu sabia que não viria ninguém.

T - Não tinha esperança alguma para você. E essa sensação de falta de esperança que você teve ali, de saber que não poderia ser ajudado, existe alguma coisa assim em você ainda hoje?

P - O que existe é uma sensação de que, não é que eu não vou receber ajuda mas que eu vou ter que fazer tudo sozinho. Eu vou ter que resolver tudo.

T - Isso. Quando você pensa isso agora, você sente alguma coisa em seu corpo?

P - Sinto aqui no estômago uma, uma descarga de adrenalina.

T - É a mesma sensação que você sentia hoje?

P - É. Como se tomasse um susto, todas essas sensações. Constantemente tomando sustos. Como se a corda estivesse para arrebentar a qualquer momento.

T - Tá. E agora que você viu a origem dessa sensação de que a qualquer momento essa corda pode romper e você perder a sua vida, você pode saber que aquilo lá já foi e que naquele momento era real. Realmente, isso podia acontecer. Você pode também tomar outra decisão agora. Em relação à sua vida de hoje. Que decisão você pode tomar agora, em relação à sua vida de hoje?

P - É, quero me entregar mais às coisas sem medo. Ter mais confiança de me arriscar.

T - Hoje você está pendurado em alguma corda que pode romper a qualquer momento?

P - Não. Ainda não (Ri), por enquanto não.

T - Se você quiser, as coisas podem dar certo.

P - Sim.

T - Com relação ao que você acabou de ver, o que mais precisa ser visto?

P - Nada. Acho que, o que eu sinto, a primeira coisa que me vem quando eu pensei, é que eu tento assim ter mais força de vontade através da cabeça.

T - Agora, você está bem?

P - Sim.

T - Permaneça com essa sensação boa e, se você quiser, no momento que você sentir que pode, e quando o seu corpo estiver todo bem, volte para cá.

COMENTÁRIOS.

O levantamento de todos os fatos ocorridos entre o intervalo da "Previsão", quando a pessoa conclui que vai morrer e a "Constatação", quando percebe que morreu, foi proposto por Morris Netherton (1978). Consegui demonstrar muito bem o que aconteceu no intervalo entre a previsão e a constatação nesta sessão em que o tempo real entre o cliente perceber que a corda arrebentou (previsão) e a

morte (constatação) foi de segundos, mas o tempo subjetivo foi muito maior e pôde-se recuperar todos os pensamentos, conclusões, promessas à Deus, decisões, plano de vida e redecisões. Procurei a eficiência nesta sessão, indo diretamente para o momento traumático, explorando-o completamente sem me ligar a qualquer detalhe da história.

Após a sessão, ele me confessou que quando fazia sua promessa a Deus de que nunca mais subiria em uma montanha, ele não tinha sido sincero porque já havia feito esta promessa naquela vida muitas vezes antes e, depois do perigo passar, voltava a subir em outra montanha. Disse, também, que tem o hábito de fazer este tipo de promessa a Deus também na vida atual, quando está em alguma "enrascada" (sic).

Apesar de tudo, esta vida teve muitos aspectos positivos e pode ser considerada também como importante para o fortalecimento do Corpo Causal. Ele pôde resgatar uma parte em que tinha muita coragem e elaborar conclusões de que pode se arriscar nesta vida porque não está pendurado em nenhuma corda que pode se romper a qualquer momento.

Parece que a limpeza que foi feita nos corpos astral e mental inferior do cliente nas sessões em que apareceram muitas PSs negativas, estão permitindo que ele possa acessar vidas em que teve boa resolução e que o colocam em contato com qualidades já desenvolvidas e que são muito úteis para ele agora. O seu Corpo Físico, tornando-se mais livre da influência das diversas Personalidades Subconscientes que tiveram negócios inacabados, passou a vibrar em um comprimento de onda mais elevado, possibilitando que recebesse as emanções do Corpo Causal porque não existem mais tantas PS negativas no caminho (corpo mental inferior e corpo astral). Esta vida contribuiu muito para o fortalecimento do Corpo Causal; pois, excluindo o trauma, teve uma boa resolução ao demonstrar um personagem com muitas qualidades (determinação, coragem, perseverança etc.).

OITAVA SESSÃO - FECHAMENTO DA TERAPIA

A oitava sessão foi a do fechamento desta série de sessões. O cliente dizia que sua queixa estava resolvida. Foi feita uma entrevista para avaliação da terapia e para recolher ao inconsciente todos os resíduos que não foram trabalhados nestas sessões, para que fossem guardados em algum lugar seguro e serem trabalhados em outra ocasião, com o terapeuta que escolher e se sentir seguro.

Ao final dessas oito sessões, o cliente estava pronto para iniciar um salto na sua evolução espiritual. Ele encontrava-se ainda preso em um círculo vicioso, procurando vidas em que agiu como vítima ou como algoz. Esta situação, porém, como veremos no decorrer da discussão final, era transitória e iria mudar.

TRANSCRIÇÃO DA SESSÃO

T – Hoje nós estamos fazendo o fechamento de nossa terapia. Então, eu queria recordar, com você, que nós fizemos no início um contrato geral de terapia. Esse nosso contrato você lembra qual era?

P – É angústia quando fico sozinho e nada vai dar certo, né?

T - Isso. Então, eu tinha colocado aqui, como um resumo dessa queixa, a sensação de que nada vai dar certo, que apareceria em várias ocasiões. Quanto à essa queixa geral que você teve no início da terapia, como é hoje para você? Essa sensação como está?

P – Ah bom, é... Acho que eu estou mais animado. Mais confiante de que as coisas vão dar certo, que eu posso fazer as coisas, acreditando mais em mim. Quanto à angústia também. Acho que eu estou vivendo um momento que eu estou em paz, assim, com tudo né? Então acho que, que isso aí resolveu.

T – Resolveu? Você acha que resolveu totalmente ou ainda tem alguma coisa a ser resolvida?

P – Não acho que... Eu estou bem agora. Acho que agora tenho que colocar em prática né, mas, é... Passar por alguns momentos assim que possam me testar, não sei.

T – E, antes, precisava existir momentos de teste ou era muito constante isso? Como é que era?

P – Era constante. Mesmo sem ter acontecido nada. A angústia era permanente. Não perseverava em nada porque achava que nada ia dar certo mesmo, não adiantava fazer as coisas.

T – Tá certo. Bom. Nós tivemos na época, também, o levantamento das cargas. A carga somática que é tudo o que você sente no corpo, as cargas emocionais, que são as emoções que aparecem, a mental que era um pensamento que você tinha naquela primeira sessão e a imaginativa. Tá? Então, a carga somática era um aperto na garganta, era uma taquicardia e uma dor ou aperto aqui na região do plexo. Tá lembrado disso?

P – Tô.

T – Como estão estes três sintomas? Você ainda sente isso?

P – Não. Mas a taquicardia eu acho que é físico né? Não é problema emocional daí. É... excesso de cigarro, café, que eu andei tendo né? Mas é a taquicardia só, mas não por estar tendo aperto no peito, nada. A taquicardia tem dado quando eu faço esforço. Não tenho tido mais essa angústia, esse desconforto. Não tenho mais nada.

T – Então, tá. A segunda carga que a gente levantou foi a emocional. Quando você estava sozinho, sentia angústia, sensação de que nada ia dar certo, aperto na garganta, taquicardia, aperto no plexo e também sentia tristeza e medo. Você lembra dessas cargas, dessas duas cargas emocionais? Como é que está isso hoje?

P – Está tudo bem.

T – A tristeza e o medo...

P – Tá tudo bem.

T – Tudo bem quer dizer o que para você?

P – É... não sinto mais aquela, aquela tristeza quando estou sozinho, quando...

T – Nunca?

P – Não tenho mais. Não tenho... Não sinto mais isso. E também o medo... sei lá... Nada mesmo.

T – Era um medo específico mesmo de que nada ia dar certo né?

P – Era.

T – E tinha a carga mental que é a tal frase: acho que nada vai dar certo.

Essa carga, esse pensamento ainda vem para você?

P – Não. O pensamento foi substituído assim: eu vou tentar e acho que vai dar certo. Eu penso assim: vou tentar porque acho que vou conseguir.

T – E quando você fala: vou tentar porque acho que vou conseguir, mesmo assim não vem uma dúvida? Eu acho que talvez não dê certo ou coisa assim?

P – Não. Acho que vem assim: vai ser difícil, mas dá para conseguir.

T – Tá. Tá legal. E tinha a carga imaginativa que foi levantada na primeira sessão que, fazia parte da regressão propriamente dita que era: imagino-me sozinho em minha casa desta vida quando eu tinha três anos. Mesmo assim, eu quero lhe perguntar, agora, se alguma vez você se sente ainda sozinho naquela sua casa onde você morava aos três anos de idade.

P – Não.

T – Vem isso à sua lembrança?

P – Não, não.

T – Hum, você teria alguma observação a fazer acerca dessas oito sessões?

P – É, eu acho a princípio assim: sendo bem sincero, veio aquele pensamento eu acho que não vai dar certo, mas agora assim parando para pensar é que eu percebi que eu não tenho mais essas sensações, né? Eu nem lembrava mais das queixas aí, de dor no peito, esses negócios, sumiu de repente.

T – Você não sabe direito qual foi a sessão que isso aí...

P – É não sei porque agora que eu caí na real que sumiu.

T – Certo. Então, vamos encerrar esse ciclo de terapia. Nós podemos considerar esse contrato como encerrado? Você acha, se você for mexer em alguma outra coisa, seria uma outra queixa?

P – É, seria uma outra queixa.

T – Essa mesmo não, né?

P – É, seria outra queixa. Isso aí resolveu.

T – Então, tá bom! Eu gostaria de pedir para você fechar os olhos e ficar numa posição confortável, e eu agora estou falando diretamente com seu inconsciente. Agradeço a ele todas as informações e a confiança que ele depositou em mim, no meu trabalho e também em você, que também teve confiança e acreditou naquele material que veio do seu inconsciente.

Eu peço agora também ao seu inconsciente que, qualquer coisa que ainda não foi resolvida em relação a esse problema levantado e qualquer resíduo que ainda haja desse assunto, seja recolhido e guardado em algum lugar seguro dentro de você e que não volte a lhe perturbar. Se houver ainda alguma coisa a trabalhar sobre este tema, em uma próxima vez, quando você estiver bem, seguro, comigo ou com outro terapeuta, você poderá então pedir novamente que seu inconsciente volte a lhe mostrar quais os assuntos e qual o caminho que deve ser feito para você. Peço, então, novamente, que todos os resíduos deixados para trás nessa terapia que termina hoje sejam recolhidos a um lugar seguro e que não vão te incomodar mais.

Considero terminada essa terapia e agradeço ao seu inconsciente, e a você pela confiança por tudo que você fez, e pelo trabalho que realizou.

PARTE VI - DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Partindo-se do Contrato de Terapia que foi “Angústia e sensação de que nada vai dar certo quando estou sozinho”, o cliente foi submetido a sete sessões de regressão e uma de avaliação visando observar a alteração das cargas exibidas na primeira sessão.

Acredito ter conseguido demonstrar, neste cliente, as três proposições citadas na introdução. Hoje ele está mais equilibrado e vivendo muito tranquilo com sua esposa e sua filha. Continuei vendo-o fora do consultório em ocasiões sociais e todos os que o cercam admiram-se da sua postura totalmente diferente. Apesar de na última sessão ele dar a impressão de que ainda faltava muito para sair do ciclo vicioso entre vítima e algoz, passados alguns meses, ele completou sua mudança. Isto parece demonstrar que os resultados finais de uma terapia não podem ser vistos imediatamente depois do seu término. O cliente precisa de um tempo para poder digerir a imensa carga de informações liberadas pelo inconsciente em um espaço relativamente curto de tempo.

Nunca mais ele sentiu as dores de estômago e os sintomas de aperto no peito e na garganta que sempre o incomodaram.

Com relação aos aspectos negativos de seu caráter, derivado daquelas muitas vidas em que abusou de seu autoritarismo, em todas as conversas que tivemos e em que, de propósito, introduzi assuntos que envolviam ética, ele mostrou-se seguro dentro de uma postura que mostrava ter havido uma mudança radical. Desenvolveu um respeito pela vida e por seus semelhantes. Transformou-se em uma pessoa calma e segura.

Creio que este caso clínico pôde demonstrar as proposições que fiz no início deste livro que foram:

1º Qualquer que seja a queixa, a Terapia Regressiva irá ao problema existencial mais importante do cliente. Ficou demonstrado neste caso em particular que, a partir de sua queixa aparentemente banal e isolada, pôde-se atingir as muitas facetas de seu Ser Total e, em um número pequeno de sessões, chegar a seus problemas existenciais mais complexos. Este fato tem sido observado por mim em diversos outros clientes que vêm com queixas vagas ou até sem qualquer definição do tipo: “sinto-me mal e não sei porque” e chega-se sempre, na continuidade do trabalho, aos seus verdadeiros problemas, aqueles que estão travando sua vida e seu desenvolvimento espiritual. Muitas vezes, o cliente tem medo de propor um contrato que inclua seu problema mais real e, então, apresenta uma queixa que ele acha que pode suportar mais facilmente.

No meu entender, a Terapia Regressiva consegue atingir o inconsciente das pessoas com muito mais profundidade que qualquer outra abordagem, tornando a queixa inicial pouco importante, desde que o terapeuta consiga estabelecer um bom "raport" e que tenha potência terapêutica para conduzir as sessões de um modo que o cliente não tenha outra saída, senão mostrar-se completamente.

2º Fazer uma correlação entre os achados da Terapia Regressiva e o conceito oriental dos sete corpos do homem. Pudemos demonstrar, no decorrer das sessões, que é possível relacionarmos os achados da Terapia Regressiva com o conceito dos corpos do homem, descrito pelos sábios orientais. Na quarta sessão, que considero o ponto chave da terapia, pudemos perceber que sua lucidez e segurança, ao relatar seu contato com as diversas vidas de algozes e o

nível de entendimento das situações, só seria possível se a parte dele, que sabe tudo sobre todas suas vidas, o Corpo Causal, tivesse sido contatado. Era como se aquela parte estivesse por trás coordenando a sessão, sem dúvida com muito mais sabedoria que ele mesmo nos seus estados de consciência do dia-a-dia.

As Personalidades Subconscientes negativas foram representadas pelas diversas vidas de algozes que apareceram na quarta sessão e em outras, naquela alegoria relatada por ele das diversas janelas na visão panorâmica em que via cada vida e que sabia tudo sobre cada uma, e também as outras vidas mal resolvidas que surgiram nas outras sessões. Todas elas puderam ser integradas na sua personalidade atual e, depois de transmutados seus lados negativos, tornaram-se facetas importantes de sua personalidade como recursos úteis na sua vida atual. Ele já pode saber, por exemplo, que dentro dele existe um líder, representado pelo comandante Dório que foi o maior algoz de que se lembrou. Ele permaneceu também com a coragem e determinação do alpinista da sétima sessão, o espírito de sacrifício daquele "menino do barranco" da primeira e da segunda sessões, quando decidiu que teria seus olhos furados por não agüentar mais ver as maldades que tinha feito a tantos inocentes e também a compaixão daquele advogado na sexta sessão que foi defender o menino negro e perdeu sua vida.

Não é por acaso que na vida atual decidiu novamente ser advogado. Com esta profissão e com todas as qualidades filtradas de suas vidas passadas, ele poderá se dedicar muito melhor a defender os fracos e oprimidos, se assim quiser.

3º Os conceitos de "Argumento e Mini Argumento" da Análise Transacional, no que diz respeito aos limites auto-impostos que as pessoas colocam em suas vidas atuais, relacionando-os com a Terapia Regressiva (Godoy, 1988): As origens de seu Argumento de Vida (Postulado) puderam ser demonstrado em muitas oportunidades quando ficou claro o quanto ele abusou do poder em muitas existências. Somente depois de se conscientizar de todas aquelas personalidades autoritárias, arrogantes e perigosas, foi que ele pôde se liberar e seguir em frente na sua vida, podendo se esforçar sem medo nos seus estudos e sem se impor limites para atingir mais tarde o controle sobre seu destino para se realizar nas áreas profissional, social e familiar.

É interessante também o fato de ele pretender se tornar juiz, pois, nesta atividade, terá oportunidade de ser justo com os menos favorecidos. Aquele traço de seu caráter, que apareceu nas diversas sessões, pôde ser trabalhado e hoje não existe mais. Ele desenvolveu um senso ético que pode ser sentido nas suas declarações acerca de vários assuntos do dia-a-dia, negando-se a participar de opiniões dos que querem "levar vantagem em tudo". Além do mais, a sensação de impotência, que tinha muito a ver com seu argumento e que o levava a se impor limites, hoje não existe mais. Consegue se relacionar muito bem com as figuras de autoridade a que está sempre exposto na vida.

A ocorrência de outras vidas em que foi advogado pode mostrar sua preocupação já antiga com a defesa da justiça. Pode, também, explicar a força da palavra "injusto" que foi a que disparou a conscientização das diversas vidas de algozes na quarta sessão.

Todas as vidas acessadas puderam ser integradas na sua personalidade atual e, depois de transmutados seus lados negativos, tornaram-se facetas

importantes de sua personalidade como recursos úteis. Ele permaneceu com as boas qualidades do alpinista da sétima sessão, daquele "menino do barranco" da primeira e da segunda sessões e também a compaixão daquele advogado na sexta sessão que foi defender o menino negro e perdeu sua vida.

O conceito de "Contenção Existencial" (Godoy, 1997) pôde ser demonstrado em muitas oportunidades quando ficou claro como ele abusou do poder em muitas existências e quando, após a longa série de vidas de algozes, cansou-se de ver o mal que fazia.

A "Contenção Existencial" é um conceito que está sendo desenvolvido por Godoy como mais uma repercussão cármica a ser acrescentada à lista de diagnósticos das Repercussões Cármicas de TenDam. Ela faz a ressalva de que ainda está estudando este conceito para poder apresentá-lo de uma forma mais completa à comunidade científica. Neste trabalho, porém, ele pôde ser demonstrado.

Todas estas personalidades passadas hoje são partes integradas na personalidade desse cliente e estão ajudando-o a ser a pessoa melhor em que se transformou. Hoje ele tem uma maior preocupação pelo próprio desenvolvimento espiritual e não põe em dúvida a veracidade de todas as vidas que conheceu.

A remissão dos sintomas deste caso coincide com os achados de Netherton e Tendam. Para Netherton (1995), quando se trabalha com traumas, pode-se observar a remissão total dos sintomas em até 3 sessões, e que mesmo que a sintomatologia persista, ocorre a diminuição de sua intensidade e frequência, proporcionando ao cliente uma melhor qualidade de vida. Este fato foi observado nas afirmações do cliente na sessão de avaliação da terapia.

Concordando com Tendam (1997), observou-se a ocorrência de Personalidades Subconscientes (PS). Quando existem PSs, segundo o autor, há necessidade de um trabalho específico, sendo particularmente indicada a técnica Estados de Ego, para a neutralização da atuação da PS em primeiro lugar para posteriormente ser trabalhado o Trauma. A técnica de Estados de Ego (EE) consiste em separar as diversas partes do inconsciente e entrar em contato com elas para integrá-las ou desligá-las e foi usada em diversas sessões desta série.

A Técnica dos Estados de Ego e a Exploração de Aura (TenDam, 1997) são técnicas Dissociativas, porque obrigam o cliente a imaginar-se fora de seu corpo e ver as situações de outros ângulos. Trabalhamos de uma forma dissociativa nas sessões em que apareceram as PS (2 e 4) com bons resultados. Pôde-se no final das sessões 1, 2, 3, 5 e 6 trabalhar os traumas, utilizando-se da Terapia Regressiva clássica mas houve a predominância de trabalhos com as PSs e a ocorrência de Postulados de Caráter, fatores estes que complicam o trabalho direto com os Traumas.

Netherton e Tendam ressaltam que a limitação da cura depende do estágio de evolução dos sintomas, e que, quando não se consegue a cura, pode-se conseguir a melhora da qualidade de vida do cliente. Neste caso em particular, obteve-se tanto a cura dos sintomas físicos quanto a melhora da qualidade de vida.

Na época em que foi realizada a entrevista fina, ele se encontrava em período de férias escolares e havia perdido seu emprego, sem estar se preocupando por ter que se expor a um patrão. Portanto, não estava sendo

testado em suas queixas. Mais tarde, pude observar, em outros contatos pessoais, que não é mais necessário trabalhar especificamente este aspecto.

Este cliente encontra-se naquele ponto de sua evolução, em que já teve contato com as diversas faces de sua realidade, e começa a perceber a unidade atrás da diversidade. Se continuar nesta senda, por certo poderá conquistar sua **VERDADEIRA LIBERDADE**.

CONCLUSÃO:

Pode-se concluir em relação à queixa do contrato de terapia: “Sensação de que nada vai dar certo e angústia quando estou sozinho” que com os métodos e técnicas que foram utilizadas de Netherton, Tendam e Roger Woolger, tivemos sucesso em oito sessões e sua queixa, portanto, pôde ser tratada com Terapia Regressiva. O cliente declarou estar satisfeito com os resultados de sua terapia.

No que concerne à queixa apresentada, especificamente, com referência às áreas: pessoal, familiar e conjugal, ocorreu conforme a literatura (Netherton, 1995 e Tendam, 1987) a resolução dos sintomas com melhora da qualidade de vida do cliente.

O estudo deste caso traz a tona a discussão de que a própria Terapia Regressiva nas modalidades das abordagens de Netherton, Tendam e Woolger, pode ser utilizada como Terapia de Limpeza e de Apoio para que seja possível um trabalho Psicoterápico com conteúdos mais profundos do Inconsciente. Este achado modifica a orientação de serem utilizadas como técnicas de apoio as técnicas da Psicologia Clássica. Pode-se observar pelos resultados obtidos, que “as próprias técnicas da Terapia Regressiva já estão fazendo o trabalho da Terapia de Apoio, e que a utilização delas facilita a aplicação de técnicas mais diretas e profundas do inconsciente” (Godoy, 1998).

O cliente refere que, se voltar à terapia, será para outra queixa, porque essa, ele considera resolvida, fato este que se evidenciou como real.

Neste caso em particular, pôde-se demonstrar a irrelevância da queixa para se atingir o problema existencial mais importante do cliente. Isto já tem sido observado por mim e por outros terapeutas de regressão.

Pretendo, no futuro, estudar e apresentar outros casos que venham a enriquecer as proposições estudadas neste livro, embora, para meu próprio entendimento, isto já tenha sido demonstrado nos diversos outros casos que tratei mas que não tiveram as sessões gravadas para documentação.

Espero que este trabalho tenha utilidade para terapeutas, servindo como exemplo de uma terapia completa, usando-se as técnicas da Terapia Regressiva e também para os leigos que poderão obter uma visão mais realista do que é a Terapia Regressiva.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Hermani Guimarães.** "*Espírito, Perispírito e Alma*". São Paulo: Pensamento, 1984.
- _____. "*Reencarnação no Brasil*". Matão, SP: Casa Editora "O Clarim", 1988.
- ASSAGIOLLI, Roberto.** "*Psicossíntese*". São Paulo: Cultrix, 1992.
- BANDER, Peter.** "*Os Espíritos Comunicam-se por Gravadores*". Sobradinho, DF: EDICEL, 1990.
- BERNE, Eric.** "*Análise Transacional em Psicoterapia*". São Paulo: Summus, 1985.
- _____. "*Os Jogos da Vida*". São Paulo: Nobel, 1977.
- BESANT, Annie.** "*O Homem e Seus Corpos*". São Paulo: Pensamento, 1985.
- BRENNAM, Barbara Ann.** "*Mãos de Luz*". São Paulo: Pensamento, 1992.
- BLAVATSKY, Helena Petrovna.** "*A Voz do Silêncio*". São Paulo: Pensamento, 1989.
- _____. "*Ísis sem Véu*". São Paulo: Pensamento, 1990.
- _____. "*A Doutrina Secreta*". São Paulo: Pensamento, 1994.
- CAPRA, Fritjof.** "*O Tao da Física*". São Paulo: Cultrix, 1988.
- _____. "*O Ponto de Mutação*". São Paulo: Cultrix, 1992.
- CASTANEDA, Carlos.** "*A Erva do Diabo*". Rio de Janeiro: Record, 1974.
- Centro de Difusão Científica e Tecnológica Hermínia Prado Godoy.** "*Apostilas do Curso de Terapia Regressiva*". São Paulo, 1997/98.
- DETHLEFSEN, Thorwald.** "*O Desafio do Destino*". São Paulo: Pensamento, 1975.
- _____. "*A Regressão a Vidas Passadas como Método de Cura - A Comprovação Experimental da Teoria da Reencarnação*". São Paulo: Pensamento, 1993.
- _____. "*A Doença como Caminho*". São Paulo: Cultrix 1997.
- DROUOT, Patrick.** "*Reencarnação e Imortalidade*". São Paulo: Record, 1994.
- _____. "*Nós Somos Todos Imortais*". Rio de Janeiro: Record, 1995.
- _____. "*Cura Espiritual e Imortalidade*". Rio de Janeiro: Record, 1996.
- _____. "*Memórias de um Viajante do Tempo*". Rio de Janeiro: Record, 1997.
- EVANS-WENTZ, W. Y.** "*O Livro Tibetano dos Mortos*". São Paulo: Pensamento, 1988.
- FIORE, Edith.** "*Você já Viveu Antes*". Rio de Janeiro: Record, 1978.
- _____. "*Possessão Espiritual*". São Paulo: Pensamento, 1997.
- GERBER, Richard.** "*Medicina Vibracional*". São Paulo: Cultrix, 1992.
- GODOY, Hermínia Prado.** "*Terapia de Apoio, in Pincherle: Terapia de Vida Passada: uma Abordagem Profunda do Inconsciente*". São Paulo: Summus, 1987.
- _____. "*Teoria do Núcleo Central e Núcleos Distrópicos*". São Paulo: Revista Inconsciente em Terapia, Editada pela Associação Brasileira de Terapias de Vivências Passadas, Vol.1, número 1, 1997.
- _____. "*O Modelo da Consciência Multidimensional*". São Paulo: Aulas do Curso de Terapia de Regressão no Centro de Difusão Científica e Tecnológica Hermínia Prado Godoy. São Paulo, 1998.

- GUIRDAM, Arthur.** "Os Cátaros e a Reencarnação". São Paulo: Pensamento, 1992.
- GRINDER, John e BANDLER, Richard.** "Atravessando – Passagens em Psicoterapia". São Paulo: Summus, 1984.
- _____. "A Estrutura da Magia". Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1977.
- GROFF, Christina e STANISLAV.** "A Tempestuosa Busca do Ser". São Paulo: Cultrix, 1994.
- GROFF, Stanislav.** "A Aventura da Auto Descoberta". São Paulo: Summus, 1997.
- _____. "Além do Cérebro". São Paulo McGraw-Hill, 1988.
- HALEY, Jay.** "Terapia Não-convencional". São Paulo: Summus, 1991.
- KÜBLER-ROSS, Elizabeth.** "Sobre a Morte e o Morrer". São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- _____. "A Morte: Um Amanhecer". São Paulo: Pensamento, 1996.
- LAVALOU, Yvon.** "Radiestesia - Manual de Utilização do Pêndulo". Rio de Janeiro: Record, 1989.
- LEADBEATER, C. W.** "O Homem Visível e Invisível". São Paulo: Pensamento, 1988.
- _____. "O Plano Astral". São Paulo: Pensamento, 1988.
- _____. "O Plano Mental (O Mundo Céu)". São Paulo: Pensamento, 1988.
- _____. "Os Chakras". São Paulo: Pensamento, 1988.
- LOCHER, Theo e HARSCH, Maggy.** "Transcomunicação", São Paulo: Pensamento, 1992.
- McCLAIN, Florence Wagner.** "Guia Prático de REGRESSÃO A VIDAS PASSADAS", São Paulo: Siciliano, 1989.
- MOODY, Raymond Jr.** "Vida Depois da Vida", Nórdica, Rio de Janeiro: 1979.
- _____. e **PERRY, Paul.** "Investigando Vidas Passadas". São Paulo, Cultrix, 1992.
- NETHERTON, Morris.** "Vida Passada: Uma Abordagem Psicoterápica". São Paulo: Summus, 1997.
- O'HANLON, William H, e MARTIN, M.** "Hipnose Centrada na Solução de Problemas". Campinas: Editorial Psy II, 1995.
- O'HANLON, William H.** "Raízes Profundas – Fundamentos da Terapia e da Hipnose de Milton Erickson". Campinas: Editorial Psy II, 1994.
- PINCHERLE, Lívio Túlio (organizador).** "Terapia de Vida Passada". São Paulo: Summus, 1990.
- POWELL, Arthur E.** "O Corpo Causal e o Ego". São Paulo: Pensamento, 1986.
- SCHÄFER, Hildegard.** "Ponte entre o Aqui e o Além". São Paulo: Pensamento, 1992.
- STEINER, Claude M.** "O Outro Lado do Poder". São Paulo: Nobel, 1984.
- _____. "Os Papéis que Vivemos na Vida". Rio de Janeiro: Artenova, 1976.
- TENDAM, Hans.** "Cura Profunda". São Paulo: Summus, 1993.
- _____. "Panorama sobre a Reencarnação". Vol. I e II. São Paulo: Summus, 1993.
- TANSLEI, V.** "Dimensões da Radiônica". São Paulo: Pensamento, 1986.

VERNY, Thomas e DELLY, John. *"A Vida Secreta da Criança antes do Nascimento"*. São Paulo: Editora C. J. SALMI, 1993.

WEILL, Pierre. *"Fronteiras da Evolução e da Morte"*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1979.

WAMBACH, Helen. *"Recordando Vidas Passadas"*. São Paulo: Editora Pensamento, 1993.

WILBER, Ken. *"O Espectro da Consciência"*. São Paulo: Cultrix, 1996.

_____. *"A Consciência sem Fronteiras"*: São Paulo: Cultrix, 1998.

WOOLGER, Roger, J. *"As Várias Vidas da Alma"*. São Paulo: Cultrix, 1994.

A revisão gramatical e sintática foi realizada pelo professor Antonio Nazareno Favarin e concluída em 08 de fevereiro de 2006.